

Padre  
Joaquim José da  
Rocha Espanca

M  
E  
M  
Ó  
R  
I  
A  
S  
D  
E  
V  
I  
L  
A  
V  
I  
Ç  
O  
S  
A



Cadernos Culturais  
da  
Câmara Municipal  
de  
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Vista Geral da Praça da República

NA CONTRACAPA:

Rua Câmara Pestana



NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.



MEMÓRIAS  
DE  
**VILA VIÇOSA**



## FR. JOSÉ MARQUES DE SANTA RITA E SILVA

Foi batizado na freguesia de São Bartolomeu a 14 de Novembro de 1782, sendo filho do 2º matrimónio de Manuel Marques da Silva, natural da vila do Teixoso, bispado da Guarda, com Felícia Joaquina, que nascera na Matriz do Alandroal e vivia no sítio das Vinhas Velhas, sendo lavadeira de roupas.

Era filha de Domingos Rosado e de Narcisa da Conceição.

Manuel Marques viera estabelecer-se em Vila Viçosa com loja de capela, e ultimamente era morador na Praça Nova por cima dos Paços do Concelho. Em 1773 elegeram-no alferes de ordenanças, posto que teve até 1798, em que foi exonerado por velho.

Achando-se viúvo de Francisca Luíza, desflorou a moça Felícia Joaquina e não fazia tenção de casar com ela; como porém naquele reinado de D. Maria I havia leis rigorosas para proteger a pudicícia das donzelas, Manuel Marques foi preso na cadeia pública, onde se conservou cerca de um ano com grave detrimento das drogas da sua loja, que entretanto esteve fechada.

Resolvendo enfim quebrar a sua obstinação, casou com ela a 17 de Outubro de 1779 e foi então que saiu da cadeia, para reabrir o seu estabelecimento comercial, meio arruinado principalmente quanto a drogas de lâ.

Depois de ter em 1780 um filho com o nome de Francisco houve em 1782 a Fr. José Marques como dito é; fê-lo admitir no Colégio dos Reis em Dezembro de 1790, contando ele 8 anos de idade, mas não chegou a conhecer a sua maior glória porque, sendo já crescido em anos faleceu em 2 de Novembro de 1798, estando ainda seu filho no colégio.

Fr. José Marques teve por mestre de música ao Padre Galão e por discípulos a Francisco Peres, Joaquim dos Reis, António José Soares e outros igualmente notáveis professores, mas ele era tido pelo melhor de todos.

A margem do assento da sua matrícula de colegial, escreveu o reitor José da Costa Calado esta nota:

*"Acabou o tempo com muito aproveitamento, e servio bem a cappella, e foi logo para frade de S. Paulo".*

Contava Francisco Peres e outros contemporâneos seus, que nas vésperas do saimento do colégio havia grande ciúme entre vários conventos de fra-

des, que lhe tinham oferecido a admissão pela prenda ou sem dote, pretendendo-o todos para seu organista. Resolveu porém ele mesmo o pleito um dia de improviso. Como era travesso (dizem), fez uma rebeldia no colégio e para ser castigado, fugiu para o Convento de São Paulo; os frades formaram logo conselho e lançaram-lhe o hábito no mesmo dia, não fosse caso que se mudasse para outro convento; em seguida mandaram-no para o Convento da Serra de Ossa, para ter ali o ano de noviciado e porque era já o melhor organista da congregação, passou a residir constantemente no Convento de São Paulo em Lisboa.

Conquistando em pouco tempo a reputação de ser o melhor organista e pianista do reino, o Príncipe Regente D. João fê-lo mestre director da Real Capela da Bemposta e do Real Coreto da Ajuda e a aristocracia de Lisboa solicita-o para frequentar as suas salas em dias de festa de família, andando atrás dele, conforme a expressão de um confrade seu e contemporâneo meu.

Chegado o ano de 1834 porém, Fr. José Marques ficou mal, pois foi expulso do seu convento e perdeu os seus empregos, porque era decidido miguealista. Não morreu de fome, porque bastava a sua habilidade para lhe grangear os meios precisos para a sua subsistência; mas devia ser-lhe muito penoso o ver-se metido numa casa modesta de aluguer e ter que tratar da sua alimentação quotidiana mediante o ministério de um criado, quando outrora vivia como fidalgo no seu convento, ocupando-se unicamente da música. Por isso viveu no século apenas três ou quatro anos, contando uns 55 anos de idade.

No Diário Ilustrado, nº 1446 de 19 de Janeiro de 1877 appareceu um esboço biográfico deste nosso patrício com o seu retrato, dizendo o seguinte:

*"Fr. José Marques de Sancta Rita e Silva nasceu no Alentejo; foi discipulo de João José Baldi, e mestre da Cappella da Bemposta no reinado do sr. D. João VI. O Cardeal Saraiva diz a respeito d'este artista: foi um grande tocador de piano e o mais disincto accompanhador de organ em todos os systemas de accompanhar. Foi também insigne compositor tanto de cappella, como de instrumental, e deixou muitas peças de sua composição, que mostram o seu grande merecimento.*

*Foi professor de differentes músicos distinctos, e entre outros, de Francisco Xavier Migone, de quem demos ha dias o retracto, e do sr. Manuel*

Innocencio dos Santos, que foi mestre de música de sua magestade El-Rei D. Luiz, e que o é actualmente de suas altezas, o Príncipe Real D. Carlos e o Infante D. Affonso.

Escreveu:

Música sacra - nove missas a 4 vozes com orquestra; motetes a diferentes vozes; um miserere; dois credos; Te deum handamus; Te deum a 4 vozes e órgão para se executar na cappella da Bemposta por occasião da chegada do Sr. D. João 6ª; psalmos com música de cappella; responsórios de Páscoa; matinas da exaltação da Sancta Cruz a grande instrumental; responsórios para a festividade dos santos reis em 1818; matinas de sabbado sancto; lamentações; miserere; etc..

Música profana - hymno dedicado a D. João 6ª; várias sonatas para piano; variação para piano sobre o thema - *Giála Notte S' Avisiva* (Zonberflote); etc..

Faleceu em 1837".

A isto juntarei eu algumas observações que não serão ociosas.

1ª Fr. José Marques não foi discípulo de Baldi, conquanto o imitasse no estilo de suas composições. O seu mestre foi o Padre Joaquim Cordeiro Galão, como dito é; mas em Lisboa estudou particularmente o contraponto, adquirindo livros dos tratadistas mais modernos, para se aperfeiçoar no officio de compositor.

2ª O catálogo de suas obras, exibido pelo Diário Ilustrado não é completo, como se vê dos seus etc; e de certo faltam ali, entre outras coisas os responsórios da festa de Corpus Christi, compostos expressamente para uso da Irmandade do Sanctíssimo de São Bartolomeu de Borba, que o gratificou por isso com 400\$000 réis, segundo a tradição.

3ª Dizia Francisco Peres, seu condiscípulo, que ele tivera um irmão, chamado Joaquim, músico também excelente e compositor o qual professara na Arrábida, mudando o seu nome em José; e que algumas obras deste se attribuem, por equívoco ao paulista.

4ª O temperamento de Fr. José Marques de Santa Rita era o sanguíneo; tinha o génio levantado e sua telha muito boa, como hoje se diz em linguagem chula: tanto que, se eu quisesse podia referir aqui muitas anedotas, que se contam dele, bem extravagantes.

Por isso mesmo as suas inspirações eram mais ajeitadas à música ale-

gre e profana, do que à sacra e sentimental: razão porque eu dou, em re-  
gra, preferência à música relegiosa do seu condiscípulo António José Soa-  
res, cujo temperamento se me afigura bilioso ou grave.

Com isto porém não quero deprimir a justa reputação do nosso ilustre  
patrício, cujo merecimento é incontestável; mas simplesmente expendem a  
minha crítica, visto cultivar também a bela arte euterpe e ser filho da  
mesma escola.

#### D. JOSÉ MARTINHO DE LUCENA NORONHA ALMEIDA E FARO

Filho do 1º matrimónio de D. Joaquim Eugénio de Lucena e herdeiro do  
morgado de Peixinhos.

Vivia habitualmente na Quinta de Peixinhos e ali enviuvou de D. Luzia  
Teresa Antónia da Costa Feio, filha de João da Costa Feio, em 25 de Ja-  
neiro de 1758, sendo ela sepultada na Ermida de Santo Ildefonso.

Passou depois a segundas núpcias com D. Rosa de quem teve descendên-  
cia.

Em 1799 vivia em Portalegre.

#### JOSÉ MARTINS COIMBRA

Alferes de ordenanças (?) que em 1789 morava na Horta das Marias.

#### JOSÉ MASCARENHAS PEREIRA

Nasceu nesta vila e teve por pais a Manuel da Fonseca e D. Brites. Foi  
aluno do Colégio dos Reis, para onde entrou em 13 de Maio de 1707 e como  
saisse bom tipo, mandou-o ir El-Rei D. João V, ao de três anos de curso,  
para a Sé de Lisboa.

Consta assim de uma nota marginal ao assento da sua entrada no sobre-  
dito colégio.

#### JOSÉ DE MATOS

Sendo pautado procurador do concelho para 1688, pediu excusa com a a-

legaçoão de ser alferes do exército regular e obteve-a em Fevereiro.

Casou em São Bartolomeu com Maria Gomes Ferrinha no ano de 1672 e teve descendência. (Notas)

Tiveram a Manuel de Matos. Viviam em 1716.

#### JOSE MIGUEL DE TORRES PENALVO

Começou em 1769 a exercer o lugar de tabelião em vez de seu irmão Fernando, filho de Moura.

Era calipolense de nascimento e salvo erro, filho de Lourenço de Torres Penalvo e de .....

Em 1780 era escrivão das sisas. Tinha já em 1779 o officio de tabelião de notas, que conservou toda a vida.

Foi vereador muitos anos (1788, 91, 93, 96, 99, 1803, 7, 8, 10, 11, 14 e 1817).

Casou com D. Ana Delfina de Oliveira, da qual teve a José Venceslau, que foi morar para Borba e outros filhos.

Possuía uma pequena capela da Ordem de Aviz, em que entrava a Horta de Alberto Vidigal e o farregial chamado-Chão da Ordem.

Faleceu na Matriz em 22 de Dezembro de 1828.

#### JOSE MONTEIRO

Foi procurador do concelho em 1722, 1725, 1730, 33, 35 e 38. Faleceu em 1740 sendo casado com Ana Maria (já era casado em 1705). (Notas)

Era filho de Cristóvão Monteiro e Catarina de Araújo.

#### JOSE MONTEIRO DE SA CORDEIRO

Tesoureiro da confraria da Conceição em 1772.

#### D. JOSE NICOLAU DE AZEVEDO COUTINHO GENTIL

Bispo titular de Zuara, 4º bispo deão sagrado, que teve a nossa Real Capela. Tomou posse do deado em 22 de Agosto de 1795 e faleceu no ano

de 1807 ou pouco depois, fóra de Vila Viçosa, talvez por causa da Guerra Peninsular.

Nada mais tenho colhido a seu respeito.

#### JOSE DE OLIVEIRA DA COSTA

Vedor geral da província de Trás-os-Montes em 1655.

Era filho de João Rodrigues de Oliveira e de Francisca de Azevedo ainda então viva.

#### JOSE PAULO CORDEIRO E SILVA

Foi procurador do concelho em 1821-22; como porém depois de 1834 deixasse de existir este cargo, foi eleito vereador em 1839 e 1840.

Tinha os officios de barbeiro e sangrador e alguns bens de raiz, que todavia não eram muitos.

Deixou filhos e filhas, de que há descendência.

Era filho de ..... e de Bárbara Joaquina a Rata.

#### JOSE PEDRO DE FIGUEIREDO

Em 1823 foi nomeado pela nossa câmara, capitão da guarda nacional, que morreu em Junho desse mesmo ano e em 1835 exerceu o cargo de vereador.

Este homem era adventficio. Aparecera em Vila Viçosa durante a Guerra Peninsular, como ajudante de comissariados; e travando relações com D. Maria Angélica, filha natural do P<sup>º</sup> Joaquim de Sousa e Menezes e perfihada por ele, como havida em tempo de ser leigo, casou com a dita senhora e estabeleceu-se em nossa vila com uma loja de mercearia donde lhe veio o nome vulgar de José Pedro da Loja-nova. Assim, depois de lhe correrem bem os negócios por algum tempo, correram-lhe mal e vendo-se pobre por último retirou-se para Abrantes, onde acabou na condição de tendeiro (se bem informado estou).

Teve do seu matrimónio a José de Sousa e Figueiredo a quem a sorte

favoreceu melhor e a D. Mariana Francisca D'Assis, que casou com o cirurgião Francisco Zeferino Mendes, ambos naturais e sempre residentes nesta vila.

#### JOSE PESTANA VALEJO DE MARIS

Era descendente da nobre família dos Valejos e filho de Lucas Pereira Pestana 2º (veja-se).

Foi vereador em 1751. Sendo nomeado vereador de barrete em 1753 para servir em lugar de seu tio Nicolau D'Almeida Valejo, obteve excusa por ser soldado de infantaria (L. 4 dos Reg. da Câm., fl.153,v.).

Faleceu em 16 de Janeiro de 1806, tendo o posto de tenente coronel de cavalaria. Era nascido em nossa vila e batizado em São Bartolomeu em 1732.

Em 1763 arrendou dez olivais seus e um lagar da Rua de Fóra.

Tinha lavoura em 1791, pois acho o contrato de arrendamento dos Paulistas da herdade da Asseiceira ou da Provença no terreno de Olivença.

Era tenente coronel reformado.

#### JOSE RAMALHO DA SILVA

Foi vereador em 1685, 1691, 1694, 1695 e 1702.

Tinha já falecido quando correu o ano de 1706.

Em 11 de Outubro de 1692 foi promovido a capitão de ordenanças, depois de ter sido alferes do mesmo corpo.

Era irmão de Miguel Ramalho da Silva e nascido em 1650 na Matriz.

Casou com Maria Andrade Maciel.

Faleceu a 25 de Maio de 1706.

#### JOSE DA ROSA

Curtidor de officio. E o nome de um burguês que florescia no meio do séc. 18º, dono de um olival no alto de Mau Freire onde há um poço, que se chama do seu nome e foi pai do vigário da vara Frei Vicente Pedro da Rosa, licenciado.

## JOSE DO ROSARIO

Faço aqui menção deste homem por ser ele um dos dois iniciadores dos tumultos de 1808 contra os franceses. Era então sineiro da Capela Real e em 1812 foi despachado mestre da torre sucedendo nesse cargo a seu pai Baltazar António dos Santos.

Depois de 1834 viveu muito pobre por não pagar a Casa de Bragança os ordenados aos serventuários da capela. Faleceu treze anos depois, a 21 de Dezembro, quando a dita principiava a dar meios honorários aos ditos empregados.

Casou com Maria das Dores e teve um filho e uma filha.

O filho varão Luís do Rosário, foi aluno do Colégio dos Reis, e safu bom cantor de tenor forte e barítono. Faleceu em 1899.

## Fr. JOSÉ DE SAN' BOAVENTURA PITEIRA

Irmão de Fr. António de Santa Gertrudes Piteira (veja-se) e frade Agostinho Descalço, como ele. Professou no Convento de Estremoz a 17 de Julho de 1785.

Nasceu em nossa vila, sendo filho de Francisco José Piteira. Depois de 1834, ao ser expulso do seu convento, ficou também residindo em Portalegre.

Dele faz menção o Padre Luís Pacheco nas Memórias de sua vida, escritos nas Leituras Populares, vol. X do 2º Decénio, a pág.307, diz ele que era professor de dogma e história eclesiástica no Seminário de Portalegre em 1845 e anos próximos. "*Sabia muita tteologia e todas as tri-cas da escolástica, observa o mesmo Pacheco; sou-lhe muito reconhecido; era meu amigo; e estimulava-me ao estudo com o bem que me tractava*".

Desta família não ficou descendência em nossa vila, apesar de serem muitos os irmãos, porque o organista Joaquim José e o lavrador Pedro José, casaram, mas não tiveram descendência; Lino José, capitão de ordenanças e D. Mariana, nunca tomaram estado.

## FR. JOSÉ DA SILVA

Vivia nesta vila em 1666; e nesse ano foi eleito escrivão da mesa da Misericórdia. Era freire de Aviz, segundo parece.

Foi despachado tesoureiro-mor da Capela Real e tomou posse a 28 do ano de 1684. Faleceu a 8 de Agosto de 1707.

## JOSÉ DA SILVA ESCOBAR

Professor de ensino elementar e complementar de Portalegre, que veio para o seu emprego em 1887.

Casou depois com D. Eufrásia.

## JOSE DA SILVEIRA E TORRES

Juíz de fóra de Castelo de Vide em 1713.

Natural da freguesia de São Bartolomeu e filho de Francisco Fernandes Botelho Bichoverde e de sua mulher Margarida de Torres da Silveira.

Tomou o grau de bacharel em leis e era juíz de fóra em Borba no ano de 1710, quando casou em Vila Viçosa com D. Maria Antónia da Cunha Coutinha.

Vinha a ser tio paterno de João de Torres da Silveira Bichoverde.

## JOSE DE SOUSA E FIGUEIREDO

Natural desta vila, onde nasceu a 4 de Dezembro de 1817; e filho de José Pedro de Figueiredo, natural de Canas de Senhorim e de sua mulher D. Maria Angélica do Carmo Sousa Menezes, que era dos Sousas da Rua de Santa Luzia por parte de seu pai Joaquim de Sousa e Menezes, falecido em 1815, sendo sacerdote e penitenciário da Real Capela; e este Joaquim de Sousa era filho ilegítimo de Tomé José de Sousa.

Na sua infância estudou gramática portuguesa e língua latina com o professor público José Honorário de Pádua Cardoso.

Feito alferes de ordenanças na adolescência, foi-lhe insinuado pelas autoridades da terra que assentasse praça no exército de D. Miguel I;

ele porém, não querendo abraçar este partido (que não era o de seu pai) uniu-se ao de D. Pedro em Lisboa e ali foi empregado nos comissariados.

Regressando à sua pátria com 17 anos, depois da Convenção de Évora-Monte, meditou estabelecer-se como logista à maneira de seu pai, mas achando cabimento no lugar de escrivão da câmara pela exoneração de José Duarte Cordeiro e Silva em 1835, desistiu daquele intento e passou a acumular também o cargo de escrivão da administração do concelho, acumulação que só lhe durou dois anos, findos os quais teve unicamente a escrevaninha da administração com o ordenado anual de 70\$000 réis e os emolumentos eventuais.

Conservou-se nesta posição cerca de vinte anos e casou entretanto com D. Maria Carlota, filha de João António Biga Nunes, da qual teve a Francisco Maria de Sousa e Figueiredo.

Com os interesses dos empregos referidos e mediante uma severa economia, sem faltar á decência da sua posição, como saiam usar os antigos, logrou ir adquirindo bens de raiz em progressivo aumento; de sorte que, ao ser demitido ali por 1858 do officio de escrivão da administração do concelho, por intrigas, achava-se já independente, exemplo sem igual nos funcionários civis, que ordinariamente gastam quanto recebem e tudo lhes parece pouco, porque não entendem o que seja economia.

Em Novembro de 1863 foi José de Sousa eleito vereador pela primeira vez e os seus colegas reconhecendo-lhe os talentos e prudência, não obstante ser vereador novo e ele soube mostrar numa gerência de seis biénios consecutivos que tinha as partes necessárias para dirigir o leme da nau do governo municipal, aumentando as receitas pelos modos mais suaves e menos vexatórios e realizando juntamente importantes obras de melhoramento no concelho, como consta dos respectivos anais.

No fim dos ditos seis biénios, que terminaram em 1875, declarou não querer mais continuar a ser vereador, tanto por causa dos desgostos que lhe trouxera a confirmação do acórdão da Junta de Paróquia da Matriz sobre a conservação do jazigo de Joaquim Luís Fernandes, como por ter já servido muitos anos o município e dar-lhe já bem com que se entreter a administração da sua própria casa, melhorada sempre de ano para ano.

Não houve eleições municipais para o biénio de 1877-78 e descançou então, porque o governador civil nomeou uma comissão administrativa com

posta de indivíduos da parcialidade oposta, chegadas porém as novas eleições para o biénio de 1778-79, tornou a ser eleito vereador e se es teve excluído da presidência nos primeiros três meses do ano de 1778, foi isso devido a uma emboscada que consta do anal respectivo.

Depois disso até o presente sempre tem tido a presidência por consenso unânime de seus colegas (1883); e sem ele o ambicionar antes declarando sempre que deseja retirar-se á vida privada.

Faleceu em 24 de Março de 1896 pelas 6 horas da tarde, deixando sómente um filho, Francisco Maria de Sousa e Figueiredo.

#### JOSE DE SOUSA E MENEZES

Era 6º administrador da casa vincular dos Sousas da Rua de Santa Luízia, fundada por Pedro de Sousa de Brito (veja-se este nome).

Nasceu nesta vila a 17 de Janeiro de 1741, sendo filho de Tomé José de Sousa e de sua mulher D. Maria Próspera de Menezes.

Em 1768 era capitão do Regimento de cavalaria de Olivença e trinta anos depois tinha o posto de coronel de milícias da comarca de Aviz, sendo juntamente fidalgo cavaleiro da casa real e comendador da Ordem de Cristo. Juzf da confraria da Conceição em 1771.

Nunca serviu cargos municipais, mas teve sempre a sua casa em Vila Viçosa, trazendo as suas herdades cultivadas por sua conta.

Casou no ano de 1761 com D. Josefa Francisca de Saldanha e Noronha filha de António de Saldanha de Oliveira e Sousa e de D. Francisca Antónia de Azevedo Corte Real, de quem teve a D. Mariana Vitória e D. Maria Francisca, nascidas em Évora e D. Francisca Rosa e D. Ana Benedita de Menezes, nascidas em Vila Viçosa.

Esta última casou em Braga no ano de 1790 com Manuel Falcão Cotta de Menezes e deste matrimónio procedeu D. Maria Francisca de Saldanha, que depois veio a casar com seu tio José António de Sousa e Menezes (veja-se).

As outras não tiveram descendência.

Passando a segundas núpcias com D. Sebastiana Maria José da Silveira, natural de Borba, teve dela os seguintes filhos: José António de Sousa e Menezes, que sucedeu na casa, D. Próspera Benedita de Sousa Me

nezes, nascida em Vila Viçosa no ano de 1793 a 22 de Abril, a qual foi freira no Convento da Santa Cruz, onde acabou em 18 de Março de 1879 sendo prioreza dotado por sua mãe em 1813 com a pensão anual de 50\$ com hipoteca na Herdade da Lagoa e D. Maria do Carmo Sousa e Menezes, nascida em 1797 a qual casou com o coronel de cavalaria João Borges de Cerqueira Alpoim, mas não teve descendência.

Ouvi a pessoas antigas, que só esta última nasceu depois de effectua do o matrimónio, sendo os dois primeiros legitimados no acto do dito matrimónio, como havido antes dele.

José de Sousa e Menezes faleceu em 7 de Maio de 1801.

#### JOSE DE SOUSA PAIS

Escrivão e tabelião em 1770.

#### JOSE DE TORRES FERREIRA HOMEM

Alferes de cavalaria de Évora em 1782. Tenente em 1797.

Era dos Torres da casa do Arco da Rua de Santa Luzia; e bastardo filho de Manuel Lopes de Torres Ferreira Homem, que o reconheceu por não ter filhos legítimos.

Foi sargento mor de cavalaria do exército.

Possuiu a capela instituída por seu avô João de Torres Ferreira Homem. Escrivão mesário em 1813.

Casou com D. Joana Rita, da qual não teve descendência, mas houve bastardo a José Maria Torres, de uma mulher da família obscura dos Tabbarras e legitimou-o.

Faleceu em 1823 na freguesia de São Bartolomeu e sua mulher um ano depois.

Foram sepultados em Santo Agostinho.

#### JOSE DE TORRES VAZ FRADE BICHOVERDE

Foi vereador em 1795, 1802, 1805, 1807 e 1808. Neste mesmo ano foi eleito capitão de ordenanças e pouco depois (a 27 de Abril) acabou a

vida por se lhe disparar a carabina, que lhe caíra de cima da albarbadura de uma burra, em que saíra ao campo.

Foi isto pouco além da aldeia. Levava a carabina diante atravessada um burro persegue-lhe a burra, esta desorienta-se, a espingarda tomba; e ao bater o couce no chão, dispara-se e atravessa o cavaleiro.

Sirva este facto desastroso de lição aos que portam armas de fogo.

Com elas todo o cuidado é pouco.

José de Torres era filho de João de Torres da Silveira Bichoverde (veja-se) e foi batizado em São Bartolomeu no ano de 1771.

Casou com Francisca Vitória (D.), afilhada de Pedro Pazes Vieira da Silva, de quem teve a António Maria Torres e a D. Maria do Carmo, que casou com o capitão de cavalaria Francisco António Pinheiro. Esta não deixou descendência, mas seu irmão teve duas filhas, que casaram com artistas.

#### FR. JOSÉ DE VARGE

Este é o nome de um capuchinho, cujos ossos descansam no cemitério de Bencatel e, porque o seu nome se tornou célebre pelos seus conhecimentos em metafísica e mais ainda pela sua virtude, vou deixar consignados aqui alguns traços biográficos do nosso frade, segundo o que tenho ouvido relatar a pessoas que trataram com ele.

Nasceu em Varge, freguesia e ribeira suburbana de Elvas, onde estudou filosofia com o Padre António José da Costa Velez, professor público e prior da Matriz do Redondo.

Seus pais eram pessoas piedosas, mas de humilde nascimento, como qua se todas as que vivem pelos campos.

Dedicando-se á vida eclesiástica, tomara ordens sacras até o diaconato e foi então que resolveu entrar para a ordem capucha no Convento de Santo António extra muros da mesma cidade.

Como relegioso e obrigado por voto especial a obedecer aos preceitos de seus superiores, recebeu a ordem do presbiterato, que ele recusava por seus muitos escrúpulos, julgando-se indigno de a exercer.

Não sei se foi guardião ou superior de algum convento provincial de

certo, não o foi; porque os seus correligionários temendo a austeridade e rigidez de seus costumes, contentaram-se em conferir-lhe somente as honras do mesmo cargo.

O seu emprego, em quase toda a sua carreira de frade, foi o de professor de filosofia (metafísica) na província da Piedade, cuja era a sua, assistindo por isso já no Convento do Bosque de Borba, já no de Vila Viçosa, conforme num ou noutro se achava estabelecido o colégio de estudos para noviços.

Entretanto pregava com frequência, fazia missões e vias sacras e entretinha-se com outros actos do culto público, além das suas devoções particulares.

Tinha um génio forte, filho do seu temperamento grave e melancólico e contudo era obediente aos seus superiores, conservando aliás sempre um respeito inviolável ao prior do Redondo, seu mestre de filosofia.

Citam-se exemplos disso. Numa ocasião deixava fr. José crescer excessivamente as barbas e porque o provincial, julgando-se de uma virtude inferior, não se atrevia a repreendê-lo, cometeu a correcção ao dito Padre Velez, que indo visitá-lo, disse-lhe à despedida: "*Padre Mestre, note eu não pensei em vir visitar a um monge, mas sim a um frade menor ...*"; e mais nada. Tanto bastou para que ele no outro dia requeresse o barbeiro do convento para lhe rapar a barba!

Noutra ocasião rezava fr. José as horas canónicas com o seu breviário na mão e dizia e redizia os salmos, dominado por infindos escrúpulos como sempre; de sorte que ouvindo-lhe seu mestre começar três vezes a oração que principiava - *Omnipotens Sempiternus Deus*, tornou à sacristia, onde ele estava rezando e disse-lhe: "*Eu que sou homem, já ouvi três vezes; quanto mais Deus que até ouvi os invisíveis!*..." e logo fr. José de Varge prosseguia na recitação do breviário sem tornar jamais atrás.

E de facto extremamente escrupuloso para rezar vésperas fora do coro, por exemplo preparava-se com o breviário na mão e para firmar a intenção, atenção e devoção começava assim, benzendo-se: "*Eu quero rezar vésperas*". Depois tossia ou escarrava e repetia duas ou três vezes: "*Eu quero rezar vésperas*"; e assim vinha a gastar imenso tempo nestes devotos exercícios.

Na celebração da missa era ainda maior o seu escrúpulo, razão por que nos seus últimos dias disse muito poucas. Levava uma hora a preparar-se; outra pelo menos a dizer a missa e outra a dar graças no fim dela.

Quanto aos seus conhecimentos filosóficos, é fama constante que fôra a Beja para tomar parte na defesa de umas conclusões públicas, presididas pelo bispo da cidade D. Fr. Manuel do Cenáculo, de ilustre memória. Quando ele entrava no edifício da academia disse algué[m], vendo-o entrar de alforge ás costas (pois nunca montou a cavalo durante a sua profissão relegiosa): "*Além vem a philosophia d' alforge!*", mas no calor da dialéctica, em que reptou o próprio bispo e o apertou com lucidíssimos argumentos, fez exclamar aos circunstantes: "*Não é philosophia de alforge; é um alforge de philosophia!*". Dizem que se propusera Fr. José defender cinco proposições ou conclusões sómente, recusando entrar no debate de sexta para não ser nomeado vogal da Real Mesa Consórcia dos Livros Proibidos.

É isto o que me afirmou Fr. Vicente Largo, seu discípulo, residente em Borba.

Estava Fr. José de Varge octogenário ou quase, quando em 1834 foi expulso do Convento de Vila Viçosa, onde se achava por funcionar aqui o colégio dos estudos da província. Dirigiu-se então para a vila do Alandroal, onde tinha um primo, de quem procedem os Barbas, vulgo Gingas e ali, por não ser já tolerado no reino o porte de hábitos fradescos, mandou talhar uma loba ou túnica de clérigo com sua murceta, sendo tudo feito de um hábito seu de burel e vestindo esta espécie de ferragoulo, foi apresentar-se ao provedor do concelho, um tal Barradas boticário, natural da mesma vila (de quem eu conheci um filho chamado José Cândido), para que o dito magistrado verificasse a forma da túnica e o certificasse da legalidade civil do seu uso.

Com tanta humildade o fez, que o Barradas confundido lhe disse com viva comoção: "*Oh meu padre: no meu districto ande V. Rev<sup>ma</sup>. como quiser, porque eu nunca me importarei com isso!...*".

Às vezes perguntava quem tinha o governo do reino; mas nisso ficava, porque desconhecia inteiramente as paixões políticas.

Por não ser molesto a seu primo Ginga, ia passar algum tempo a Vi-

la Viçosa em casa de D. Maria Vicência de Valadares, viúva do cirurgião Mira e do capitão Misurado, albergando-se num quarto rasteiro que se acha ao pé da cocheira, no Rossio, entre as Ruas de Fr. Manuel e António Homem e outras vezes recolhia-se a casa de Maria Joaquina de Andrade, nesta aldeia de Bencatel, mulher solteira e de tanta virtude como eu ainda não conheci outra. Em casa desta é que ele quis falecer; e digo quis, porque o prior actual António das Dores e Figueiredo, paulista secularizado e natural de Borba, me afiançou que não quisera morrer no Alandroal porque o prior dali Padre Fr. José da Silveira Couto Pansco, vulgo Calote, natural também de Borba, era pároco intruso e portanto carecia de jurisdição no fôro interno.

Veio pois para Bencatel na quaresma de 1840 e aqui se demorou até que lhe chegasse a morte em 1841. Foi a 12 de Março, alta manhã.

A história do seu passamento e enterro foi assim. Confessou-se (o que fazia com frequência); e falando-lhe a sua hospedeira em viaticar-se, respondeu que ainda era cedo.

Alguns dias depois pediu ele mesmo o sagrado viático e a extrema unção; pediu mais que lhe ajudassem a vestir um hábito que guardara, para sua mortalha e depois de sacramentado conservou-se na enxerga descalço, com as mãos metidas nas mangas do hábito, sem tomar coisa alguma e nem sequer água, até que expirou depois de recitar incessantemente salmos e orações.

Maria Joaquina dispôs-lhe o enterro para a tarde seguinte, com a modestia dos enterros das freguesias rurais, mas por uma coincidência notável, quando o sino da paróquia tocava a chamar os irmãos das duas irmandades da mesma, descia pela Serra da Vigária uma caravana de capuchos secularizados e músicos residentes em Borba; pela estrada de Vila Viçosa desfilava outra igual e da parte do sul encaminhava-se para cá outro grupo que vinha do Alandroal todos espontâneos, sem que se tivessem feito convites e só porque lá havia chegado a notícia do falecimento deste digno discípulo de São Francisco de Assis, verificando-se mais uma vez o que dissera o elesiástico: "*Timenti dominum beve erit in extrenis, et in die defunctionis suae benedicetur*" (cap. 1).

Ordenado o préstito fúnebre, ocupou toda a distância de meio quilo-

metro, que tal era a compreendida entre a casa de Maria Joaquina (com seu sobrado) no meio da Rua da Lagoa e a Igreja Paroquial, indo psalmeando acima de vinte sacerdotes; fizeram-lhe officio de sepultura cantado e deram-lhe sepultura no adro, de frente da porta da mesma igreja, que ao tempo servia de cemitério, por se não ter feito ainda o existente.

Entre várias pessoas lhe cortaram pedaços de hábito para relíquias de lembrança, que ainda guardam com suma devoção. Depois mandou a sua hospedeira pôr sobre a sepultura uma lousa de mármore de Montes Claros; o que aliás não ordenou para si, quando faleceu em 1871, mas não se lhe abriu epitáfio, porque tal prática era reprovada pela regra franciscana.

O elogio fúnebre fez-lhe o prior de Bencatel no registo óbitos, onde lançou o assento seguinte:

*"No dia doze de Março de mil oitocentos e quarenta e hum annos, n' esta parochial igreja de Santa Anna de Bencatel, termo de Villa Viçosa, foi sepultado no adro gratuitamente o corpo do P.<sup>o</sup> M. Fr. José de Varge, relegioso da província da Piedade, leitor de filosofia, e Padre digno da mesma província, tendo edificado toda esta freguesia com seu irreprehensivel comportamento pelo espaço de hum anno; depois de ter assombrado em seu saber e illustração toda a sua corporação, terminou aqui a sua carreira, depois de ter sido fortificado com os sanctos sacramentos, que recebeo com a maior disposição, bem própria de seus abalisados conhecimentos e para constar fiz este termo que assignei. Bencatel, dia ut supra.*

*O Prior o P.<sup>o</sup> António das Dores e Figueiredo".*

Direi já agora o resto desta história.

Por se attribuirem a Fr. José algumas graças miraculosas e o terem nestes arredores como santo, houve sempre muitos desejos de que a sua sepultura fosse aberta um dia, para se observar em que estado se achava o seu cadáver; pois muitos o reputavam incorrupto. Eu fui sempre o posto a esta vã curiosidade, por confiar em que o corpo se corrompera visto que a incorruptilidade não é privilégio senão rarissimo de algum santo e mais oposto ainda por se falar em transferi-lo para o cemitério, porquanto o túmulo no adro era para ele muito mais gloriosa se

pultura. Tantas foram porém as instâncias de fiéis da aldeia e de fora que meu irmão, prior de Bencatel ao tempo, cedeu e fez-se legalmente a abertura do sarcófago em 25 de Novembro de 1877 no meio de um numerosíssimo concurso de gentes.

O resultado foi encontrar-se o cadáver corrompido, sobre existindo apenas dois bocadinhos de burel do hábito, além da ossada que foi recolhida num caixão de madeira, forrado de negro e agalado. Levado este para a igreja, pôs-se numa eça decente, para no outro dia se cantar um officio fúnebre e no fim de tudo foi conduzido ao novo túmulo do cemitério, singelo monumento de alvenaria, sobre o qual se colocou a lousa antiga.

Como a curiosidade estava já satisfeita, cessou o empenho de lhe ornar o túmulo, como era de justiça; mas eu, não querendo que os vindouros desconhecessem o seu conteúdo, abri-lhe por minhas mãos com uma goiva o seguinte epitáfio.

*"Aqui jazem os ossos do Ven. P. M. Fr. José de Varge, capuchinho de muito saber e virtude. Em 25-11-1877 foram trasladados do adro, onde fôra sepultado em 12-3-1841.*

*Requiescat in pace". (Em abreviatura)*

#### FR. JOSE VAZ TOURO

Era natural de Castelo Branco e filho de um estalajadeiro, segundo ouvi. Professou na Ordem Militar de São Bento de Aviz, como freire de missa, a fim de ser provido nos benefícios do seu padroado e veio logo para esta vila por beneficiado - cura da Matriz (ano de 1810). Depois de ser prior de Juromenha dois anos, passou a ocupar o lugar de prior da referida Matriz em Março de 1816, lugar que exercitou até 8 de Setembro de 1867, em que terminou a sua carreira contando 84 anos de idade.

Veio para esta vila com boa estrela; pois, não sendo homem instruído, mas simplesmente vivão, delicado e atencioso chegou a ocupar importantes posições, como as de provisor e vigário geral do exempto da Condição, vogal da comissão administrativa da Misericórdia e ultimamente de vigário da vara por muitos anos.

A memória deste varão, bem como a de outros forasteiros que serviram cargos elevados, ponho eu aqui principalmente, para que os vindouros, achando seus nomes em documentos públicos, possam deles ter algum conhecimento pessoal exacto.

Tanto uma irmã sua, como uma sua sobrinha e herdeira, nunca tomaram estado e por isso não resta já em nossa vila pessoa alguma da sua geração.

#### JOSE VICENTE DE OLIVEIRA

Tabelião em 1781.

Tomou posse do posto de capitão de ordenanças em 23 de Outubro de 1784, mercador e foi exonerado por velho em 1808, quando se reorganizou este corpo, a fim de poder auxiliar o exército na campanha que então começava contra os franceses.

Era filho de Manuel da Ascensão da Oliveira e sobrinho do ajudante Francisco Inácio de Oliveira.

Contratou em 1791 casamento com Ventura Felizarda de Figueiredo.

Teve um officio de tabelião de notas.

Faleceu em 20 de Fevereiro de 1811, sendo casado com D. Ventura Felizarda e freguês de São Bartolomeu.

#### D. JOSE XAVIER DA SILVA LOBO

Nasceu nesta vila a 10 de Maio de 1812 e faleceu em igual dia do ano de 1883.

Era filho 2º varão de D. Francisco Xavier da Silva Lobo (veja-se).

Assentando praça em 1826, emigrou para Espanha com seu pai na divisão do Brigadeiro Maggesi e subindo postos ao serviço de D. Miguel I achava-se feito capitão da real policia de Lisboa, quando em 1834 se effectuou a Convenção de Évoramonte.

Depois disso tomou para a sua pátria e viveu solteiro sempre, em companhia de seu pai até à morte deste, e de sua irmã D. Ana Benedita.

Desde 1848, exepctuando o tempo dos juzfes ordinários bachareis, foi sempre juzf ordinário em nossa vila.

Era homem vivão e de bom trato, de sorte que captava a benevolência dos seus patrícios, que em regra todos o estimavam.

Foi um daqueles a quem muito prejudicou a queda do trono de D. Miguel I, aliás teria chegado a empunhar o bastão de general.

#### D. JOSEFA VICENCIA DE TORRES PENALVO

Veja-se Inácio de Sousa Barbosa.

Em, 1776 renuncia a propriedade do officio de escrivão da câmara em seu sobrinho João António de Carvalho Sameiro, de Estremoz.

#### JULIO DE MELO E CASTRO

Era sobrinho do 1º Conde das Galveias.

Em 1674 era irmão do S. S. mo. da Matriz.

Era official militar e viveu a maior parte do tempo nesta vila sendo solteiro. Houve, porém um filho natural de Maria Correia que foi baptizado em São Bartolomeu no ano de 1682, como filho de António de Melo de Castro.

Foi eleito provedor da Misericórdia em 1676. Nasceu em Goa, quando seu pai governava o estado da Índia.

Faleceu em 1721 com 63 anos de idade sendo académico eleito para a Academia Real da História Portuguesa (Dic. Bibliogr.).

Júlio de Melo teve duas filhas naturais, que professaram na Esperança em 1697 com dotes de 34\$réis que ele deu. Chamavam-se Ana Maria e Antónia Agostinha. A esse tempo já ele morava em Lisboa.

Casou depois com D. Bárbara Josefa Corte Real, que viveu em 1728 em Lisboa.

#### LAZARO RIBEIRO

Criado da Casa de Bragança. Teve a Comenda de Santa Maria da Caridade do termo de Monsaraz; e achou-se na Batalha de Alcácer Quibir em

1578 (Parnaso de Vila Viçosa, L.2, cap.33; e Hist. Geneal., Tomo 6, pág.309). Era casado com Maria de Gouveia e tinha já filhos. Enviuvou em 1600.

#### LAZARO RIBEIRO DE CASTRO

Seria filho de João Vasques Ribeiro (?) e de D. Maria de Castro, mórador na casa de A. de Gouveia. Senhor da Herdade de São Romão em 1633 e 1672.

Em 1642 era casado com D. Catarina Mascarenhas.

Era comendador na Ordem de Cristo em 1645. Foi eleito capitão de ordenanças em 1641 e exerceu o cargo de vereador em 1646, 1650 e 1657 e foi tesoureiro da Misericórdia em 1651-52. Em 1645 obrigou-se a dar 20\$ réis anuais ao Recolhimento de S. Manço em Évora para se recolher ali, sua sobrinha D. Manuela de Castro.

Quanto ao primeiro lugar (o de capitão) poucos anos o conservou.

Em 1674 por escritura de 13 de Abril nomeou em seu sobrinho D. João de Souto Maior faveiro o morgado da capela, instituída por Gaspar Dias Fureiro e sua irmã Catarina Dias Fureira com sua sobrinha Cecília Fureira. O primeiro D. João residia em Vila Real (de Trás-os-Montes ?) e era filho de sua prima Filipa.

Faleceu em São Bartolomeu, com testamento a 14 de Maio de 1675 e foi sepultado em Santo Agostinho.

#### LEONOR DE ABREU

Viúva de Marcos Correia em 1630.

Instituiu no dito ano uma capela de missa quotidiana sob administração da irmandade do Sacramento, em São Bartolomeu, dotada com 2 m<sup>o</sup>ios de trigo, 8 alqueires de azeite da fazenda que se compra-se com mais 100 cruzados.

#### LEONARDO MENDES DE ALMEIDA

Veja-se Lopo Vaz de Almeida.

Depois da morte de seu pai tomou para esta vila onde já vivia em 1684. Não sei se nasceu em Lisboa. Era senhor da herdade da Água-fria.

Trouxe para cá a sua mãe viúva D. Maria de Vanguerne, que ainda viveu muitos anos. Casou cá em 1684 com D. Antónia Pereira Mascarenhas, filha de Estevão Mascarenhas, a quem sua tia materna D. Isabel Sanches dotou com todos os seus bens para esse fim.

Morava então Leonardo na sua Herdade dos Cordeiros.

Em 1711 dotou a sua filha D. Mariana Pereira Mascarenhas em 10 mil cruzados para casar Luís Pegado de Resende, de Elvas.

Para isso empenhou a sua Herdade da Peroleira (Pero Leira) em 4\$ cruzados a seu cunhado Pedro Mascarenhas com a condição de que não os pagaria e que dentro de 6 meses ficaria o cunhado com a herdade. E assim aconteceu.

Vivia em 1718. Testou em 1735 estando cego.

Ficaram dois filhos, Lopo Vaz de Almeida e D. Josefa Francisca de Almeida. Mandou sepultar-se na capela de S. Nicolau com o hábito de S. Francisco.

#### LEONOR DA CRUZ

É uma das flores, com que Frei Luís dos Anjos compôs o seu Jardim de Portugal; chamava-se no século Leonor da Fonseca.

Professou a regra de Santo Agostinho no Convento de Santa Mónica de Évora, para onde fora de curta idade, e voltou dali em 1525 ou 1527 com a Madre Margarida de Jesus e outra companheira, para cá fundar o Convento de Santa Cruz da sua pátria.

Era sobrinha paterna da sobredita Madre Margarida, como filha de Alvaro Afonso Tarouco e de Beatriz da Fonseca.

Teve depois dela o cargo de priora por espaço de 35 anos (1538 - 73), sendo assim a 2ª prelada deste convento.

Faleceu em 1583 a 16 de Outubro. O seu elogio está no dito livro sob o nº. 120. Foi a primeira que professou no dito convento a 27 de Dezembro (a 27 de Dezembro de 1529).

## LEONOR DE DEUS

Natural da freguesia de São Bartolomeu, filha legítima de Álvaro de Miranda Henriques.

Professou freira no Convento de Santa Cruz a 11 de Março de 1679 por vocação própria, abraçando a vida relegiosa e enclausurada com tanto gosto, que todos os dias renovava os votos da sua profissão; se encontrava outra freira tanto da sua própria vontade, como ela.

Assim consta de uma nota, posta ao assento da sua profissão no livro conveniente.

Foi prioresa. Faleceu em 12 de Dezembro de 1716.

Consta do testamento de D. Francisca de Noronha que ela a criara em sua casa por ser parenta de seu marido Rui de Sousa. Chamava-lhe Mariquita, porque o seu nome de batismo era Maria e deixa-lhe bens até a renda anual de 40\$000 para ser freira. Morreu em 1648.

## LEONOR DO ESPIRITO SANTO

É outra flor do mesmo Jardim de Portugal, formado por fr. Luís dos Anjos, que em conformidade com o seu sobrenome, dedicou-se a recolher noticias destes anjos de castidade, clausura e oração para glória de Deus e honra do nosso reino.

O seu elogio está no dito livro com o nº. 124. Era filha do Dr. Fernando de Moraes, desembargador do Duque D. Jaime, que a entregou à fundadora do Convento da Santa Cruz (Madre Margarida), tendo ela apenas cinco anos de idade. Foi duas vezes prelada. Houve ali posteriormente outras freiras do mesmo nome.

## LEONOR PIRES

Esta foi terceira de São Francisco e fundadora do Recolhimento de Claustrais (Terceiras também), instalado na casa, onde se edificou mais tarde a Igreja de Santo António.

Era celibatária e de muita virtude.

Fundando o mencionado recolhimento em 1576, agregou a si outras mu

lheres do mesmo espírito, com as quais fazia vida de perfeição cristã, e foram: Joana da Cruz, Sebastiana Dias e Margarida da Conceição. Faleceu em 1522.

Mais tarde juntou-se o dito recolhimento, que se intitulava de Santo António, com o de Nossa Senhora da Esperança e ambos serviram de elementos para se constituir depois o moderno Convento da Esperança, de freiras da 2ª regra de São Francisco ou de Santa Clara.

Esta notícia é da Crón. Seraf. da Prov. dos Alg., Tom. 4.

#### LINO JOSE PITEIRA

Filho de Francisco José Piteira e irmão de Fr. António de Santa Gertrudes Piteira (veja-se), etc..

Foi eleito alferes de ordenanças em 24 de Setembro de 1796, ali por 1812 tinha subido a capitão e em 1821 era o mandante do corpo na falta do sargento-mor, por ser o mais antigo.

Demitiram-no em 1830 por ser pedrista ou liberal.

Faleceu em 1834, sendo solteiro, na casa paterna e em companhia de sua irmã D. Mariana.

#### D.LOPO DE ALMEIDA

Filho de D. Luís de Almeida e de D. Maria Corte Real de Melo e Castro. Foi batizado na Matriz em 1688.

#### LOPO DE ARAÚJO

Em 1639 vivia cá um Lopo de Araújo, casado com Isabel da Costa e vende um olival, mas era falecido em 1653, sobrevivendo a mulher.

Natural da freguesia de São Bartolomeu, onde foi baptizado no ano de 1615. Era filho de Manuel de Araújo e de Catarina Fernandes.

Em 28 de Abril de 1646 foi eleito ajudante do terço ou corpo de ordenanças. Em 10 de Julho de 1649 teve mais o cargo de quartel-mestre da nossa praça de armas e em 28 de Janeiro de 1651 tomou posse da suprintendência das obras da fortificação da mesma praça. Casou com Fran-

cisca Rodrigues.

Não era o primeiro deste nome em nossa vila. Em 1609 casara já na Matriz um outro com Isabel da Costa, parenta sua. Na Matriz faleceu um talvez o antecedente em 1641.

#### PADRE LOPO GARCIA

Capelão do Duque D. Jaime o que confessou a duquesa adúltera e seu cúmplice em 2 de Novembro de 1523.

Faleceu em 25 de Outubro de 1523 e deixou alguns bens à Misericórdia, mas com o encargo de uma trintanária anual de missas por sua alma.

Entre esses bens figurou umas casas na Corredoura onde morava e outros prédios, a Herdade da Faia, etc..

Parece-me ser calipolense de nascimento.

#### LOPO GARCIA DE ARCA 1º

Foi ilustre cavaleiro em tempo do Condestável D. Nuno Alvares Pereira.

Sendo perseguido num recontro pelos castelhanos e não querendo largar a bandeira que tinha nas mãos, sofreu que lhas cortassem antes. E assim acabou gloriosamente a vida, sacrificando-a como herói, no altar da redenção da pátria (último quartel do século XIV).

Esta notícia é do Parnaso de Vila Viçosa, L.2, cap. 42.

#### LOPO GARCIA DE ARCA 2º

Faz dele menção o autor do Parnaso de Vila Viçosa, dizendo que era ilustre no manejo das armas, e no mundo pelas letras (L.2, Cap.43).

Este julgo acreditar que seja aquele Dr. Lopo de Arca, de quem fala Barros na Dec. II (vol. 3, pág. 299), pai de Luís Machado, que andou com Afonso de Albuquerque no estreito do mar Rôxo em 1513.

## LOPO FERNANDES DE VILALOBOS

Vivia na Matriz na 2ª metade do século XVI, sendo casado com Isabel Vaz ou Robles, mas julgo ter sido casado primeiramente com Ana Dias Penates. Já era falecido em 1601.

Era filho de Bráz Fernandes de Vilalobos, segundo creio, e cavaleiro da Casa de Bragança.

## LOPO GARCIA FERNANDES DE VILALOBOS

ou

## LOPO GARCIA DE VILALOBOS

Era filho de Bráz Fernandes de Vilalobos 2º e de sua mulher Maria Alves e foi baptizado na Matriz em 25 de Outubro de 1600.

Em 3 de Agosto de 1631 sua mãe já viúva, dõa-lhe a capela instituída por Ana Dias Penates, mulher de Lopo Fernandes de Vilalobos, seu avô e que constava da Herdade da Fonte da Ameixieira no termo do Alandroal e mais sete prédios menores.

Elegeram-no capitão das ordenanças montadas em 20 de Julho de 1644 e serviu o cargo de vereador em 1656, tomando por isso parte nas exéquias de El-Rei D. João IV, como pode ver-se na 1ª parte destas memórias.

## LOPO DE SOUSA

Acha-se memória desta personagem a pág. 652 do tomo 6 da Hist.Gene.

Veio ele para Vila Viçosa, ao que parece, em tempos do Duque D. Fernando II, porquanto foi aio de seu filho e sucessor o Duque D. Jaime e também veador da casa deste último.

Era, como devia supor-se, fidalgo da Casa de Bragança e senhor do Prado, Pavia, Baltar, etc..

Mais ilustre nome lhe deu, porém, aquele seu filho de imortal memória - o grande Martim Afonso de Sousa.

## LOPO VAZ DE ALMEIDA 1º

Vivia entre nós em 1583, contando 30 anos de idade.

Era moço da guarda-roupa do Duque D. Teodósio II ou coisa semelhante.

Dotes de 400\$ réis fora as propinas ( ... ) quinhão da Herdade dos Currais no termo de Elvas reputado em 150\$ réis.

Foi irmão da mesa da Misericórdia em 1588 - 89 e serviu como escrivão. Tinha boa letra. Nesse ano arrendou a sua comenda de São João de Guadramil em 6\$ réis anuais (notas).

Casou com D. Leonor de Castro da qual teve a André Mendes de Almeida e muitas filhas, que professaram freiras nas Chagas, excepto D. Catarina da Silva, que casou com Manuel de Lemos.

Depois de viúva, ou cerca de 1603, D. Leonor passou a segundas núpcias com Rodrigues Roiz, secretário do duque.

## LOPO VAZ DE ALMEIDA 2º

Natural desta vila e filho de André Mendes de Almeida e de D. Ana Cordeira e neta do anterior.

Este seguiu a corte para Lisboa e lá estava já quando seu pai faleceu (1651 ou antes).

Assistiu ás bodas do Duque D. João II em 1633, contando já os seus 25 anos, pois fora baptizado em São Bartolomeu a 28 de Maio de 1607.

El-Rei deu-lhe o morgado de Gabriel de Brito Menezes, que fora confiscado para a coroa e que já disfrutava em 1652.

Em 1667 foi eleito procurador nosso às cortes de Lisboa com Estevão Mendes da Silveira, mas residia já em Lisboa desde 1641, sendo guarda-roupa da Casa Real. Era casado com D. Maria Vanguerra da qual teve a Leonardo Mendes de Almeida, André Mendes de Almeida e a D. Josefa Maria de Almeida, que foi freira na Esperança da nossa terra.

Deram-lhe por administração em 1658 os bens de Gabriel de Brito Menezes, que haviam sido sequestrados por se ausentar para Castela em 1640, mas pagava ao fisco 20\$000 réis e um moio de trigo por ano até que disso foi revelado em compensação de uma tença prometida e não cumprida, durante tal benefício até o ano de 1681.

Em 1669 continuava em Lisboa. Era falecido em 1678 e já seu filho Leonardo Mendes de Almeida administrava os seus morgados e o de Gabriel de Brito, morando também na capital do reino. Teve também a D. Josefa Francisca de Almeida que em 1684, estava recolhida na Esperança. Teve também a André Mendes de Almeida, ainda solteiro em 1686.

Houve um 3º do mesmo nome que nasceu em 1689, filho de Leonardo e de D. Antónia Maria, e que casou com D. Brites Camila Carvalho de Almeida, do Alandroal. Esta morreu viúva em 1774 na freguesia de São Bartolomeu. Ele tinha falecido 20 anos antes a 2 de Fevereiro. Creio que então passou a sua casa para os Condes das Galveias.

A casa destes Almeidas era na Rua de Santa Luzia com quintal para o Carrascal e a penúltima da parte de baixo.

#### LOPO VAZ DE ALMEIDA 3º

Vivia nesta vila em 1716 sendo fidalgo da Casa Real, filho de Leonardo Mendes de Almeida e estava escuso do exercício de cargos públicos, por ser familiar do Santo Offício.

Parece que era neto do precedente e provavelmente nascido em Lisboa. Juiz da confraria da Conceição em 1726, provedor da Misericórdia em 1744.

Esta notícia é do Cartório Municipal.

A casa destes Almeidas era na Rua de Santa Luzia, quase à esquina do boqueirão. Casou com D. Brites Camila de Mesquita de quem não teve descendência e que viveu largos anos depois da sua morte.

Esta era do Alandroal e irmã de Baltazar Cardoso indiático e tinha mais os apelidos - Carvalho e Caldeira. Sucedeu-lhe no morgado ou morgados, Francisco Xavier Mascarenhas Pegado, seu sobrinho materno, filho de sua irmã e que era capitão-mor de Alcanete e Pernes em 1754.

D. Brites ainda era viva em 1741.

#### LOURENÇO AFONSO

Em 1471 era mestre escola e capelão-mor do Duque D.Fernando II (His. Geneal., tomo 6, pág. 659).

## LOURENÇO CALDEIRA

Achou-se na Batalha de Alcácer Quibir em 1578, acompanhando ao Duque de Barcelos, pois era criado da Casa de Bragança e irmão de Belchior Garcia Caldeira (Parnaso, L.2, cap.33; e Hist. Geneal., tomo 6, pág.310) cavaleiro fidalgo da casa do duque em 1604 (Notas).

Foi vereador em 1608 (L. 1 dos Reg. da Cãm., fl. 105). Era casado com Isabel de Matos, de quem ficou viúvo no mesmo ano (Reg. da Par. da Matriz).

## LOURENÇO DE CAMPOS TORRES PENALVO

Natural de São Bartolomeu onde foi baptizado em 1712 e era filho de António Penalvo de Torres e de Madalena Josefa de Campos.

Foi vereador em 1738 e 1748. Dez anos depois era já falecido e mas pôde por isso, exercer o mesmo cargo para que viera pautado.

Finou-se em 24 de Dezembro de 1757, havendo dado por dois anos escrivão da correição, como fôra dado a seu pai, António Penalvo de Torres.

A casa destes Penalvos era na Rua das Vaqueiras e a melhor daquela rua, mas caiu em ruína em nossos dias, por ter sido penhorada e pesar sobre ela um fôro de 8\$000 réis à Misericórdia (Veja-se D. Josefa Vicência de Torres Penalvo).

## LOURENÇO CONTRERAS DE SEIXAS

Era 20 de Julho de 1644 foi eleito alferes companhia de ordenanças a cavalo e passou a capitão da mesma em 17 de Agosto de 1647. Era isto no tempo da Guerra da Restauração da monarquia.

Casou com Catarina de Serqueira e deixou estes filhos menores ainda: Manuel Contreiras de Seixas, 16 anos; e Maria de Seixas, de 14 anos.

A legítima de cada um foram 20\$ réis em móveis.

Faleceu em 4 de Abril de 1654.

## LOURENÇO CORREIA DA FRANCA

Foi vereador em 1663 e antes disso teve a serventia do officio de es-  
crivão da câmara.

Em 1598 militava na India um fidalgo do mesmo nome. Cavaleiro da Or-  
dem de Cristo e que Diogo de Couto diz ser dos Francas de Tânger.

## LOURENÇO FERNANDES

Foi procurador do concelho em 1640 e 1649. Era criado da Casa de Bra-  
gança e por isso acompanhou a Lisboa a El-Rei D. João IV em 3 de Dezem-  
bro de 1640, quando foi cingir a coroa real.

Almoxarife do Paço em 1650, casou com uma filha de Gaspar Simão Mes-  
tre .

Teve um filho chamado Gaspar Girão, que em 1659 se dotou para tomar  
ordens sacras, ajudando essa dotação, seu tio materno Frei Gaspar Girão,  
beneficiante de São Bartolomeu e sua tia materna Maria Girão, casada com  
Afonso Ribeiro.

## LOURENÇO PENALVO TORRES

Foi vereador em 1728, 1733 e 1756 e faleceu no ano seguinte a 13 de  
Setembro.

Casou com Francisca Antónia de Moura Penalvo, que faleceu solteiro em  
1776 e a Maria Joaquina de Torres Penalvo, que morreu também solteira em  
1806.

## DR. LOURENÇO RODRIGUES

Este patricio formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra, on-  
de em seguida foi lente. Chamado posteriormente à sua pátria pelo Duque  
D. Teodósio II para ser médico da sua casa, aqui faleceu no ano de 1617,  
diz o Parnaso de Vila Viçosa no Liv. 2, cap.66.

Era sogro do Licenciado Francisco Pacheco (notas) por parte de sua fi-  
lha Maria dos Reis, que já era falecida em 1604. Teve mais ao Dr. António  
Lourenço. (Notas)

## LOURENÇO RODRIGUES LOURINHO

Filho de Francisco Rodrigues Lourinho, couteiro da porta e de Joana Teodora. Assentou praça no Regimento de Cavalaria nº.2 durante uma leva forçada feita no ano de 1818 e achava de tenente, quando o exército de D. Miguel I convencionou em 1834. Não querendo então passar ao serviço de D. Maria II, padeceu privações em todo o resto da sua vida, que durou até depois do ano de 1860.

Meto-o nesta lista, por ser um insigne cavaleiro e o mais hábil picador da nossa terra nos últimos tempos. Disso Deixou sobejas provas enquanto militar e porque a sua perfcia nesta arte era geralmente reconhecida, frequentemente lhe davam na vila, depois de paisano ou lhe mandavam de fora potros com poldros para maciar e ensinar. Nestas ocasiões é que ele adquiria alguns meios de ir matando a fome.

Lourenço Lourinho era alto e seco.

Aparelhados os potros devidamente com a sela de picaria e entregadas as guias, a um amigo que lhas segurasse, saltava-lhes para cima e por mais que eles esbravejassem não o sacudiam da sela.

Depois dos primeiros exercícios, ele só dispunha o ensino, evitando sempre o rigor que melindrasse os animais; antes os afogava a ponto de os tornar mansísimos e fazê-los chegar às portas e bater a elas.

O Rossio de São Paulo era o seu picadeiro ordinário.

Chegava por fim a deitar as rédeas sobre as cachaças dos cavalos e fazê-los andar atrás de si, como um cão atrás do seu dono.

Nunca tomou estado, mas existem sobrinhos seus.

## LOURENÇO RODRIGUES TORRES

Tabelião em 1636 e 1654, Escrivão da Correição em 1659. Foi seu herdeiro Pedro Penalvo, casado com Maria Correia.

## LOURENÇO RODRIGUES TORRES

ou

## LOURENÇO DE SOUSA

Contratado pelo Duque em 1634 para o serviço no foro de seu cavalo.

(Notas) Em 1637 estava preso na cadeia de cima e ali nomeou procura-

dor.

#### LUGREÇO DE TORRES PENALVO

Tabelião, casado com Francisca Antónia de Moura em 1735. Era irmão de António da Torre Penalvo? Morava à Ponte do Alandroal, da parte do norte.

Em 1752 renunciou do officio que já servira por mais de 36 anos em sua filha Maria Joaquina Madalena de Torres Penalvo para seu dote.

Era casada com Francisca Antónia Leonardo.

Era falecido em 1760. Deixou estes filhos: Fernando José de Penalvo de Torres e José Miguel de Torres Penalvo.

#### LUCAS PEREIRA PESTANA 1º

O primeiro Pestana serviu na Índia no tempo de D. Miguel, era Francisco Pereira Pestana, que foi para lá em 1522, com o Governador D. Duarte de Menezes.

Era filho de Francisco de Mira Nogado e de Cecília Pestana e batizado na Matriz em 1631, e portanto Pestana somente por parte da mãe.

Foi também mesário da Misericórdia em 1636 - 64 e Vereador em 1658 1660, 1664 e 1668 - ano em que fechou o círculo de seus dias.

Casou em 1652 na Freguesia de S. Bartolomeu, com D. Jerónima de Valejo de Máris, de quem teve descendência (Maria do Sacramento, Freira da Santa Cruz, professa em 1675, era sua filha). Entre os filhos varões contam-se: Jerónimo Valejo de Máris 2º e Manuel Pereira Pestana.

Morava no Rocio entre as ruas de Frei Manuel e de Fora, nas casas que sua viúva por outras de Capela de Beatriz Garcia que ela vendeu a Manuel Lopes Almojarife no fundo da Corredoura ou Largo da Saboaria.

#### LUCAS PEREIRA PESTANA 2º

Filho de Jerónimo Valejo de Máris 2º e de D. Luísa Machado da Fonseca, e neto do antecedente. Foi batizado em S. Bartolomeu em 1682.

Casou na mesma freguesia no ano de 1727 com D. Josefa Caetana da Costa, filha de D. Francisco da Costa Sueiro, sendo ambos naturais de Vila Viçosa e tiveram a José Pestana (Veja-se), a Maria Maurícia Vitória dos Anjos com dote de 630\$ réis que professou na Santa Cruz em 1744.

Eram fregueses de S. Bartolomeu.

Faleceu em 1736 contando 54 anos de idade. Morava na Rua da Cambaia e casa de Rodrigo da Costa ou Rosália.

Tinha estes filhos - José Valejo Máris, D. Maurícia Valejo de Máris e D. Maria Valejo de Máris.

#### LUIS DE ABREU DE MELO

Veja-se o Dicionário Bibliográfico. Este era 2º de nome, filho de Duarte de Abreu Noronha e de D. Maria Soares.

O 1º vivia em Lisboa no ano de 1614 a 1623 com o filho Duarte de Abreu Noronha então menino de 14 anos de quem era tutor, o que consta de uma procuração que para lá mandou. Era viúvo de Clara de Souza.

Foi Fidalgo, Comendador de Santa Maria de Deilão e São Lourenço de Pedesqueira, da Ordem de Cristo e Veador da Casa de El-Rei D. João IV, de quem fora Copeiro-mor, quando ele só era Duque de Bragança.

Os seus imediatos progenitores chamavam-se Duarte de Abreu Noronha e D. Maria de Melo, 3ª mulher deste.

Em 1634 vendeu a António de Sousa de Lacerda a sua herdade do Montinho (de Bencatel ou Rio de Moinhos?).

Vereador em 1635. Apresentado em 1634 na Comenda de S. Lourenço de Seilão que vaga pela renuncia de Francisco de Abreu Coelho. Serviu pois a Casa de Bragança nesse tempo de D. João II, consta que não fizera seu pai.

Era muito inclinado à poesia, preferindo sempre as matérias religiosas, onde a piedade competia com a elegância.

Viúvo em 1637 e morador nesta vila.

Em 1642 era porteiro-mor de El-Rei e tinha as saboarias de Vila Viçosa, Borba e Campo-Maior (Notas).

Manuel de Gallegos o invoca no Templo da Memória, como um poeta digno de festejar os desposórios de El-Rei D. João IV.

Compôs as seguintes obras: Epiflogo sacro da Milagrosa Assunção da Virgem Maria em oitavas; El parto sacro Santo, em quintilhas; e Avisos para o Paço, oferecidos a Rodrigo de Salazar e Moscôso.

Assim se lê na Biblioteca Lusitana.

O 1º casou com D. Clara de Souza, filha de Joana Pacheca (Seria outra? Sim) em sua própria casa com licença do Arcebispo D. Alexandre de Bragança (ali por 1604). Pouco depois de casar foi viver para Lisboa, onde enviuvou antes de 1615, ficando-lhe o filho Duarte de Abreu de Noronha.

Luís de Abreu de Melo 1º era irmão de Duarte de Melo de Abreu, (Deve o de cima ser Luís 2º), casado com D. Luísa Soares. Achava-se hospedado em casa do irmão em 5 de Junho de 1624, e ali passou com seu filho Duarte de Abreu de Noronha uma procuração para lhes receberem em Guatemala província de Honduras, uns dinheiros que lhes pertenciam, segundo o inventário da sua mulher (...) D. Clara. Residiam agora em Estremoz.

#### D. LUIS DE ALMEIDA

Provedor da Misericórdia em 1685-86. Estabeleceu-se nesta vila para casar com D. Maria Josefa de Melo Corte Real, filha do 1º Conde das Galveias. Era militar e falecido já em 1691 deixando 8 filhos chamados: D. João de Almeida, D. Angela de Melo, Diniz de Melo, D. Francisca de Almeida, D. Lopo de Almeida, D. Henrique de Almeida, D. António e D. Violante Henriques. A sua viúva meteu freira nas Chagas, em 1703 a sua filha D. Violante Henriques de Portugal com dote de 440\$ réis de propinas.

#### LUIS ALVARES PERICOTO

Em 1645 e 1647 no termo de Estremoz sendo lavrada por (não sei aonde) comprou as casas de rua de Santa Luzia que foram do Padre Pedro Dario (ou as dos Viegas?), que têm o arco, e veio residir para esta vila.

Foi Vereador em 1652, 1656 em que figurou nas exéquias de El-Rei) 1666 e 1670.

Foi casado com Joana Castanha. viviam em 1670 ambos e dotaram a sua filha Maria de Moura única, já casada com João de Melo Lobo. Dotada com to-

dos os bens de seus pais e, bem assim, com os serviços feitos por ele na guerra e perdas nela recebidas, sobre o que traziam requerimentos na Corte.

Em 1671, ainda continuava com lavoura em Rio de Moinhos (Alamo, Pinheiro etc.).

#### LUIS ANTONIO DE MELO LOBO 1º

Natural desta vila o filho de João de Melo da Silva Lobo e de Maria Moura; Foi batizado em S. Bartolomeu a 28 de Abril de 1670. Em 1711 Cavaleiro da Ordem de Cristo e escrivão da Confraria da Conceição.

Em 1731 renunciou em seu filho mais velho, António Luís de Melo, um morgado em Maiorga, que lhe dera seu tio D. Álvaro Luís da Conceição, religioso em S. Vicente de Fora, isto para ajuda de seu casamento.

Em 1736 foi nomeado Superintendente das Condelarias da nossa Comarca, em que entrava Alter (L. 3 do Reg. da Cons. fl. 11).

Casou em 8 de Junho de 1704, com sua prima Bárbara de Melo de Távora, natural de Montemor-o-Novo, e faleceu em 13 de Outubro de 1737, sendo freguês de S. Bartolomeu.

Era senhor do morgado do Pego de Moura.

Teve descendência: em 1707 a João de Melo Lobo que faleceu pequeno; em 1710 a António Luís; em 1715 a Inácio de Melo; em 1720 a Henrique; Francisco José de Melo era seu filho.

Provedor da Misericórdia em 1724-25.

#### LUIS ANTONIO DE MELO LOBO 2º

Neto do precedente e herdeiro da casa do Pego de Moura, como filho do seu primo primogénito António Luís de Melo Lobo e de sua mulher D. Vitória Tomásia Alexandrina de Ataíde, natural de Elvas.

Foi batizado na paróquia de S. Bartolomeu, a 4 de Junho de 1742.

Habitava na sua casa no Largo da Assaboaria, que está logo à mão esquerda, quando se desce da Corredoura.

Em 1779 morava em Pavia era lá Capitão. Em 1780 estava cá morando.

Depois de ser Capitão da Companhia de Miliciano até 1791, foi promovi

do neste ano a Mestre de Campo ou Coronel do mesmo Regimento de Milícias.

Em 1770 era casado com D. Arcangela Angélica de Andrade Fróis de Cavi-de e morava em Évora. Vendeu as casas novas da rua dos Fidalgos de baixo da travessa da Amoreira a José Cordeiro Passanha por 500\$ réis.

Casou com D. Ana de Vasconcelos da qual não teve descendência, e por isso o morgado lá foi a um parente colateral e deste à casa dos Galveias.

Ultimamente andava empenhado, tomando capitais a juro.

Faleceu em 28 de Agosto de 1804, sobrevivendo-lhe sua mulher até 1825. Como não deixasse descendência sucedeu-lhe nos morgados João de Melo Lobo, que vivia em Lisboa no ano de 1808, talvez primo.

#### LUIS ANÓDINO MORGADO

Tabelião em 1720.

#### LUIS ANTÓNIO TARANA

Natural desta vila e descendente de uma honesta família de artistas (Urbano José Lopes e Maria Teresa de Jesus). Urbano era filho de Domingos Lopes Tarana e de Maria das Neves.

Foi Donato dos Capuchos, mas não professou a sua regra por temer que não a cumprisse como devia.

Em 1798 era Jardineiro do Paço.

Casou pouco depois com Ana dos Prazeres, filha de Baltazar do Rosário mestre da torre da Capela, de quem teve, entre outros filhos, a Francisco de Paula Tarana e a Madre Rosália, freira na Esperança.

Entretanto, ajudado por seu padrinho João Fialho Vieira e por seu compadre Joaquim António Calado, encetou a carreira de lavrador com feliz sorte, porquanto veio a tornar-se o principal da nossa terra no 1º quartel do século corrente.

Em 1808 teve o cargo de Recebedor do Almoarifado da Casa de Bragança.

Dois anos depois, sendo viúvo, passou a segundas núpcias com D. Ana Joaquina Cordeiro Vinagre, filha de Bento José Dias, lavrador dos Cordeiros, de quem houve muitos filhos e filhas (João António Tarana, Joaquim António Tarana, D. Maria Luísa, D. Maria Bárbara, etc.).

Nesse mesmo ano de 1810 foi nomeado Tesoureiro geral das contribuições da comarca, lugar que tinha o capitalista Manuel dos Santos Rosa, e que este abdicara em seu favor, como seu amigo.

Em 1822, sendo já homem de bastante prestígio na terra, foi eleito Vereador substituto por votação popular, e pautaram-no depois efectivo para os anos de 1824 e 1828.

No dito ano de 1824, ele e Jerónimo da Costa planearam tornar feira de gado a de Maio, que até então passava pela somenos das nossas três feiras, convidando por editais os lavradores do termo e de fora a trazerem gado vacum e miudo, e dando ele o exemplo com os seus. Assim, foi que a dita feira veio a ser a melhor de gados em todo o Alentejo.

Como devotado partidário de El-Rei D. Miguel I, armou em 1829 a organização do Batalhão de Voluntários Realistas, dando até capotes da nossa vila, como também praticou seu compadre e amigo o Cónego Joaquim Calado. Por isso em Julho de 1834 foi o seu nome posto na lista dos que haviam de ser deputados para fora da vila, o que não se verificou, porque achando-se gravemente enfermo, sucumbio a 16 do dito mês.

Luís António Tarana era o tipo de um verdadeiro homem de bem. Todos o estimavam e respeitavam e ao seu óptimo carácter deveu a sua riqueza e elevação na ordem social. Tudo isso era feito dos seus profundos sentimentos religiosos, porquanto sem o temor e amor de Deus não pode haver sólida moralidade. Coservou sempre estreitas relações com o Convento dos Capuchos, e dele era ultimamente síndico ou tesoureiro, com uma dívida superior a 700\$000 réis contra si. O último acto desta, comunidade fradesca, praticado fora do convento, foi acompanhá-lo à sepultura.

A sua viuva sobreviveu-lhe largos anos.

#### LUIS ANTUNES

Tendeiro de mercearia, casado com Maria Pereira, filha de Batista Pereira, em 1693.

#### LUIS ANTUNES MOREIRA

Houve dois, sendo o 2º filho do 1º Luís Antunes Moreira 1º, boticário

já em 1695, casou com Maria Lameira Gomes e dela teve o seguinte: Luís Antunes Moreira.

Faleceu em 1740 e jaz na Esperança.

Luís Antunes Moreira, filho, batizado em S. Bartolomeu a 8 de Julho de 1699, frequentou a Universidade de Coimbra, formou-se Bacharel em Leis, e foi Síndico da nossa Câmara por nomeação de 24 de Fevereiro de 1739. Tinha casado um ano antes com Isabel Vicência Garcia, filha do Capitão Francisco Garcia e de sua mulher Maria da Conceição, e houve deste matrimónio, entre outros, a Tomé Antunes Moreira (veja-se).

Em 1722 estudava Artes em Evora e era minorista. Licenciado já em 1727. Comprou em 1738 por 680\$ réis as casas da rua da Cambaia, que estão logo por baixo da Cadeia, hoje divididas, e que ele aforranhou.

Casou depois com Ana Teresa Angélica Joaquina, natural da Covilhã. Faleceu em 1761 a 5 de Agosto e foi sepultado no adro do Espírito Santo na sepultura dos Garcias. Tinha uma Capela instituída por seu tio Luís Antunes Moreira, e que passou ao filho Tomé.

Ambos eram calipolenses. Eram dois os Doutores: o primeiro já falecido em 1725, deixou por seu herdeiro a seu sobrinho João Antunes.

#### LUIS DE BRITO MASCARENHAS

Vivia entre nós em 1678 sendo Capitão. Era dos Mascarenhas da Corredoura.

#### LUIS DE BRITO PEREIRA

Foi 4º filho de Cristóvão de Brito Pereira 3º. Teve os cargos de Inquisidor em Evora e Lisboa, onde faleceu em 1693 (Conografia Portu.).

Foi batizado em S. Bartolomeu a 9 de Maio de 1665.

#### LUIS CÂNDIDO DO PRADO

Filho de António José do Prado e de Bernardina Angélica. Dota-se em 1802 para se ordenar de Sacras. Foi prior de Pardais em 1820 a 1823.

## LUIS DA COSTA CALADO

Era dos antigos Calados de Vila Viçosa e talvez 2º sobrinho de Fr. Manuel Calado.

Foi seu pai o Alferes de Cavalaria Domingos Calado, falecido em 1733, e sua mãe Maria da Costa, ambos calapolenses.

Nasceu na freguesia de S. Bartolomeu, onde foi batizado a 27 de Agosto de 1707. Tinha um irmão chamado Manuel Calado, que em 1732 era casado com Josefa Teresa de Arugão.

Casou no ano de 1738 com Ana Teresa da Rosa natural de Olivença, e dela teve filhos e filhas, em que se acabou a sua geração por não tomar nenhum o estado matrimonial.

A esse tempo era ourives, e artista excelente. Ali temos ainda a dar testemunho disso a Custódia da Irmandade do Santíssimo da Matriz, fabricada por ele em 1749 com o material da antiga e o mais que foi preciso, pesando tudo então 16 marcos, 4 onças e 1 oitava de prata, e 19 oitavas de ouro, o que se acha esmiuçado no livro dos acórdãos da Irmandade. Levou de feitió 49\$500 réis.

Luís Calado era fervoroso católico, e a prova disso está na educação que deu a seus filhos e filhas, e nos serviços que prestou às confrarias, sendo até um dos irmãos fundadores da Confraria de Nossa Senhora da Lapa.

Seu filho António Calado batizado em 16 de Julho de 1741, foi Graciano e Prior do Convento desta vila, e falecendo em 1816 declarou ao Prior do Convento, Fr. José Lopes, que tinha um pecúlio de alguns mil cruzados, os quais eram do convento e não queria portanto que fossem entregues a seus irmãos. Foi este dinheiro que se repararam as torres no ano de 1817, como fica dito na história do convento de Santo Agostinho. Era de costumes irrepreensíveis.

As filhas eram quatro: Maria Cândida, Gertrudes Teresa, Ventura Perpétua, e Ana Angélica.

José Calado, seu filho segundo, batizado em 5 de Março de 1755, tomou ordens sacras até o Diaconato e não quis ordenar-se de musa, por ser escrupuloso. Foi dotado por seus pais e irmão em 1779 para se ordenar de sacras (...).

Diz o Matroco que era presbítero. Foi Beneficiado da Capela Real e Reitor do Colégio dos Reis, em cujo cargo faleceu no ano de 1831, a 5 de Junho.

O filho terceiro chamava-se Joaquim Calado de Carvalho, batizado em 6 de Novembro de 1850, sendo Cônego demissionário. Este conservou-se até a morte na casa paterna, que era na Corredoura, e uma que tinha quatro janelas de peito com a escada num pequeno pátio. Suas irmãs foram Beatas nos anos de 1763-68. Mas depois de restaurado o átrio em 1777, não quiseram mais pertencer a este recolhimento, preferindo exercer a vida devota em sua própria casa, onde vieram a falecer. O Padre Joaquim foi o último. Como o suspendessem os Liberais em 1834 por ter dado capotes a um companheiro do Batalhão de Voluntários Realistas, nunca pediu que lhe retirassem a suspensão do officio e beneficio, porque era velho e possuia todos os bens de seus pais e irmãos, tendo bastante com que prever à sua sustentação.

Mas ia ouvir missa à Igreja da Santa Cruz, o que eu mesmo observei, por ser ainda meu conterrâneo.

Luís da Costa Calado, o chefe desta família de costumes patriarcaes, faleceu velhíssimo em Maio de 1806.

#### D. LUÍS DE LACUEVA E MENDONÇA

Filho do Capitão D. João de la Cueva e Mendonça, natural de Santarém, e de D. Teresa Rita de Matos, filha de Bento de Matos Mexia, de Olivença, balizado em S. Bartolomeu no ano de 1732.

Era pessoa de sangue nobre e espanhol de origem por seu pai como indicam os apelidos. Seguiu a vida eclesiástica, sendo Loio ou Cônego Regrante de Santo Agostinho e abraçando a secularização. Foi Prior recomendado na Matriz desde 1776 até 1789.

Faleceu nesta vila em 1796.

#### LUIS FERREIRA DA COSTA AVELAR

Bacharel, veio para esta vila por casar com D. Maria Luísa Tomásia de

Figueirôa, filha de Manuel de Figueirôa Castro Gião e vivia como proprietário em 1747 e seguintes.

Vivia em 1765 e arrendou a sua quinta do Paraíso.

#### LUIS DA FONSECA

Criado do Duque, casado em 1616 com Isabel da Silveira (Notas) de Sande!

Viviam cá ainda em 1651.

#### LUIS GODINHO BENAVENTE

Em 1627, sendo solteiro, tomou de aforamento por 1 200\$ réis duas courelas de mostório de vinha, pertencentes a Sebastião Sardinha de Araújo e sua mulher Ana Rica Soares, e assinou a escritura. Em 1639 ainda viúva sua mãe Maria de Benavente, sendo viúva.

Era criado do Duque D. João II. Como se achasse em Lisboa no 1º Dezembro de 1640, tomou parte na revolução patriótica do mesmo dia, investindo corajosamente a Guarda dos Tudescos no Paço. Matou um e feriu outros.

Consta até um livro de bens da Misericórdia que ainda em 1665 pagava ele um foro de 4 000\$ réis por umas casas na Capela de Ana Dias Penales, sitas na rua dos Caldeireiros, na parte hoje demolida e metida na entrada para onde continuava então e que este foro passaria depois a ser pago por seu filho Cristóvão de Cunha, sendo ambos moradores em Lisboa. E ainda em 1667, se dava o mesmo caso. Em 1642 veio a Vila Viçosa distratar um foro a retro de 6 alqueres de azeite que vendera a João da França e sua mulher. Em 1643 distratou outro de 8 alqueres a Pero Fróis Folqueta, mandando o dinheiro do resgate por Gregório Mixieiro outro seu criado de Elvas.

#### LUIS GONÇALVES DE MENEZES

Fidalgo do Duque D. João I e Vereador da sua Casa foi irmã das teste-

munhas do seu testamento (Hist. Geneal. Tom. 6 pág. 212). Tinha a comenda de S. Pedro de (...) que ele arrendou em 1604 por 80\$ réis (Notas).

Continuando a escrever o mesmo officio do Vereador perante o Duque D. Teodósio II, foi quem no ano de 1604 levou em seus braços a batizar o Duque D. João II, que depois cingiu a Coroa Real?

Em 1592 teve o cargo de Vereador (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 65). Foi casado com D. Joana Pereira, a qual deixou 30\$000 réis à Misericórdia, e era falecida em 1601.

Era Comendador e já falecido em 1606 (Notas).

Creio não ser natural de Vila Viçosa.

#### LUIS JORGE DA COSTA AMADO

Era natural de Nossa Senhora do Monte no termo de Alcacer, e filho de António da Costa e de Josefa Maria Penelas, lavradores da herdade do Forinho no termo de Alcacer. Sendo menino, veio para o Colégio dos Reis onde foi admitido a 28 de Maio de 1754, e acabou o curso do mesmo Colégio. Veio para cá para companhia de seu primo o Padre Alexandre Delgado Janeiro, Capelão e mestre de Cerimónias da Casa Real e que lhe deixou por sua morte quanto possuia.

Este Padre Alexandre doou ao primeiro filho do tio, a mercê de um hábito de Cristo, que lhe fizera El-Rei, e por fim deixou-o por seu herdeiro, quando faleceu em 1737. Era o sobrinho já então casado com D. Teresa Micaela da Silveira e obrigou-se a doar a sua tia Joana Joaquina da Conceição, irmã do Padre Alexandre por parte dos bens deste em cada ano 30\$ réis em dinheiro, 50 alqueires de trigo, 10 de azeite, 1 porco, 1 marrã, e os réditos de 200\$ réis que tinha o juro Bento dos Santos, isto porque o tio lhe impusera o encargo de dar alimentos a sua irmã enquanto viva fosse. Ela estava recolhida nas Chagas.

Não seguiu a carreira de músico ou padre, mas a de militar, aceitando o porto de Capitão de Auxiliar da companhia da nossa vila. Em 25 de Abril de 1770 tomou posse do posto de Sargento-mor de Ordenanças de toda a Comarca, para o qual fora nomeado por patente de 20 de Março do mesmo ano. Levou esta posição até à sua morte, sustentando-se principalmente

Com o saldo que recebia como Sargento-mor.

Em 1775 comprou do herdeiro de D. Camila, viúva de Lopo Vaz de Almeida, as casas nobres da esquina da rua de Santa Luzia por 430\$ réis. O herdeiro de D. Camila era seu sobrinho Francisco Cardoso de Oliveira Carvalho, capitão-mor de Sousel.

Foi Vereador em 1780, 1783, 1787, 1788, 1792 e 1799. Em 16 de Julho de 1800, sendo Almotacé juntamente com José António da Silveira e Couto, Capitão-mor de Vila Boim, teve uma pendência com este na Praça Nova por questões da almotaceria, arrancou-lhe a cabeleira e levou-o diante de si aos empurrões, da resistência do mesmo por ser ele já velho. Subindo a queixa à presença do Príncipe Regente D. João, foi (...)ir Jorge declarado interdito para exercer cargos municipais. Isto consta largamente da provisão Régia de 15 de Novembro de 1800, que se acha registada no L. 6, fl. 213.

Segundo uma escritura de 1807 vejo que a mulher de Luís Jorge falecida já, deixaria a sua terça a D. Maria Próspera de Sousa e Menezes, sua neta, filha de José de Sousa e Menezes, tendo o marido o usufruto em sua vida. Ficou essa terça nas casas grandes da rua de Santa Luzia. Já se vê que era filha duma filha de Luís Jorge.

Teve um filho chamado Pedro Jorge Vaz Frade, que em 1793 era cadete do 1º Regimento de Infantaria de Olivença.

Era de génio áspero e não sofria que o contradissem, e dali resultou brigar doutra vez nos olivais de Borba com Jerónimo da Costa, deixando a este muito mal tratado. No entanto, o seu coração pendia muito para o culto religioso, e prestou longos anos serviços importantes à Ordem 3ª no officio de Vigário do culto divino, que o obrigava a não faltar aos actos públicos da mesma ordem. Como sabia música, fazia que se executassem os officios a vozes concertadas, tomando também ele parte na execução.

Em 1808 foi Notável da rua de Santo António e suas vizinhanças, para manter a ordem no povo, não se iusurrecionasse contra os Franceses, mas pouco depois morava na casa nobre da rua de Santa Luzia, que faz esquina para a entrada do Carrascal, conhecida em nossos dias por Boqueirão de Luís Jorge.

Casou antes de 1781 com D. Teresa Micaela da Silveira, calipolense de quem houve unicamente a D. Maria Petronila, e esta casou com Pedro de Sousa de Menezes (Veja-se), mas não houve sucessão deste matrimónio.

Luís Jorge teve o Hábito de Cristo.

Faleceu a 1822, foi sepultado na Igreja da Esperança.

#### LUIS JOSÉ SAMEIRO

Foi Vereador em 1802. Sendo pautado outra vez para 1805, pediu escusa, alegando uma doença crónica, que o impossibilitava de andar a pé, mas ainda tornou a servir em 1808. Estava pouco depois paralisado das pernas, e apenas saía de casa montando, às vezes, porque o ajudavam a montar.

Nunca tomou estado. Era filho de Bento Martins Sameiro (Veja-se) e de sua mulher Francisca Vicência e, portanto irmão de D. Maria Rosa, que casou com Inácio José do Prado. Foi batizado na paróquia de S. Bartolomeu, em 1769.

Faleceu em 16 de Outubro de 1826 na casa paterna, que era na rua da Cambaia por cima da casa dos Prados.

#### LUIS MACHADO CONTADO

Filho de Nuno Machado e de D. Ana de Pina. Casou em 1606 com Margarida Moniz de Fronteira, irmã de Luís Gonçalves Moniz.

Para esse fim dotaram-no seus pais em 17 de Outubro de 1606 com o seguinte - a herdade dos Machados em Bencatel que vendia 7 1/2 moios de trigo e cevada, a da Loureira ao pé, que vendia 2 1/2, a Defesa de cima que vendia 6 1/2, mais 25 alqueires na herdade dos Galhardas de Bencatel mais 1 moio de 5 alqueires numa herdade de Rio de Moinhos que, partia com a Loureira; as casas da rua de Santa Luzia, as segundas da parte Ocidental, e bocado norte, uma vinha, olival e castanhal na Portela de Évora; um farregial detrás da Esperança; um escravo preto, chamado Gaspar e um irmão franeiro.

O dote que a mãe da noiva, Ana Mendes, marido Luís Gonçalves Moniz

fizeram à noiva estava em correspondência deste, o que diz ser um casamento rico. Mas não tiveram descendência, e veio ser herdeiro da casa dos Machados, um bastardo, que ele houvera em solteiro, chamado Cristóvão Machado Galho, a quem o avô Nuno já provera num Morgado, que ele, instituíra no dito neto.

Não se conciliou Luís Machado com os Braganças e por isso foi-lhe retirada a comenda de seu pai em 1633 do matrimónio, Por isso perfilhou a Cristóvão Machado do Galho, que houvera em solteiro. Creio ser já falecido em 1635, quando casou o dito filho. Instituiu um novo morgado no filho bastardo.

#### LUIS MACHADO DA FONSECA

Tabelião de Notas em 1658, casado com D. Maria Rodrigues Freire.

Era falecido em 1679, e a esse tempo vivia cá a sua viúva com 4 filhos: Catarina; Beatriz; Maria e Luísa; achando-se em Lisboa 2 filhos de nome - João Machado da Fonseca e Luís Machado da Fonseca. Este último vivia ainda em Lisboa no ano de 1691, sendo Cavaleiro da Ordem de Cristo, em 1703.

#### LUIS MACHADO DA SILVEIRA

Foi Vereador em 1666 e mesário da Misericórdia em 1665 - 66. Também lhe chamavam Luís Machado Galho.

Era filho de Cristóvão Machado Galho e de D. Isabel da Silveira, foi batizado na freguesia de S. Bartolomeu a 9 de Setembro de 1640, sendo seu padrinho André Mendes de Almeida, casou na mesma freguesia a 10 de Agosto de 1659, sendo seu pai já falecido com D. Luísa da Silva Corte Real, e dela teve, entre outros filhos, a Cristóvão Manuel de Sousa e a D. Brites da Silva Corte Real que em 1683 se recolheu no convento da Esperança ali professou e a D. Maria que se reconheu na Santa Cruz. Teve mais a Nuno Machado, que em 1684 se apercebia para ir aventurar fortuna na Índia. A casa achava-se empenhada. Para as despesas tomou a viúva e o filho

morgado 800\$ réis de Manuel Lopes Abreu (e para os dotes das filhas que deveriam ser freiras).

Este Cristóvão casou em Lisboa na freguesia dos Mártires, correndo o ano de 1722, com D. Vicência Joaquina de Almeida, filha do Desembargador Pedro de Almeida do Amaral, e de Margarida de Oliveira, natural da mesma freguesia. Mas já tinha tido em Vila Viçosa a António Manuel de Sousa (Veja-se), havendo-o de Isabel Maria, que não sei se era sua mulher legítima.

Parece-me que este e esta família dos Machados pertencesse ao Luís Machado, filho do Dr. Lopo de Arca, o qual andou na Índia com Afonso de Albuquerque (Barros - Asia vol. 3, pág. 299).

Os Arcas eram de Vila Viçosa como se sabe.

Era falecido em 1668 (creio que morreu neste ano). Morreu com 28 anos. A sua viúva ficou tutoura dos filhos, sendo seu fiador o tenente general Dinis de Melo.

Em 1528 foi para a Índia Manuel Machado por capitão da Guarda de Nuro da Cunha.

#### LUIS DE MADUREIRA

Em 1471 era Desembargador do Duque D. Fernando II, como Licenciado em Leis (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 65).

#### LUIS DE MATOS

Foi dotado por seu pai em 1619 por casar, e esse dote consistiu em 100 alqueires de trigo de venda numa herdade. Casado com Maria de Seixas em 1625 (Notas) e 1637.

Escrivão da Misericórdia em 1631.

Parece que enviuvou sem filhos. Em 1638 fez doação dos bens que tivesse por sua morte com reserva de 200\$ réis para sufrágios dos filhos de Maria Bela, solteira, filha de António Luís Balo, sapateiro, chamados de António Pedro, Maria Francisca, para seus alimentos por serem pobres, e no caso de seus irmãos se oferecerem, a isto deixava esses

bens à Misericórdia.

Foi Vereador mais velho e juiz pela ordenação em 1632. Tornou a ser vereador em 1642, 1644, 1649, 1655.

Era natural desta vila e filho de Pero Mendes de Matos e de sua mulher Isabel Vicente. Foi batizado na Matriz em 19 de Agosto de 1592, e casou com Beatriz Nobre em 15 de Abril de 1646 em S. Bartolomeu.

Possuiu a herdade da Ribeira de Borba.

#### LUIS DE MELO FREIRE

Fidalgo da Casa Real e Provedor da Misericórdia em 1673-74. Tinha uma herdade na freguesia de S. Manços de Évora, que ele arrendou em 1672.

#### LUIS MENDES DE VASCONCELOS

Em 7 de Março de 1644 tomou posse do cargo de capitão-mor das Ordenanças da nossa vila, Governador da Praça e Sargento-mor das Ordenanças de toda a Comarca, e teve estes lugares quatro anos.

Era Fidalgo da Casa de El-Rei D. João IV.

#### LUIS DE MIRANDA HENRIQUES

Natural desta vila, filho de Henrique Henriques de Miranda e neto de Gonçalo Vaz Pinto 2º.

Teve, como seu pai e avós, o senhorio de Ferreiros e Tendais, Alcaidaria-mor de Chaves e a Comenda de S. Martinho de Ruinães.

Depois de ter sido Moço Fidalgo do Duque D. Teodósio II, passou ao serviço da Coroa e foi Governador e Capitão General da Ilha da Madeira desde 1635 até 1640 (Pouco antes da aclamação de El-Rei D. João IV).

Vivia em Lisboa no ano de 1608, segundo uma procuração que lhe deu de cá o seu parente Rui de Sousa Pereira Pinto (Notas).

Na cerimónia da coroação do mesmo Rei, figurou como seu Estribeiro

-mor.

Casou com D. Violante Henriques, sua prima irmã, filha de D. Francisco da Costa, de quem teve a: Henrique Henriques de Miranda 2º; Francisco de Miranda Henriques, Inquisidor, Prior de São Martinho de Lisboa e Desembargador do Paço; Álvaro de Miranda, que sendo Maltês, casou em Castela; e teve uma filha natural, por nome D. Maria Henriques a qual foi freira na Santa Cruz com o nome de Leonor de Deus (Veja-se) (Logo não era filha de D. Leonor Lobo da Silveira?).

Foi Comendador de Cabeço de Vide, Alter Pedroso e Hospital da Granja na Ordem de Cristo (Hsit. Geneal. Tomo 7, pág 102 e 224).

Matou-se em 1658 durante o cerco de Badajoz, batendo-se com outros em duelo, e então passaram para a Coroa os senhorios de Ferreiros e Tendais.

Em 1667, no tempo da revolução que destronou o infeliz Rei D. Afonso VI, vivia Henrique Henriques de Miranda e, era o filho do sobredito Luís (Port. Rest. Tom. 4, pág. 400).

#### LUIS DE MORAIS SARDINHA

Era poeta mimoso. Compôs 8 sonetos, 1 canção e 3 motes glosados, que podem ver-se no Parnaso de Vila Viçosa, onde os arquivou seu irmão Francisco de Moraes Sardinha, no ano de 1618.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana.

Vivia na Matriz em 1611, sendo casado com D. Catarina de Sá e com descendência.

#### LUIS DAS NEVES VELHO

Capitão e lavrador em 1665 (Trazia a Calva de Bencatel).

Capitão reformado. Faleceu com testamento, em S. Bartolomeu, a 15 de Maio de 1675, tendo casado em 1670 com Maria Domingues.

#### D. LUIS DE NORONHA 1º

Era filho de D. Diogo de Melo e Figueiredo e de D. Maria Manuel de No-

ronha, neta de D. Afonso de Bragança (Veja-se) e, portanto, parente dos Duques da mesma casa de Bragança.

Casou com D. Isabel de Mendonça

Foi Estribeiro-mor e Camareiro-mor do Duque D. João I, Alcaide-mor de Monforte e, Comendador de São Salvador de Elvas.

Sendo aio do Duque de Barcelos D. Teodósio II, acompanhou-o na infeliz expedição Alcácer-quivir, juntamente com seu filho D. João de Noronha (Parnaso, L. 2, cap.33; e Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 308 e 658)

Fidalgo bem honrado, lhe chama a mesma Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 60).

Deixou estes filhos: D. Diogo de Noronha; D. António; D. Cristóvão; D. Afonso, do mesmo apelido; D. Francisca de Castro, mulher de Francisco de Lucena; D. Francisca de Vilhena, etc. ao todo 12 filhos, entre machos e fêmeas (Ibid. Tom.9).

Creio que não era nascido em Vila Viçosa.

A sua viúva faleceu em 20 de Novembro de 1597 e jaz na Capela-mor das Chagas em Sepultura própria e de seus filhos D. Diogo, D. Afonso e seus descendentes.

#### D. LUIS DE NORONHA 2º

Era neto do precedente, como filho de seu filho D. Diogo de Noronha e de sua mulher D. Maria de Faro, filha de D. António de Melo.

Casou (antes de 1616) com D. Violante da Cunha Dama de Duquesa D. Catarina, da qual não teve descendência. Esta D. Violante era filha de D. Diogo Correia de Lacerda e irmã de António Pereira Correia e, prete deu em 1614 herdar os morgados do pai por ter este entrado na religião de S. João Evangelista (Loios), segundo uma procuração lhe passara em Braga no mesmo ano.

Em 1619 acompanhou a Elvas o Duque D. Teodósio II, foi Caçador-mor do Duque D. João II, a quem acompanhou no seu casamento e, picou alguns touros nas festas do mesmo.

Vereador em 1630. Foi Provedor da Misericórdia em 1634-35. Em 1634 renunciou à sua Comenda de S. Pedro da Veiga de Leiria, mas recebeu a de Santa Loucaia de Moreira, que vagara por morte de seu primo D. Antó-

nio de Melo.

Seguindo a Corte para Lisboa em 1640, assistiu ali à coroação de El-Rei D. João IV e, este o fez depois Estribeiro-mor da Rainha D. Luísa e Capitão da Guarda-Real.

Teve, como seu avô, a Alcaidaria-mor de Monforte e a Comenda de São Salvador de Elvas (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 462; Tom. 7, pág. 107; e, Tom. 9, pág. 258).

Era nascido em Vila Viçosa, Freguesia de S. Bartolomeu. Em 1640 passou para Lisboa e lá vivia em 1642. Dez anos depois era falecido e a sua viúva ainda residia na Capital. Faleceu em Lisboa antes de 1645.

É sua a Capela da Senhora da Conceição no Colégio, como diz o letreiro do pavimento dela (veja-se).

Não tiveram descendência e, porque D. Luís fora herdeiro de seu primo D. António de Melo, filho de D. Diogo de Melo, instituiu e dotou D. Violante a Capela da Senhora da Conceição do Colégio, onde supponho jazem ambos entregando a administração da mesma Capela aos Jesuítas do Colégio de Évora.

#### LUIS PEREIRA PESTANA

Foi Vereador em 1654.

Creio que era irmã de Lucas Pereira Pestana.

#### LUIS PEREIRA DE SA

Licenciado que foi Juiz do Fisco em Évora e já falecido em 1747. Casou com D. Isabel Teresa de Matos.

Era filho de Domingos Pereira de Sá? ou de Jorge Pereira de Sá?

A viúva estava recolhida nas Chagas em 1747 e anos seguintes. Dava muitos capitais a juros, de quem foi herdeiro um sobrinho de Olivença.

#### JOSE DA SILVEIRA VILALOBOS

Era Vilalobos e irmão de Estevão Mendes da Silveira, sendo filho

e Leonor Mendes da Sliveira e de Agostinho de Vilalobos, lavrador do Freguesado.

Casou com Angela Mendes no princípio do século XVII. Foi sogro de André Mendes Lobo.

#### LUIS DE SANTA MARIA

Escudeiro da Casa do Duque em 1552. Faleceu em 1570. Deixou 150:000 réis à Misericórdia.

#### LUIS VIEIRA

Alferes de Ordenanças da Companhia de Mateus Serradas de Figueiredo, eleito em 3 de Fevereiro de 1652.

#### LUIS DE VILALOBOS

Licenciado que vivia cá em 1643.

Era filho de Braz de Vilalobos (V.)

#### LUISA DA CONCEIÇÃO

Escrava do Duque João II. Não sei que simpatias ela inspirou, que diversas pessoas lhe deram 80\$ réis para comprar a sua liberdade, que o mesmo Duque lhe vendeu por escritura de 25 de Agosto de 1634, figurando nisso o seu padrinho padre Pedro Durão.

#### LUISA CORREIA

Filha de João Correia, guarda-roupa de D. Teodósio I, falecida na sua casa na rua dos Fidalgos a 5 de Novembro de 1632 com testamento, em que vinculou os seus bens em capela com o encargo anual de missas, a qual na falta de herdeiros devia passar à Misericórdia, e para cá veio efectivamente no ano de 1680. A maior parte dos seus bens eram situados em Por-

tel, e ela residiu por temporadas na Vidigueira. Mandou sepultar-se na casa de seu pai na igreja das Chagas. Parece que não tornou estado, tinha um irmão chamado Paulo Correia. Possuía uma tença da Casa de Bragança concedida a seu pai em prémio dos seus serviços.

#### D. LUÍSA LEDESMA E DE SEGURA

Espanhola Dama da Duquesa D. Ana. Era filha de Rodriquo de Ledesma e de D. Ana de Segura (1603 e segunites).

#### LUÍSA ROSA SUEIRO

Mulher de Francisco António Cravo (V.), do qual enviuvou em 8 de Março de 1890, tendo sepultura no jazigo do cemitério da Conceição que ela exigira a seu marido. Não tiveram descendência. Descendia de José Sueiro, que em 1777 era estribeiro do (...) da Casa de Bragança, nesta vila.

Ela e seu marido eram dotados de sentimentos pios, viviam da fé, eram cristãos em corpo e alma. Em seu testamento legou a sua residência no terreiro de D. João, virada ao poente, com 2 andares, para princípio de um asilo de meninas órfãs com o título de N. Sra. da Conceição, dotando esse asilo com seis contos nominais em inscrição da Junta de Crédito Público, uma tapada em vale de Figueiras junto à Quinta da Cebola de cima e um olival aos cobres, que foi vendido no Ministério da Fazenda em 1893 (27 de Maio) por 2.216\$500.

Mas nem por isso deixou de contemplar com legados e sobrinhos seus e de seu marido e pessoas que a serviam.

Era natural desta vila e faleceu com alguns 90 anos de idade, o que mais uma vez prova não ser a vida cristã contrária à hygiene, antes a auxilia.

#### LUISA TAVARES ROSA

Escrava (V. António de Abreu de Góis).

## M

### MAMEDE PEREIRA DE LACERDA

Fidalgo da Casa de Bragança em tempo do Duque D. João II. Assistiu ás festas do seu casamento, segundo Cadornega, juntamente com seu irmão Ant<sup>o</sup>nio Correia Pereira de Lacerda (em 1633).

### MANCIO JOSÉ DAS NÉVES

Foi Procurador do Concelho desde 1766 até 1777, pois no Governo do Marquês de Pombal vinham as pautas quando ele queria e se não as mandava, tinham de aguentar-se os officiais da Câmara dez anos em serviço effectivo, sem tugar nem mugir.

Morava na Matriz, casou primeiramente em 1754 com Caetana Vicência que lhe morreu em 1760, e depois com Inácia Rita.

Era filho de José Fernandes e Mariana das Neves, e natural de Alcobça.

Em 1764-85 era inquisidor no juizo geral.

Faleceu em 4 de Setembro de 1787, e foi sepultado em Santo Agostinho.

### MANUEL DE ABREU

Foi procurador no Concelho em 1684.

### MANUEL DE ABREU DE VASCONCELOS

Comendador e morador nesta vila em 1652. Senhor da horta do Cabedal na herdade do mesmo nome em S. Romão.

### MANUEL DE ABREU DE SOUSA

Filho de Sebastião de Sousa de Abreu e natural desta vila.

Era fidalgo do Duque D. Teodósio II, e acompanhou-o em 1554 a entregar na fronteira de Castela a Princesa D. Joana, mãe d'El-Rei D. Sebastião

ão (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 59).

Casou com D. Filipa da Silva, sua prima irmã, de quem teve cinco filhos.

#### MANUEL AFONSO

Vivia em Bencatel no ano de 1775, sendo casado com Maria Josefa. Parece que foi ele quem formou a horta da asinhaga da Quinta de S. João por cima da dita quinta, pondo-lhe nora com seu eugenho, donde veio chamar-se ainda Horta de Manuel Afonso, e tem de foro 2.400\$ réis ao Conde das Galveias.

#### MANUEL DE AGUIAR

Este nobre Calipolense era de pequena estatura, porém robusto como um gigante. Militou na Itália e em Flandres no tempo dos Reis Filipes. Tornando ao reino, passou ao Brasil por Sargento-mor ou Mestre de Campo de um Terço, que para lá mandou El-Rei Filipe III.

É do Parnaso de Vila Viçosa, l. 2, cap. 49, a notícia deste insigne varão, que ainda vivia em 1618.

#### MANUEL ALVARES

Licenciado em medicina e cirurgião do hospital da Misericórdia em 1570 com 20 alqueires de trigo por honorário. Jaz na igreja das Chagas em sepultura própria.

Ainda era médico-cirurgião do Duque em 1614 como consta de uma procuração que ele deu (Notas).

Casado com Etelvina Lopes da Costa. Meteu freira na Sta. Cruz a sua filha Valentina de Costa (Notas).

#### MANUEL ALVARES

Foi Procurador do Concelho em 1657.

## MANUEL ALVES DE ARAÚJO

Primo de João Alves de Araújo. Veio para caixeiro do mercador José Alves. Em 1793 (?) casou em Borba com Helena Bárbara, filha do Sargento-mor José Barata de Lima e de D. Maria da Encarnação.

Veio da Beira para exercer entre nós a profissão de mercador, e com bastante fortuna o fez. Já cá esteve em 1786.

Em 1798 elegeram-no Capitão das Ordenanças, e tomou posse deste cargo a 6 de Junho do mesmo ano, em 1811 foi promovido a Sargento-mor do mesmo corpo, e teve o cargo de Vereador em 1818. Era já então rico proprietário lavrador.

Faleceu em Setembro de 1821.

Casou com D. Helena Bárbara, que lhe sobreviveu até 1852, contando provecta idade, e houve dela uma única filha, por nome D. Maria do Carmo Alves de Araújo, a qual fez a fortuna de Manuel Bernardo de Brito Perácha, casando com ele.

## MANUEL DE ANDRADE DE BRITO

Era Fidalgo do Duque D. João II, e figurou assim na comitiva do seu casamento.

Nasceu na Matriz, onde moravam seus pais Nicolau de Andrade Freire e D. Isabel de Brito, foi batizado a 8 de Março de 1574.

Casou com D. Joana da Silveira Azevedo filha de Jorge Godinho da Silveira Azevedo filha de Jorge Godinho, da qual houve descendência nume rosa, como Jorge de Brito de Andrade, que vivia em 1637 sendo solteiro.

Era senhor da herdade da lagoa de Pardais, da qual aforou algumas courelas, junto do Outeiro da Torre em 1603 (Notas).

Em 1608 arrendou a seu irmão António de Brito residente em Aljustrel, metade de uma comenda que tinha em Monsaraz por 200\$ réis, ficando a outra metade para a cobrar ele comendador.

Em 1723-24 era mesário da Misericórdia outro filho de Francisco de Sousa da Câmara e descendente do anterior, e escravo Mesário da Conceição.

## MANUEL DE ANDRADE 2º

Foi Procurador do Concelho em 1707, 1712 e 1718.

## MANUEL ANTONIO DE MACEDO

Beneficiado de S. Bartolomeu mais de 60 anos. Era sobrinho do Prior da Matriz António Vaz de Macedo, que o mandou vir da Beira e o dotou em 1779 para se ordenar de sacras.

Faleceu em 1846.

## MANUEL ANTONIO DE MAGALHÃES

Foi Vereador em 1705. Tabelião em 1704.

Pouco depois passou a servir o cargo de Escrivão da Câmara e sustentou um pleito com os Vereadores daquele tempo, a fim de sair nos actos públicos à direita e não à esquerda do corpo da municipalidade, obteve sentenças a seu favor. Porém, os Vereadores sempre reagiram e não as deram à execução. Faleceu em 18 de Novembro de 1741, sendo freguês de S. Bartolomeu.

Em 1741 nomeou seu sucessor no officio de Escrivão da Câmara a seu fi lho Francisco Fernando de Magalhães conforme alvará de mercê que tinha d'El-Rei.

Julgo-o pai de Francisco Ferreira de Magalhães, Escrivão da Câmara em 1751, e que renovou o mesmo pleito sem resultado prático e favorável.

Casou com uma filha de João Ferreira de Campos, chamada Andresa Ferreira antes de 1703, e alcançou a sobrevivência do officio aludido para um dos seus filhos ou filhas a quem ele nomeasse.

Tinha ruim forma de letra, e não deixava margens nos livros, donde resulta lerem-se os seus escritos com muita dificuldade.

Filho seu foi o Padre António José de Magalhães, que teve o priorado de Rio de Moinhos e faleceu em 1751. Seus pais o dotaram em 1734 para se ordenar de sacras. Foi o dote 2 courelas de vinha à Horta Nova.

## MANUEL ANTONIO DE OLIVEIRA

Tabelião em 1738-44 e 45.

## MANUEL ANTONIO DE SOUSA

(Veja-se Pedro de Sousa de Brito 1º)

Filho de Pedro de Sousa de Brito 2º e de Francisca de Aragão. Foi batizado em S. Bartolomeu a 15 de Janeiro de 1660, sendo seus padrinhos o tio materno Manuel Correia de Lacerda e a avó D. Brites de Ataíde.

Foi herdeiro da casa sendo por isso Alcaide-mor de Arraiolos e Comendador da Santa Marinha do Rio Frio, de Carregosa, de Santa Maria de Antime, e Santa Eulália da Palmeira de Fafe, da Ordem de Cristo.

Para seguir a vida militar à província do Minho, assentou praça em Viana em 1681, foi depois capitão de cavalos no Alentejo, e servia no exército de Portugal durante a guerra de Sucessão de Espanha achando-se nas fronteiras da Catalunha contra os Franceses.

Em 1683 já morava em Braga, casado com D. Antónia de Meira quando o pai residia na Aldeia de Rio de Moinhos.

Em 1687 veio a Vila Viçosa e arrendou a herdade de Alcaria.

Pela razão de ter o seu domicílio em Braga foi eleito procurador da mesma cidade ás Cortes de 1697.

Em 1699 estava nesta vila e arrendou por 15\$ réis a alcaidaria de Arraiolos. Era então capitão de cavalos.

Casou com D. Joana Antónia de Meira Carrilho (falecida em 1741) de quem houve os seguintes filhos: D. Inês Teresa de Aragão nascida em Braga no ano de 1686; Pedro António de Sousa, nascido ali em 1689 e falecido nesta vila em 1722, sendo casado de fresco e ainda vivo o pai; Tomé José de Sousa, que vem a suceder na casa dos morgados, etc.

Em 1701 estava cá morando. Idem em 1708. Mete freiras nas Chagas as suas filhas: D. Francisca Madalena de Aragão e D. Brites Maria de A

taíde com dotes de 300\$ e 140\$ de comedia e propinas.

No mesmo ano fez uma composição com os frades de S. Agostinho sobre o encargo de 10 missas que tinha o morgado instituído por seus bisavós Pedro de Sousa e D. Luísa da Costa entregando-lhes um foro de 3 alqueires de azeite, imposto num olival a Maria (...).

Em 1710 já estava outra vez em Braga. Em 1720 esteve cá.

Morreu em Braga no dia 1º de Outubro de 1723 e foi sepultado no Convento do Carmo.

Diz a Hist. Geneal. Tom. XI, pág. 148, que fora Donatário da Aldeia de Redemoinhos (Rio de Moinhos), chamada Aldeia do Fidalgo, no termo de Estremoz (hoje de Borba) mas não sei se era assim. Parece-me que os Souzas tiveram ali sempre o que ainda têm - o domínio particular das herdades em que jaz a pequena aldeia, que é sua só civilmente, mas não politicamente.

#### MANUEL ANTÓNIO DE SOUSA E MENEZES

Neto do precedente. Era o filho mais velho de Tomé José de Sousa. Casou em S. Bartolomeu. com D. Mariana Joaquina da Silva e Sousa Vilhena de Castro, mas pouco depois de se juntar com ela, faleceu a 31 de Março de 1756 devolvendo a seu irmão José de Sousa e Menezes o direito de suceder nos morgados de casa. Teve sepultura no jazigo da sacristia de Santo Agostinho.

#### MANUEL ANTÓNIO DE SÁ BOAMORTE

Foi Sacerdote e Vigário da Vara nos princípios do corrente século XIX, e único padre secular do seu tempo, que subiu as escadas do púlpito.

A ele se deve a reedificação da Capela de Nossa Senhora da Saúde, em San Sebastião, realizada em 1804, a transformação da sala do consistório da Misericórdia em capela, a outros mostrava cheio de zelo.

Seu pai era almocreve segundo me contou um contemporâneo seu. Mas o filho applicou-se às letras sob sua direcção, e pode assim grangear honras a posição. Amava a leitura de obras instrutivas, e juntou por isso copiosa livraria, que ele facultava aos amigos da boa literatura.

Não me consta que possuísse benefício algum eclesiástico além de capelanias, e vejo que subsistia principalmente com os bens que lhe haviam deixado seus pais.

Faleceu a 27 de Setembro de 1816.

#### MANUEL ANTÓNIO VIEGAS CORREIA LOBO DA PONTE

Era filho de João Inácio Viegas Lobo da Ponte (Veja-se). Seguindo, como seu pai, a brilhante carreira das armas, tinha já chegado em 1800 ao posto de Coronel de Infantaria, no qual se reformou, passando então a Tenente-rei e sucessivamente a Governador da praça desta vila, sua pátria.

Em 1775 era 2º Tenente do 2º Regimento de Infantaria de Elvas. Em 1800 e 1804 foi Guarda-mor da saúde, por haver ameaças de peste. Escravo Mesário de Nossa Senhora em 1807.

Fundou o celebrado Jardim do Viegas no seu palacete da rua de Santa Luzia com traseira para o Carrascal, onde aforou à Câmara jardim semi-público, tão esquisito em ornatos de figuras de barro e madeira, caramanchões de verdura etc. que era o enlevo de nossos avós e mereceu uma visita do Príncipe Regente D. João em 1806. Quando o seu palacete com o jardim passou ao domínio dos Sousas, seus vizinhos, embelezado e os muros foram crescidos para o povo não se lograr mais desta recreação, ficando apenas de fora a carreira de maçoniqueiras, que aliás serve para tirar beleza ao Carrascal (do Norte).

Faleceu Manuel António Viegas em 25 de Dezembro de 1818, sendo casado com D. Mariana Raimunda Joaquina Vilas Boas, e deixando uma única filha, por nome D. Maria Josefa Viegas Lobo da Ponte, a qual era demente e morreu solteira em 2 de Outubro de 1836.

Era irmão dos Passos de Cristo, e por sua morte deixou alguns bens à dita irmandade.

#### MANUEL ANTUNES FERREIRA

Este nome passou à história, se bem que nem todos o homem, mas antes o menos prezem alguns.

Em 1638 tínhamos cá Manuel Antunes, que não recebia escravos, casado com

Eufrásia de Sá e Manuel Antunes, ourives, morador na Praça (Notas). Talvez este fosse .que casou com Maria Correia Loba, irmã de André Mendes Loba, a qual sendo viúva de procuração ao Criado de Santa Margarida, em 1659.

Já em 1654 era cavaleiro de El-Rei D. João IV. Era ele valido e amigo íntimo de El-Rei D. Afonso VI, e a mesma desgraça que afligiu o desventurado monarca, fez também o seu infortúnio porque os partidários do Infante D. Pedro moveram-lhe crúa guerra e procuraram desonrá-lo perante a posteridade, não sei porém se lograram o seu intento.

Diz La Clede na sua História de Portugal, que Manuel Antunes era filho de algum sineiro da Igreja da Misericórdia da sua pátria: emprego que nunca ali houve, por não ter a Santa Casa mais que um sino pequeno até que a Paróquia de S. Bertolomeu lhe deixou lá a sua torre. Mais crível seria, que o apelidassem compainheiro ou pagem da campainha nos enterros e anúncios de falecimentos (o que se fez ainda em nossos dias). Isso, porém não tirava os merecimentos ao filho, que os podia ter maiores que muitos aristocratas de sangue azul.

Que este nosso patrício tinha inteligência e sagacidade, claramente o confessou os seus adversários, que o eram principalmente do infeliz D. Afonso VI. O autor de Portugal Restaurado (Tom. 4, pág. 500), que era Pedrista, chama-lhe dextro, caviloso e apto para suscitar desassossegos e perturbações, mas nisso mesmo vemos nós que ele era aimgo leal do infeliz Monarca e que se desvelara em inutilizar os tramas, fabricados para a destronarem.

Na Relação dos tristes acontecimentos de Lisboa de 1667, - relação fidelíssima a da mais severa imparcialidade, escrita por Roberto Sothvel, embaixador da Inglaterra, aparece Manuel Antunes em melhor figura, que a quella, com que o retratou o Conde da Ericeira no sobredito Portugal Restaurado. Diz que no mês de Outubro, quando já fora desterrado o benemérito Conde de Castelo Melhor, deveras um dos melhores Estadistas Portugueses, e figura o Secretário de Estado António de Sousa Macedo, eram cometidos todos os que frequentavam o Paço, logo que tivessem a ousadia de transitar de noite pelas ruas da capital, e conhecendo muitos parciais do Rei o seu próprio perigo, começaram a abandonar o Paço, "Simão

de Sousa, irmão do Conde de Castelo Melhor (diz o ilustre diplomata inglês, e um certo Manuel Antunes, homem humilde, porém, tão aceito de El-Rei, que dele confiava o seu tesouro particular. Sentiu tanto El-Rei a retirada deste último, que cousa nenhuma o pode aplacar, por mais que fizesse, e até o lhe dizerem que o dito Antunes lhe furtava mil dobrões e fugira, e sem embargo disto mandou sua Magestade despachar vários correios para o Alentejo em busca dele, e eles voltaram sem notícia alguma. E havia na campanha mais assassinos apostados para o matarem, do que na Corte, e não se sabe de certo se o mataram, ou se buscou refúgio em Espanha."

Não consta que fosse assassinado, porque teve a esperteza de escapolir-se. Porém a sua história finda aqui por falta de notícias escritas.

Vejo no registo paroquial de São Bartolomeu, que este patricio era filho de João Antunes e de Inês de França, e foi batizado a 21 de Abril de 1613, sendo seus padrinhos Manuel Fernandes.

El-Rei D. Afonso VI tinha-o condecorado com o Hábito de São Tiago.

Acho Memória de ter professado Freira no Convento de Santa Cruz, em 1707, a Madre Teresa Maria da Trindade, filha de Manuel Antunes e de Catarina Martins, a qual muito bem pode ser filha do sobredito contudo não o afirmo, porque houve outros do mesmo nome nesta vila. Por exemplo: em 1688 e seguintes vivia em São Bartolomeu outro, casado com Inês França. Em 1693 vivia em Lisboa um requerente de causas, por nome António Antunes, que podia ser seu filho.

Em 1705 Catarina Martins, viúva de Manuel Antunes dotou em 500\$ réis a sua filha Teresa da Anunciação para ser freira. Tem alguma coisa com o sobredito, e em S. Paulo entrou para professar o filho Inácio com dote de outros 500\$ réis e mais 25\$ anuais de comedorias enquanto não professasse.

#### MANUEL DE ARAÚJO

Licenciado, vivia nesta vila em 1588.

#### MANUEL DE ARAÚJO

Porteiro do Duque em 1626, casado com Maria Roiz, era também apontador,

dos moradores da sua casa. Tinha estes dois filhos: o Licenciado Gerónimo Dias de Araújo e, João de Araújo, que no dito ano contratou casamento com Margarida Machado, filha de Salvador, e António de Araújo.

#### MANUEL DE ARAUJO

Escrivão do Judicial em 1646 e 1648.

Este é o que morava no Rossio ( Vide 1648 ).

Mas de quem descendia?

#### MANUEL DE ARAUJO PEREIRA

O pai não sei quem era. Creio que era filho de Francisco de Araújo que era pai da Isabel Araújo Pereira, mulher de Domingos da Cunha, e de Maria de Araújo Pereira, donzela em 1706. Morava no Rossio por baixo da rua de António Homem.

Já casado em 1700. Neste ano vivia sua mãe Maria Rodrigues.

Era capitão de cavalos reformado e, segundo parece, natural da nossa vila. Casou com D. Ana Maria de Mesas de quem teve a (...) Inácia Maria do Sacramento, freira na Esperança.

Por isso fez testamento, em que instituiu uma capela de missa quotidiana, administrada pela confraria do SS. Sacramento de São Bartolomeu, com o capital de 2 400\$ réis em dinheiro, de cujo rendimento se tirariam 50\$000 réis para o Capelão, ficando o resto para as despesas da irmandade. Esta capela subsistiu até os nossos dias. Sua filha única D. Inácia Maria Pereira professou na Esperança com dote de 400\$ réis e 60\$ réis de propinas, segundo o contrato feito em 1716.

Em 24 de Setembro de 1749 vendeu a quinta da Cebola por 6 mil cruzados a Manuel Lopes Ferreira Homem apesar ser foreira em 9\$. à Misericórdia, com obrigação de pagar os juros de 5 p. c. do dinheiro capitalizado a eles em sua vida e por sua morte à Irmandade de São Bartolomeu para dotação da sua Capela de missa quotidiana.

O capitão Manuel de Araújo foi sepultado na capela-mor do Espírito Santo, que era da sobredita irmandade por doação da Duquesa de Bragança D.

Catarina, e onde, ao tempo estava ainda o sacrário misto da freguesia e da Misericórdia. Ali mesmo devia ser dita a missa quotidiana, que durou pouco mais de um século.

Faleceu a 27 de Outubro de 1749 e tem sepultura na capela-mor do Espírito Santo, onde então funcionava a freguesia de São Bartolomeu.

Provavelmente ganhou o posto na guerra da Sucessão de Espanha.

#### MANUEL ARAUJO DE SA

Um deste nome, casado com Maria Gomes em 1631, comprador do Duque então Almojarife da Casa de Bragança, em 1648 (Notas).

Era genro de Lopo Vaz, ferreiro do Duque, já falecido em 1638.

Foi procurador do Concelho em 1637 e 1646, e em 4 de Agosto de 1649 passou a Alferes a Capitão de Ordenanças.

Era falecido em 1659, ele e sua mulher Maria Gomes. Entregou neste ano (...) do Santíssimo de São Romão 600\$ réis para uma capela de missa quotidiana (o testamenteiro dela).

Creio que este mesmo foi aquele Manuel Araújo preso pelo Santo Officio e cujos casos nobres no Rossio foram confiscados para Fazenda Nacional ali por 1660. Houve outros do mesmo nome sem notabilidade.

#### MANUEL BERNARDO DE BASTOS SOUSA

##### PADRE

Natural de Bencatel e filho de António Caetano de Bastos.

Estudou na Congregação de Estremoz. Seus pais o dotaram com a herdade da Calva em 1793 para se ordenar sacras.

Foi prior de Bencatel de 1814 a 1826 e de Pardais até 1834, ano em que faleceu na sua casa da rua das Flores em Bencatel.

#### MANUEL BERNARDO DE BRITO PERACHA

Era natural desta vila e filho de José Heliodoro de Brito Peracha, natural da Freguesia de São Vicente de Lisboa e de sua mulher D. Maria For-

tunata Centena Mexia, natural de Campo Maior os quais casaram na freguesia de São Bartolomeu em 1783. José Heliodoro era filho do Capitão Diogo Braz da Silva, que acabou os dias entre nós.

Manuel Bernardo foi primeiramente Capitão de Ordenanças (em 1808) quando começava a guerra peninsular, mas demitiram-no pouco depois, porquanto, indo com a sua companhia até Serpa (contra a natureza da sua milícia, que era Sedentária), recuou ali diante dos Franceses mais o seu ajudante Ant<sup>o</sup>nio Joaquim de Abreu. E por contentes se deram ambos em ser demitidos somente, pois o Marechal Beresford, não conhecendo a natureza das Ordenanças, pensava em aplicar-lhes as penas do regulamento do exército, fazendo-os passar pelas armas.

Teve também nesta época, e por muitos anos, o emprego de coureiro de cavalo do reguengo do Roncão no termo de Monsaráz.

Casou em 1809 com D. Mariana do Carmo Araújo, filha de Manuel Alves Araújo, que se obrigou a dar-lhe 200\$ réis anuais para alimentos pelo gosto que tinham deste consórcio, mas se não houvesse filhos, sairia cada um com o que levava. Veio-lhe toda a fortuna deste casamento com D. Mariana do Carmo, filha única do Sargento-mor de Ordenanças Manuel Alves de Araújo, já então rico proprietário e lavrador, e sem isso nunca teria a carreira brilhante, que teve. Logo o fizeram vereador em 1810, 1813, 1815, 1819 e 1827; e em 1822-23 foi vereador Presidente por eleição particular. No mesmo ano 1823 foi um dos dois Deputados, que em nome do Município foram felicitar a El-Rei pela morte da Constituição de 1822 e restauração da Monarquia pura.

Mas ele era liberal ainda que de boas crenças; e por isso depois de 1834, foi eleito Deputado às Cortes da Nação, uma ou duas vezes. Com certeza pertenceu às Constituintes de 1837. Comprou então a maior parte dos olivais do extinto convento de São Paulo, encontrando (conforme dizem) o pagamento do seu baixo preço com os subsídios de Deputado.

Teve sempre uma boa lavoura, que era então a melhor do nosso Concelho; e a sua casa figurava entre as primeiras da nossa vila em opulência.

Faleceu em 24 de Janeiro de 1853 nos paços dos Silveiras Menezes, rua dos Fidalgos, onde residia; e foi sepultado no cemitério de São José em co

va comum.

Deixou os seguintes filhos: Manuel Maria de Brito Peracha, que casou em Borba, mas voltou dali a ser subdelegado em Vila Viçosa, quando já era pobre; José Heliodoro, que morreu solteiro pouco depois do pai; D. Mariana que casou com o dr. João Nepomuceno da Cunha Rivara; D. Maria do Carmo, que casou com o Namorado de Fronteira; D. Maria Isabel, que não tomgou estado; e D. Maria Helena, que casou com o dr. Tertuliano Ciriaco Alves de Araújo.

Acha-se extinta a sua varonia, porque o filho varão, Manuel Maria, só tem uma filha.

#### MANUEL BERNARDO DE MELO E CASTRO

Filho (?) do 3º Conde das Galveias António de Melo e Castro.

Possuiu muitos prédios no Concelho; e vivia cá em 1773. Visconde da Lourenhã, Tenente General em 1790 e Couteiro-mor.

Arrenda a sua comenda das Atadas por 960\$ réis anuais. Morava no Paço Real.

Martinho de Melo e Castro sucedera em 1792 nos foros das Janelas e outros do sobrinho. Seria seu filho?

#### MANUEL BISPO

Procurador do Concelho em 1629 (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 145).

Não posso definir claramente a pessoa deste Procurador do Concelho, porque a família dos Bispos é antiga, muito numerosa e com indivíduos do mesmo nome.

Com efeito: em 1572 casou na Matriz um Manuel Bispo com Isabel Tarouca, e foi tabelião de notas; em 1614 casou outro em São Bartolomeu com Catarina André; outro em 1615 com Isabel Alves; e outro em 1616 com Maria Lopes: ambos na Matriz.

Em 1635 vivia na rua do Cambaia, então de São Bartolomeu um Manuel Bispo casado com Ana Botelha (Tombo 2º da Misericórdia). Este era falecido em

1646, mas a viúva sobrevivia-lhe.

Em 1656 vivia um casado com Maria Correia.

A esta Família pertenceu a herdade das Bispas sita em Pardais, antes de a possuir Rui de Sousa Pereira, da rua dos Fidalgos.

Na Asia de Barros, Vol. 6, pág. 375, outra menção de servir na Índia em 1524 um Bartolomeu Bispo no posto de Capitão de pavês.

#### PADRE MANUEL DA BOAMORTE E SA

Capelão-mor da Misericórdia em 1798. Depois Vigário da Vara. Era filho de um almocreve. Faleceu em 1816.

#### FR. MANUEL CALADO

Vão agora os leitores saber quem era este nosso patricio, tantas vezes citado por mim nestas Memórias.

Seus pais chamavam-lhe Diogo Calado, sombreireiro, e Inês Martins, pesoas honestas.

No Valoroso Lucideno (pág. 94), escrito por ele mesmo e impresso em 1648, acha-se a notícia do princípio da sua carreira. Veja-se.

*"Minha pátria é Vila Viçosa, aonde nasci e me criei à sombra da Casa de Bragança, aonde aprendi os primores, que daquela Real Casa se derivaram para todo o Portugal e Reinos da Europa.*

*Ali aprendi os primeiros rendimentos da Língua Latina em duas aulas, que os Duques de Bragança ali têm, de Gramática e Retórica, cujos mestres, pagos por sua conta, são os Religiosos de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora da Graça.*

*Fazendo-se ali em certo dia de festas ostentação do que cada um sabia, houve sortes de intretenimento e alguns enigmas com prémios, a um dos quais me opus eu e o expliquei ao certo, e com algum desenfado e energia na explicação.*

*Achava-se ali para autorizar este acto o Excelentíssimo Senhor D. Teodósio (II), Duque de Bragança, o Senhor D. Duarte, D. Alexandre e D. Fili*

pe , seus irmãos, com toda a Fidalguia que servia naquela Real Casa; e vendo-me o santo Duque (que ainda era solteiro) explicar o enigma, tanta graça achei em seus olhos, que logo me mandou para a Universidade de Évora, onde estudei Lógica e Filosofia por sua conta, e me formei Bacharel, Licenciado e Mestre em Artes (no ano de 1607), pagando-me S. Excelência os gastos de meus graus".

Sendo já graduado mestre em Artes, deliberou Frei Manuel Calado abraçar o instituto de congregação da Serra de Ossa ou dos Paulistas, e professou no convento da mesma serra a 8 de Abril de 1607. Passou depois a missionar no Brasil, onde assistiu trinta anos; e ponde, como testemunha ocular, escrever a história da restauração, de Pernambuco do poder dos Holandeses. Esta história é a que tem o título de Valoroso Lucideno e triunfo da liberdade, etc.

Mas em 1617 achava-se em Vila Viçosa, e batizou em São Bartolomeu (com licença do Prior) a seu sobrinho Manuel, filho de seu irmão Diogo Calado e de Francisca Sanches, sua cunhada. É provável que só depois deste ano fosse para o Brasil com o carácter de Pregador Apostólico por concessão Pontifícia.

Viveu muitos anos como presbítero secular do hábito de São Pedro; primeiro que professasse na Ordem dos Paulistas; pois ainda em 1622 o vejo figurar na confraria do Santo Nome de Jesus da Matriz do Castelo na aceitação de uma vinha (...) entregue pelo enfiteuta.

Um seu sobrinho, filho creio que de Bento, de nome padre Diogo Calado era cônego em Cabo Verde no ano de 1631, sendo cá seu tutor e curador o tio do mesmo nome.

O autor do Dicionário Bibliográfico, tratando deste nosso patricio, como escritor, diz:

"Alguns críticos o accusam de difuso, desalinhado e amigo de longas digressões; e outros defendemo-no."

Quanto à digressão, em que descreve a sua pátria, de certo que foi ali encaixada, mas eu perdôo-lhe esse desvio do assunto do seu livro, e até lhe agradeço de todo o coração. Se não fora assim, nós não teríamos hoje impressa uma descrição de Vila Viçosa no princípio do século XVII, como

não temos, nem dantes nem depois.

A sua obra Valerosa Lucideno foi dedicada ao príncipe D. Teodósio; e a isso deveu sem dúvida o ser impressa logo. Hoje vai sendo rara por não se ter feito segunda edição e procurarem-na muito os Brasileiros, a quem mais interessa; e provavelmente, quando estes um dia mandarem reimprimi-la, omitir-lhe-ão a descrição de Vila Viçosa. por isso, é minha vontade que seja reproduzida nestas Memórias em appendix, posto que não passe de uma descrição abreviada.

Como Frei Manuel Calado era natural da Freguesia de São Bartolomeu, cujos registos só começam em 1604, não posso apontar o ano do seu nascimento: cálculo, apenas, que seria em 1580 e tantos.

Em 1608 era escrivão da Irmandade do Sacramento da Matriz (Tombo 1º da Misericórdia). Tem mais um irmão chamado Bento Calado e outro Lourenço Calado (Notas).

O ano do seu óbito não consta da Biblioteca Lusitana; e parece-me provável que falecesse no Brasil (depois de 1648, já se vê).

#### MANUEL CALDEIRA 1º

Foi criado da Casa de Bragança; acompanhou a África o Duque D. Teodósio II em 1578; e ficou prisioneiro na batalha de Alcácer do Sal.

Era comendador de Santa Olaia de Rabal (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 36) e, irmão de António Caldeira.

#### MANUEL CALDEIRA 2º

Parente e contemporâneo do anterior, também criado da casa de Bragança e primeiro na batalha de Alcácer-Quibir em 1578. Este era Comendador de São Vicente de Guadramil. Faleceu na batalha ou pouco depois; de Sorte que não tomou ao Reino Parnaso L. 2, cap. 33; e Hist. Geneal. Tom 6, pág. 310).

## MANUEL CALDEIRA DE CASTRO

Filho de André de Angerino e de D. Angélica da Veiga.

Moço Fidalgo e Guarda-roupa do Duque D. João II, em 1633. Figurou então na comitiva do casamento do mesmo Duque; e cinco anos depois, durante os tumultos contra o Real de água, ajudou a salvar algumas jóias e roupas do Letrado, fiscal do dito imposto, metendo-se por entre os sediciosos juntamente com Jerónimo Valejo. Assim diz o Cadornega na sua Descr. de Vila Viçosa.

Mas é certo que só em 19 de Agosto assinou escritura de obrigação para servir o Duque no foro de seu moço da Guarda-roupa (N. P.).

Vivia em Lisboa no ano de 1672, casado com D. Antónia da Cunha Souto-maior.

## MANUEL DE CAMPOS

Casado com Jerónima Corte-Real em 1642 (?).

## MANUEL DE CAMPOS MERGULHÃO

Morador em Goa no ano de 1656. Será o mesmo(?).

## MANUEL CARRASCO DE AZEVEDO

Capitão de cavalos em Olivença em 1708. Era filho do capitão de Castelo Aleixo Carrasco.

## MANUEL CARRASCO

Padre e filho de Domingos Carvalho Texugo e cunhado de Manuel da Costa Feio. Começa em 1717 a ter o cargo de síndico dos capuchos. Era rico. Falecido já em 1749.

## MANUEL DE CARVALHO DA CUNHA

Tabelião em 1672.

## MANUEL DE CARVALHO MERCANDELA

Vivia nesta vila em 1705. Dele veio o nome que ora tem uma quinta de Santa Bárbara.

## DR. MANUEL DE CASTRO

Este era filho do Dr. André António de Castro e seguiu, como seu pai e avós, a profissão da Medicina, que estudou em Coimbra; e ficou ali sendo Lente de Véspera da mesma universidade. Nasceu nos fins do século XVI e florescia no XVII.

O Parnaso de Vila Viçosa, escrito em 1618, o seu elogio no L. 2, cap. 54.

## PADRE MANUEL CAVALEIRO

Florescia no meio do século XVI ou em tempo do Duque D. Teodósio I, Capelão-mor da Misericórdia. O Duque referido fala dele em seu testamento, mas de passagem, designando-o simplesmente por Manuel Cavaleiro (Hist. Geneal. Tom 4 das Provas). Isto em 1564.

Também foi Vigário da Vara do arcebispo de Évora. Faltam documentos disso.

Uma coisa porém posso afirmar ainda, é que fora nascido em nossa vila, onde os Cavaleiros são muito antigos e nobres. Don noticia de termos no tempo de El-Rei D. João II, em Tabelião chamado João Cavaleiro, porém Sacerdote e sucessor de Frei Manuel nos seus cargos de Capelão-mor da Misericórdia e Reitor dos Meninos Órfãos; e ao mesmo tempo florescia o seguinte.

## MANUEL CAVALEIRO

Lavrador na herdade dos Vinagres (Terrugem). Foi eleito Capitão de Ordenanças em 9 de Setembro de 1643, e faleceu três anos depois.

Creio que era irmão do Padre João Cavaleiro, e ambos sobrinhos de Fr. Manuel; o que não pode já talvez destringar-se.

## MANUEL CHARNEIRA

Licenciado, que vivia entre nós no ano de 1638 e immediatos (1641 sendo advogado).

Em 1643 casou sua filha Ana Roiz Loba com o Licenciado Mateus Pereira, do Redondo (Notas).

## MANUEL CLEMENTE DE SOUSA FERRO

Em 4 de Agosto de 1878 foi eleito Vereador efectivo para o quadriénio 1878-81, conforme o Código Administrativo do mesmo ano; mas caíndo-lhe a sorte de sair no fim de 1879 por causa da renovação parcial da Câmara (invenção moderna), foi reeleito para o quadriénio de 1880-83. Não pôde servir tanto tempo porque, faleceu de apoplexia em 24 de Fevereiro de 1881

Era natural de Beja; veio para Vila Viçosa por Quartel-mestre de Cavalaria nº 3, e sendo reformado no posto de Major, aqui se deixou ficar. Enviando então de sua primeira mulher sem ter filho algum sobrevivivo, passou a segundas núpcias; e teve ainda sucessão, apesar de ser já homem dos seus 70 anos.

## FR. MANUEL DA CONCEIÇÃO

Tem Vila Viçosa a glória de dar à Religião Augustiana um reformador na pessoa deste nosso patricio.

Era ele filho de D. Pedro Pueros, Irlandês, emigrado para Portugal para fugir à perseguição dos hereges Anglicanos; e doutorando-se na Universida-

de Coimbra, foi mestre do príncipe D. Teodósio.

Professou o instituto dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho, vulgo graxianos, no convento da Graça de Lisboa em 4 de Janeiro de 1651; e ali se distinguiu em letras e virtudes.

Anelando-o o seu espírito maior perfeição, animosamente empreendeu e felizmente conseguiu, vencidas gravíssimas oposições com heróica paciência, a reforma do instituto que professava sendo o autor dos Agostinhos Descalços neste Reino. Deles foi Vigário Geral em 1675. Tem por confundadores 4 religiosos agostinhos; e depois se lhe uniram mais 3.

A dita reforma já havia sido tentada muitas vezes em Portugal desde 1480, a instâncias de D. João II; mas só Frei Manuel da Conceição a tomou viável desde 1665, fundando o 1º convento com a decidida protecção da rainha D. Luísa Francisca de Gusmão. Durou a sua congregação em Portugal até 1834 isto é, 169 anos. Teve 17 congregações no Continente e uma no Brasil: total 18. Chamavam-se assim os seus conventos: Grilo ou Monte Olivete, Boa Hora no Chiado, Boa Hora em Belém, S. Rita em Setúbal, Estremoz, S. Lourenço, Formiga ou Mão Poderosa a Portalegre, Monsaráz, Évora (Mercês), Coimbra, Porto, Sobreda, Santarém, Porto de Mós, Malhada, Sorda e Baía. Com os 7 fundadores contou 1965 professos, sendo naturais de Vila Viçosa, 24, além do fundador, como vai ver-se no mapa seguinte.

É a estes frades que dão o nome vulgar de Grilos, proveniente do Convento do sítio do Grilo, em que se inaugurou a reforma em Lisboa.

A madureza do seu juízo, com alguma perfeição Evangélica, o habilitaram para confessor da Rainha D. Luísa.

Cumulado mais de virtudes que de anos, acabou piamente os seus dias no convento de Nossa Senhora do Monte Olivete em 25 de Fevereiro de 1682; e ali foi sepultado no cõro.

Escreveu várias obras e publicou muitos sermões.

Estas notícias são da Biblioteca Lusitana, do Ano histórico e do Catal. do Convento da Formiga, ms.

Nº de ordem das profissões	Nomes dos Religiosos	Convento em que professaram	Data da profissão		
			Dia	Mês	Ano
9	Fr. André da Natividade (a) ...	M <sup>te.</sup> Olivete	17	Nov <sup>bro.</sup>	1669
393	Fr. Francisco da Madre de Deus	Évora	5	Julho	1694
395	Fr. Diogo da Encarnação .....	Estremoz	23	Julho	1694
438	Fr. Caetano da Conceição .....	M <sup>te.</sup> Olivete	3	Fev <sup>ro.</sup>	1697
446	Fr. José do Rosário .....	M <sup>te.</sup> Olivete	30	Julho	1697
675	Fr. José da Conceição .....	Estremoz	28	Abril	1720
763	Fr. Lopo de S. José .....	Estremoz	7	Março	1725
809	Fr. Manuel dos Prazeres .....	Estremoz	29	Abril	1727
857	Fr. António da Graça .....	Estremoz	14	Dez <sup>bro.</sup>	1728
939	Fr. André da Natividade (outro)	Estremoz	11	Maio	1734
970	Fr. José da Consolação (b) ....	Estremoz	27	Maio	1737
981	Fr. Clemente da Conceição (c) .	Estremoz	28	Maio	1739
992	Fr. António de S. Próspero ....	Estremoz	12	Jan <sup>ro.</sup>	1740
995	Fr. Joaquim de Santa Maria (d)	Estremoz	6	Março	1740
1:029	Fr. Agostinho de S <sup>to.</sup> António .	Estremoz	23	Set <sup>bro.</sup>	1742
1:047	Fr. Teotónio de S. José .....	Estremoz	28	Abril	1743
1:343	Fr. João da Natividade .....	M <sup>te.</sup> Olivete	20	Junho	1761
1:507	Fr. José de S. Boaventura (d) .	Estremoz	17	Junho	1785
1:509	Fr. Luís de S <sup>ta.</sup> Mónica .....	Estremoz	19	Junho	1785
1:517	Fr. António da Boamorte (d)....	Estremoz	19	Set <sup>bro.</sup>	1785
1:669	Fr. Fernando da Conceição (e) .	M <sup>te.</sup>	13	Out <sup>bro.</sup>	1793
1:693	Fr. José de S. Joaquim .....	Portalegre	26	Out <sup>bro.</sup>	1794
1:750	Fr. António de S <sup>to.</sup> Gertrudes .	Évora	24	Dez <sup>bro.</sup>	1796
1:782	Fr. Vitorino de S <sup>ta.</sup> Maria	Monsaráz	6	Agosto	1797

- a) Foi o 17º compreendemos o fundador e confundadores  
b) Vigário geral ad honorem por graça apostólica.  
c) Padre Mestre e Vigário geral da congregação.  
d) Padre Mestre ou Lente  
e) Cantor

Porto e Miragaia, 27-4-86.

Pedro Augusto Ferreira

(ms. É o nome do meu grande amigo o Sr. Dr. e Abade de Miragaia, a quem devo a fineza deste mapa).

Agora uma reflexão minha. Se numa congregação religiosa relativamente moderna, e sem casa em nossa vila, professavam tantos lenses, quantos mais não professariam nas outras ordens e congregações, achando-se ali uma decente e fácil colocação?

#### MANUEL CORDEIRO VINAGRE

Alferes de cavalos suprimido em 1721, quando passou procuração a Carlos Brum (?) para lhe receber 313\$ 839 de soldos, liquidados na secretaria do General do Alentejo.

Alferes dos Auxiliares em 1708, quando Silvestre Mendes era capitão e Cristóvão de Araújo ajudante. Alferes de cavalos em 1719, sendo casado com Beatriz Cordeiro Grana. Ajudante em 1757, casado com Josefa Galvoa Alferes de Cavalos em 1758.

#### MANUEL CORREIA DE BRITO

Morador em Ceilão no ano de 1630.

#### MANUEL CORREIA SAIAL

Foi procurador do Concelho em 1749, 1752-54, 1757 e 1765.

Era alfaiate nos seus princípios 1732-1735, e fora nomeado juiz deste officio em 1740; mas pouco depois (em 1741) passou a ser Tabelião de Notas (L. 4 dos Reg. da Cam. fl. 83 v.).

Foi testamenteiro do Padre João Dias Delicado, último reitor do Colégio dos Meninos Órfãos e Capelão da Casa Real.

Faleceu em 19 de Março de 1774, sendo viúvo de Maria Teresa, filha de Marcos Bordalo e Isabel Dias da Cruz, com quem casara em 1724, teve estas filhas Maria Teresa de S. José e Joana Joaquina Bernarda Saial. Foi sepultado na Matriz em cova de família, isto é, na de João Dias da Cruz, seu

sogro do meu 4º avô, que morrera em 1709 e comprara aquela sepultura que ainda tem o seu nome.

Seus pais chamavam-lhe Francisco Correia a Maria Dias.

#### MANUEL CORREIA DA SILVEIRA

Moço de Guarda-roupa de D. Afonso VI, em 1662.

#### MANUEL DA COSTA DE AZEVEDO

Parece que era de fora e não sei que emprego tinha.

Em 1737 comprou e aforou muitos prédios de casas na rua dos Albardesos, donde presumo que ele fora o fundador da Casa que ocupava o cemitério novo do Castelo e donde viveu D. Joaquina e D. Francisca da Silva Lobo. Era casado com D. Bárbara Maria Franca.

#### DR. MANUEL DA COSTA

Deste ilustre Calipolense dá notícia o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2 cap. 51, dizendo-o nascido em nossa terra, porém, a Biblioteca Lusitana em face de várias referências do próprio Doutor, afirma ser natural de Lisboa, donde veio menino para Vila Viçosa.

Criou-se na rua dos Gentis, passando a frequentar a Universidade de Coimbra recebeu ali o grau de Doutor em Leis e obteve a regência de uma cadeira desta faculdade. Vagando com o tempo a cadeira de Prima, teve por competir no concurso a mesma a Aires de Pinêl, homem de grande reputação literária, que foi vencido pelo nosso patrício; e desgostado por isso o dito Pinêl, passou a leccionar na Universidade de Salamanca.

Vivia no meio do século XVI, quando havia ao mesmo tempo em Coimbra seis Lentes catedráticos, nascidos nesta vila e eram: o Dr. Jaime de Moraes, o Dr. Fr. Francisco de Cristo, o Dr. Manuel de Castro, o Dr. Cosme Lopes e seu irmão o Dr. Manuel Lopes, todos nomeados nesta secção.

Não diz o autor do Parnaso, como se chamavam os pais do Dr. Manuel da Costa, mas simplesmente que do lado paterno era ab humilibus parentibus (de gente humilde) e que por parte da mãe descendia dos Oliveiras, merca-

dores honrados; o que prova ser ocidental o seu nascimento em Lisboa.

É muito extenso o seu elogio no citado livro, que não pude copiar em Lisboa por falta de vagar: falta que se dá sempre em que está fora de sua casa.

Chama-lhe doutor subtilíssimo.

Dele fez também honrosa menção o Catálogo dos Reitores da Universidade de Coimbra por F. Carneiro Figueiroa, dizendo que viera de Salamanca por ocasião da reforma da Universidade (1537), e que era conhecido pela antonomasia de Subtil.

Faleceu em Salamanca em 1563 ou 64 (Bibl. Lusit.).

#### MANUEL DA COSTA

Foi Procurador do Concelho em 1761 e serviu até 1764 por não virem pautas novas.

Davam-lhe por alcunha, para seu distintivo, o nome de Quebra-fios, que na linguagem vulgar era comum a todos os tecelões; e revela agora que também ele o era.

Fora cobrador de certos cadernos de impostos, como cabeção, etc. e por o julgarem hábil e expedito igualmente para o cargo de Procurador do Concelho, pautaram-no por fim.

Em 1763 tinha três filhas chamadas Maria Madalena, Francisca Rita e Luísa, as quais nomearam um procurador (o Dr. Bernardo Manuel Silveiro).

Morava no Terreiro de Dom João.

Creio ser ele o dono da Mulatinha em 1759.

#### MANUEL DA COSTA FEIO

Em 1680 era agente de causas e morador em Lisboa

Em 1710 professou na Esperança.

É o tronco dos Feios da nossa vila, que tinha a sua casa na Aldeia de Cima. Nascera em Elvas, sendo filho de Francisco Martins e de Maria Rodrigues; veio para Vila Viçosa ainda moço; e casou na Matriz em 1697 com Maria da Cruz, filha de Domingos Carvalho Texugo.

Em 1711 comprou por 600\$ réis a Brites Coelha viúva de Jerónimo Vieira um prédio de casas na rua de S. Sebastião, com os materiais que o dr. Jerónimo lá tinha para o reedificar.

Dele nasceu João da Costa Feio, até se extinguir a linha varonil em Fernando Maria da Costa Feio (N), que não tomou estado, posto que deixasse filhos ilegítimos.

A sua viúva Maria da Cruz recolheu-se ao Convento da Esperança e ali doou em 1726 a sua filha Inácia Teresa para professorar.

No tempo de Manuel da Costa era Capelão da Misericórdia um Pedro Feio da Costa, que julgo ser seu irmão.

#### MANUEL DA CUNHA DO CARVALHAL

Era filho de João Nunes de Carvalho e neto de de Manuel Vaz do Carvalhal.

Foi Vereador ao menos, em 1612 1621 ou 1631 e 1636 (L. 1 dos Reg. da Cam. Fl. 124); e mesário tesoureiro da Misericórdia em 1629-30; o que mostra ser homem rico.

Era natural desta vila. Casou na Matriz em 1613 com Maria Alves, de Borba filha de Violante Sueira, sendo testemunhas João de Tovar Caminha e Afonso Vaz Caminha, fazendo-lhe o dito P<sup>e</sup>. Frei Manuel, em 8 de Outubro, um dote, composto dos bens da legítima dos pais de Maria Alves e outros que ele Frei Manuel doou, e obrigando-se a dar-lhe mesa, se quisessem viver com ele.

Era dono da herdadinha e azenha do Paraíso, que já lhe vinham do avô. Em 1634 era irmão mesário da Misericórdia. Faleceu em 1637 deixando um filho chamado Francisco do Carvalhal e duas filhas de nome de quem foi tutora a mãe por serem ainda menores de 25 anos (Notas).

Em 1652 era falecido o filho Francisco do Carvalhal de Vasconcelos sem descendentes, e ficaram duas filhas: Jerónima do Carvalhal, que sucedeu na Capela do tio Frei Manuel e Guiomar da Cunha que em 1652 doou à irmã vários bens e entre esses umas benfeitorias nas casas de Frei Manuel avaliadas em 23\$333 réis.

## MANUEL DIAS CABEÇA

Casado com Isabel André em 1666. Chamavam-lhe de alcunha o Pica-milho; e teve a João Dias e mais 3, todos comprometidos em 1668 na morte de Matias (...).

O filho, João Dias Cabeça foi portageiro em 1679.

Vivia em 1674 e arrematante do Real de água.

## MANUEL DIAS GUTERRES

Parece ter sido homem importante; pois falecendo em 23 de Janeiro de 1630, foi sepultado na Igreja dos Capuchos em cova própria, por cujo epítáfio tive notícia de sua pessoa. Se porém não era espanhol, tinha raça deles, como indica o seu apelido.

No Cartório da Misericórdia está marcado o dia 18 de Janeiro como o da sua sepultura dando 6.000 réis de esmola pelo acompanhamento por ser em S. Francisco extra-muros em vez de 4\$.

Era casado com Constança Mendes que lhe sobreviveu (Notas).

Em 1648 professou no Convento da Esperança com dote de 530\$ por tudo, uma filha deste homem chamada Francisca Anunciação; era falecida já a mãe; e quem figurou na quitação do dote foi seu irmão Lourenço Rodrigues e Jorge Froz Mezas, que julgo ser seu cunhado.

## MANUEL DIOGO DA SILVEIRA MENEZES 1º

Foi Vereador mais moço em 1750 e figurou nas exéquias de El-Rei D. João V, levando o estandarte Real, montado num cavalo com outro à dextra, como dito é no anal respectivo. Tornou a exercer o mesmo cargo de Vereador mais velho e Juiz pela Ordenação.

Era representante dos morgados Silveiras Menezes da rua dos Fidalgos, e filho de Estevão Alberto da Silveira Menezes e de sua primeira mulher D. Rosália Doroteia Guião. Foi batizado em São Bartolomeu a 12 de Outubro de 1722, sendo seu padrinho o Conde das Galveias Pedro de Melo de Castro; e casou no ano de 1746 com Maria Caetana de Macedo Salema (D.), (sabia escrever) Nº 2 1754 20\$, filha de Francisco Moreira Ramalho (Veja-se), e

de sua mulher Maria Teresa Salema, e nossa patrícia. Depois de ter casado com ela em Espanha no lugar de Calleira, revalidou o matrimónio na Igreja de São Bartolomeu, por haver dúvidas sobre o valor do 1º casamento.

Houve os seguintes filhos que lhe sobreviveram: Estevão da Silveira Menezes, que lhe sucedeu na casa; Manuel Teles de Menezes, nascido em 1754, que lhe faleceu sem descendência em 1824, sendo reformado em Tenente de Infantaria Nº 5; e Nicolau da Silveira Menezes, nascido em 1751, que faleceu em 1821, sendo também Oficial reformado e em 1781 era alferes do 2º regimento de Infantaria de Olivença, consignou-lhe o irmão nesse ano 28\$800 réis anuais para pagamento de venda de casas; Inácio Mendes da Silveira Menezes, nascido em 1755, que casou com D. Vicência Rosa e teve a Madre Margarida Cândida Augusta do Resgate, que professou na Santa Cruz.

Manuel Diogo primeiro residia na herdade Nave de cima a maior parte do tempo; mas serviu muitas vezes o cargo de Almotacé e também foi Provedor da Misericórdia. Foi ele quem deu parte de um Olival seu para se fundar ali a Igreja da Lapa em 1754 ou 1755.

Faleceu na sua casa na rua dos Fidalgos e 15 de Abril de 1779, e foi sepultado na Igreja Matriz. Sua mulher ainda era viúva.

Descendia de Estevão Mendes da Silveira 1º (Veja-se).

#### MANUEL DIOGO DA SILVEIRA MENEZES 2º

Era neto do precedente como filho de seu filho mais velho Estevão da Silveira Menezes e de sua mulher D. Maria Irene da Conceição Esteves; nasceu nas casas da rua dos Fidalgos a 12 de Outubro de 1787, sendo filho varão primogénito; e como tal sucedeu a seu pai na administração dos três morgados, que a casa possuía.

Fez boa figura nesta vila e prestou-lhe valiosos serviços. Em 18 de Fevereiro de 1808 foi eleito Capitão de Ordenanças e muitas vezes, durante os cercos de Badajoz, se viu obrigado a ir com a sua companhia além do Caia e do Guadiana. Por morte do Sargento-mor Manuel Alves de Araújo, senão ele o Capitão mais antigo, sucedeu-lhe no seu posto, por Patente Régia de 6 de Maio de 1824. Teve também o cargo de Vereador em 1815, 1817 e 1820. Em 1822-23 foi Vereador de eleição popular; e depois da restauração da Monarquia pura, tornou a ter o mesmo cargo em 1823, 1824, 1827, 1828 e

não sei se mais algum ano antes de 1834. Deportado para Odemira neste último ano por affecto à legitimidade de El-Rei D. Miguel I, regressou à sua pátria algum tempo depois e viveu estranho à politica ocupando-se na Cultura de suas herdades; mas em 1839 elegeram-no Vereador os seus patrícios, tornando assim a aparecer nas lides de magistratura municipal: e em 1842, por Decreto de 23 de Julho, mandada executar pelo Governador Civil António Maria Couceiro em Alvará de 3 de Agosto, foi nomeado Administrador do Concelho sem ele o pretender, e tão somente por querer o Ministro A. B. Costa Cabral congraçar-se com os Miguelistas; o que igualmente praticou noutros municípios. Sendo em 1846 demittido pela Junta Patuleia de Évora foi reintegrado no ano seguinte e conservou este cargo até 1852. Depois disto não mais quis saber de negócios públicos nem sequer da administração da sua casa, que entregou a seu filho único, já então casado, entretendo-se apenas em caçar e pescar.

Do posto de Sargento-mor da Ordenança passou a Capitão da 1ª Companhia do Batalhão de Voluntários em 6 de Julho de 1829; posto de que pediu demissão e a obteve em 14 de Julho de 1830 por motivos atendíveis.

Casou Manuel Diogo 2º com D. Mariana do Carmo da Costa Fonseca Mexia, filha de Jerónimo da Costa de Carvalho (Veja-se), em 26 de Fevereiro de 1821 na freguesia de São Bartolomeu a qual morreu de parto em 1821, deixando-lhe vivo um filho varão, por nome Inácio da Silveira Menezes, que veio a ser herdeiro dos morgados de seu pai, assim como do avô materno Jerónimo da Costa por cabeça de sua mãe. Não tornando Manuel Diogo a casar e observando um régimen económico em sua casa, como simples lavrador, e não Fidalgo, conseguiu desempenhá-la e repô-la em sua antiga prosperidade, para seu filho poder melhorá-la ainda mais por sua morte.

Faleceu em 24 de Abril de 1863 com 79 anos de idade e 42 de viuvez, sem deixar filhos bastardos, e foi sepultado no cemitério da Matriz em sepultura própria ao cabo da via central.

A série dos seus ascendentes Silveiras encontra-se no artigo de Estevão Mendes da Silveira 1º.

## MANUEL DURÃO MEXIA

Licenciado em medicina. Foi nomeado médico do partido da Casa de Bragança em 1697 e do Hospital dos moles na Misericórdia que lhe recusou o seu próprio partido.

Já cá estava em 1673, sendo casado com Maria da Conceição e vivendo ainda em Campo-Maior seu pai Francisco Durão. Tiveram a Francisco Durão Mexia a quem no ano de 1684 dotavam em 160\$ réis na fazenda de tomar ordens sacras.

Em 1706 era Cavaleiro da Ordem de Cristo. Morava na rua de Santo António por cima do largo da igreja. Em 1677 era casado com D. Leonor de Sande Corte-Real.

A quinta era de Justiniano Durão em 1782 (Notas) residente no Crato e foi este quem a vendeu por 700\$ réis ao Capitão Inácio da Costa.

Houve em Évora um Cónego magistral chamado Dr. João (...) Durão Mexia que não sei o que era a este. Tomou posse em 1756 e viveu até 1791.

## D. MANUEL D'EÇA

Veja-se D. João d' Eça, art. II. n. 10

## D. FR. MANUEL DA ENCARNAÇÃO SOBRINHO

Último Bispo Deão da nossa Real Capela. Era natural de Monsaráz ou do seu termo; professou o instituto dos Paulistas e por meio dele conseguiu frequentar a Universidade de Coimbra e tomar o grau de Doutor em teologia. Achando-se com hábito retento isto é - temporariamente secularizado, foi Prior da Matriz de Monsaráz; e tanto por isso, como pela sua naturalidade, chamavam-lhe comumente o Doutor de Monsaráz.

O Príncipe Regente D. João fê-lo Pregador Régio da nossa Real Capela; e o seu antecessor no Deado, o Bispo D. Vasco, nomeou-o professor de teologia moral e sacramental, para se habilitarem ao sacerdocio os candidatos do Exempto. Por estas razões, e pela sua muita capacidade, o mesmo Príncipe, sendo já Rei, apresentou-o Bispo Deão da dita Real Capela e Prelado ou Go-

vernador do Exempto, dando-lhe o Papa o título de Nemesis in Partibus infidelium; foi sagrado em Lisboa a 13 de Junho de 1825, e poucos dias depois veio residir no Palácio dos Bispos. Conservou os hábitos de Paulistas, distinguindo-se apenas pela cruz peitoral e o anel de Bispos; deu muitos pastorais, que manifestam o seu zelo pela boa governação do Exempto; assistiu em 1828 às Cortes de Lisboa, como Prelado; e conservou-se em nossa vila até ao fim de Junho de 1834.

Intimado em 30 do referido mês para integrar o governo do Exempto ao Ex-Vigário Geral P<sup>e</sup>. Frei José Vaz Touro, disse que o faria sem violência, posto que lhe viesse a ordem das autoridades civis; e juntamente lhe impuseram a pena do degredo para Portel, como acérrimo partidário de El-Rei D. Miguel I. Perigando a sua vida em Portel por tentar assassiná-lo o mau-frade Frei António das Dores, a quem ele castigara por causa da sua vida escandalosa, foi transferido para Lisboa; e ali esteve morando num 3<sup>o</sup> andar na rua de Pedro Dias nº 28, aos Cardais de Jesus, até falecer no ano de 1846 a 15 de Dezembro. Foi sepultado no cemitério dos Prazeres.

#### MANUEL FAGUNDES

Sacerdote Licenciado em Canones e Teologia. Foi nomeado Vigário Geral e Provisor para uma das dioceses do Brasil. Era vivo em 1618 diz o Parnaso de Vila Viçosa, l. 2, cap. 62, donde tirei esta notícia. Nasceu e criou-se em nossa vila. A este mesmo passou, o Duque e sua mulher, em 1636 uma procuração para os representar no inventário do sogro e pai D. Manuel Peres Domingos de Gusmão, Duque de Medicina, chamando-lhe Dr. Manuel Fagundes da Veiga, seu criado. / Notas.

#### MANUEL DE FARIA RIBEIRO

Filho de António Ribeiro e de Maria da Faria. Foi batizado em S. Bartolomeu a 17 de Maio de 1678.

Já era formado em 1708 e casado com D. Maria Falarda. Era médico e foi Vereador em 1722 e 1725. Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1752. Em 1717 era médico no hospital e continuou a sê-lo de futuro, apesar da opposição da ge-

rência de 1713 - 14.

Em 1735 tinha já Formas nas Vinhas Velhas e comprou uma porção a Lourenço das Torres Penalvo. Dali formou a sua quinta. Em 1728 fez dote a sua filha D. Francisca Xavier para casar com Francisco de Freitas Raimundo Penalvo, do Alandroal. Foi de 300\$ réis. Dez anos depois dotou com a legítima e o que faltava até 3 mil cruzados a sua filha D. Catarina de Azevedo para casar com João de Valadares Castro, de Borba, e o P. António Dias de Macedo, seu cunhado e vigário em Borba, deu-lhe outros 3\$ cruzados.

Teve também a D. Teresa Rita de Macedo que em 1774 era casada com D. José Valentim da Gama, tenente de cavalos.

Era dono das herdades do Outeiro e da Carrapatosa de Cima.

Em 1742 aforou-se-lhe por 120 réis um pedaço de coutada junto à sua quinta, chamada ainda Quinta do Faria próximo às Vinhas Velhas. Creio que morava na rua das Vaqueiras e casas de Fr. Manuel de Macedo, porque as netas dele as venderam em 1795 ao dito Fr. Manuel.

Foi sepultado na via central da Matriz junto ao cruzeiro, com a declaração de ser aquela cova sua e de seus herdeiros; mas pouco depois, por qualquer causa passou a ser dos Párcos aquela sepultura.

Casou depois com D. Isabel Francisca de Azevedo, que se finou em 1724.

Faleceu a 26 de Maio de 1754, sendo então casado em terceiras núpcias com D. Isabel França de Menezes.

#### MANUEL FERNANDES

Sacerdote, licenciado e por ventura pároco de S. Romão. Foi fundador do Colmeal de S. Romão; pois consta do Tombo 29 da Misericórdia que esta lhe aforava 700 réis anuais, 30 Varas em quadro de terra da herdade de S. Romão para um Colmeal, em 1631.

#### MANUEL FERNANDES

Foi Procurador do Concelho em 1692 com promessa de não continuar mais a escrever ofício de barbeiro. Continuou porém com o de sangrador, e tornou a servir de Procurador do Concelho em 1694 e 1695.

## MANUEL FERNANDES DE ASCENÇÃO

Capitão de Auxiliares em 1712, casado com Isabel Soares.

Teve ao Padre Antônio Soares de Ascensão, de 33 anos; Inocêncio Ascensão 20; Francisca Maria, 35; Águeda Jacinta, de 23.

Faleceu em 1759 contando 87 anos completos de idade, na freguesia de S. Bartolomeu. Inocêncio, filho dotado em 1733 para ser clérigo.

## MANUEL FERNANDES CAMPOS

Licenciado em 1638 e maior de 25 anos.

Cirurgião de dentro do hospital da Misericórdia em 1651 - 63 com 8\$ 000 réis e 30 alqueires de cevada.

Em 1665 foi (...) eleito para odito cargo que serviu até 1699.

Era irmão de Diogo de Campos que casou com Maria Gomes, filha de Joana Batista (1648) e filho de Frutuoso de Campos e de Beatriz Pereira, então viúva.

Vivia em 1668 casado com Isabel Lopes.

## MANUEL FERNANDES GALHARDO

Proprietário que vivia em 1604 (N.) já falecido em 1621, deixando viúva a Joana Bispa.

## MANUEL FERNANDES LUCENA

Foi Procurador do Concelho em 1635, 1659 e 1673.

O seu nome era simplesmente Manuel Fernandes, e por haver outros iguais, davam-lhe o apelido Lucena ou de Peixinhos; pois morava nesta quinta e fora feitor de Francisco de Lucena, ainda que não parente dele.

Casou com Inês Dura, de quem teve descendência. Faleceu na Matriz a 30 de Janeiro de 1677, sendo morador na rua de Évora.

## MANUEL FERNANDES MOLINA

É o nome de um sacerdote do hábito de São Pedro, falecido em 6 de Maio de 1631 na Corredoura e casa com cabido para a rua dos Fidalgos, a que hoje estão anexas as da residência dos priores de S. Bartolomeu.

Pelo apelido, parece ser espanhol. Instituiu por testamento uma capela de missa quotidiana em Santo Agostinho, a qual devia passar à Misericórdia na falta dos herdeiros, que nomeou: o que teve lugar em 1756 por morte de Margarida Soares de Molina, Abêbora de alcunha, falecido em 30 de Outubro do mesmo ano. Parece que era Beneficiado em São Bartolomeu.

Tinha 3 irmãs freiras no Convento da Luz de Xerez dos Cavaleiros e uma solteira em sua companhia, que se chamava Catarina Lopes e lhe doou a sua legítima em 1630 por não terem feito partilha dos bens paternos (Notas).

## MANUEL FERNANDES PACHECO

Tabelião que principiou em 1646.

## MANUEL FERNANDES PORTUGUÊS

Vivia cá em 1709. Era doutor, creio que advogado.

## MANUEL FERNANDES RECHONCHO

Alferes da Ordenança em 1652.

Casado com Ana de Oliveira.

## MANUEL FERNANDES DA SILVA

Meirinho da correição em 1767.

## MANUEL FERNANDES TORRES

Baixão da Capela Ducal desta vila, já em 1655 e casado com Inês Ferreira.

...

Dele procedem os Torres que figuravam em nossa vila até aos nossos dias.

Em 1646 era almoxarife dos Direitos Reais da Casa de Bragança.

Seria filho de Lourenço Fernandes (?)

Faleceu em 1662. No mesmo ano a sua viúva meteu freira nas chagas sua filha Maria de Torres.

## MANUEL FERNANDES TORRES

Sapateiro, arremata a azeitona do Duque nos 3 olivais ao Carrascal por 115 alqueires de azeite. (Notas).

## PADRE MANUEL FERREIRA

padre e Capelão da Capela Real. Grande Valido de EL-Rei D. João VI, que o fez inspector da mesma capela.

Foi quem inspirou a reforma de 1815. Juiz das almas em 1797.

Era filho de Manuel Ferreira e de Maria Anta que o dotavam em 1780 em 300\$ réis para tomar ordens sacras, sendo alguns dos bens em Pedro gão de Crato. Naturalmente algum paneiro de Bonfim, em Setembro, instituída pelo padre António Luís Pereira Durão.

## MANUEL FERREIRA DE CAMPOS

Calipolense irmão (Notas) de João Ferreira de Campos (Veja-se).

Graduando-se Bacharel em Teologia, foi secerdote e Prior da Madalena em Monforte.

Em 6 de Novembro de 1697 elegeram-no os seus patrícios Procurador da nossa vila às Cortes de Lisboa, e foi desempenhar esta honrosa comissão.

### MANUEL FERREIRA PANALVA

Serviu o cargo de Vereador em 1683.

Dois anos depois foi a Estremoz, com o procurador do nosso concelho, para assistir à reforma dos encabeçamentos das vilas do seu Almojarifado, juntamente com António da Silveira da França; e obtiveram uma notável diminuição no encabeçamento da nossa.

Em 1691 dotou a sua filha Francisca Ferreira para professor na Santa Cruz com o nome de Francisca Luísa do Sacramento em 400\$ réis, sendo 327\$753 em dinheiro e o resto em foros de azeite a rectro.

Em 30 de Outubro de 1693 foi promovido ao posto de Capitão de Ordenanças.

É o mais antigo Penalva ou Penalvo, que encontro em nossa vila. Casou em São Bartolomeu no ano de 1681 com Maria Ferreira da Cunha; mas parece que já era viúvo, tendo casado primeiro em Borba com Catarina Teixeira, da qual houve a Madre Francisca do Sacramento, que professou na Santa Cruz em 1691. Era natural desta vila.

### MANUEL FIGUEIRÃO CASTELO BRANCO

Tenente da Companhia de Cavalos de André Mendes Lobo em 1660 (e 1655).

Casado com Maria da Fonseca de quem houve descendência. Vivia em 1675 e 1692 sendo capitão entretido.

Teve um filho do seu mesmo nome; outro chamado Simão Seixas da Silva, e outro.

Seria Lucena e filho de Martim Alfredo?

Morava na casa nobre na rua de Santo António. Teve mais a Frei João de Figueirão que foi prior da Matriz; o Licenciado Frei António de Figueirão, prior de Veiros; D. Maria de Figueirão que era falecida em 1727; e D. Maria Caetana que casou para Borba com João Silveiro.

### MANUEL FIGUEIRÃO CASTELO BRANCO

Foi eleito Capitão de Ordenanças em 29 de Setembro de 1703; e em 16 de Abril de 1713 tomou posse do comando deste corpo como seu sargento-mor, nomeado por patente de 16 de Outubro de 1712, onde se lê que era natural da

nossa vila e nela morador.

Serviu o cargo de Vereador em 1708, 1710, 1713, 1720 e 1740. Em 1715 já era Sargento-mor da Ordenança. Indo a Lisboa foi ali provocado por António de Faria Monteiro, alferes de Cavalos do Regimento da Corte, achando-se na estalegem de Santo António; e o resultado foi matá-lo; e visto o morto haver sido o agressor perdoaram-lhe em 13 de Março as irmãs Maria Eugénia da Purificação e Vicência Maria de S. José, freiras nas Chagas. O morto era so brinho da sua mulher e neto de Manuel Monteiro da Paz.

Também teve um ofício de escrivão do Judicial; mas em 1716 alcançou de EL Rei licença para renunciar em António Gomes Soares por venda, por 300\$ réis para se desempenhar de dívidas contraídas (como alegava) no Real Serviço.

Teve uma filha, creio que única, D. Maria Luísa Tomásia de Figueirôa, que em 1754 era casada com o Dr. Luís Ferreira da Costa e Avelar, de cujo matrimónio não houve descendência.

Em 1720 foi também Guarda-mor da saúde; e em 1737 Governador interino da Praça por nomeação do Conde de Atalaia, Governador das Armas do Alentejo e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Em 1735 era Capitão-mor, viúvo e com uma filha. Vende as casas nobres da rua de Santo António ao Padre António Cordeiro Vinagre, lavrador da Granja.

Faleceu a 20 de Agosto de 1741, sendo casado com D. Jerónima Girôa. Deixou a Santa Ana uma vinha e nora que o prepósito Paulo dos Reis vendeu.

#### MANUEL DA FONSECA

Assistiu em 1603 às festas do casamento do Duque D. Teodósio II, sendo então fidalgo da S. M. o Rei Filipe III de Castela (Hist. Geneal. Tom. 6, pág 28). Era comendador da Ordem de Cristo (Notas).

Duma procuração sua dada a seu pai, em 1604, consta que o dito pai se chamava Diogo da Fonseca e era este morador em Lisboa, vivendo o filho cá com D. Francisco Teles (Notas).

#### FREI MANUEL DA FONSECA

Nasceu nesta vila, sendo seus imediatos progenitores Gaspar da Fonseca e Joana Cide. Professou a regra dos Eremitas calçados de Santo Agostinho em 9

de Janeiro de 1616, e passando a missionar na Índia, faleceu em Goa.

Escreveu umas Anotações sobre as obras de São Crisóstomo, cujo manuscrito se conservava no Convento da Graça de Lisboa em tempo do autor da Biblioteca Lusitana, donde extrai esta notícia.

#### MANUEL DA FONSECA COUTINHO CASTELO BRANCO

Foi Vereador em 1699.

Deste homem se faz menção no testamento de Estevão Mendes da Silveira 39, em que o mesmo testador pede a seu filho morgado trate a Manuel da Fonseca como seu irmão; donde infere logo que era bastardo: porém numa escrita de 2 de Setembro de 1688 em que lhe aforou uma tapada com o título de Forte, vejo isso mais claramente, pois não somente é designado pelo nome de Manuel da Fonseca da Silveira Coutinho, mas diz que o dito forte partia com a tapada ou cerca de seu irmão Diogo Silveira da Fonseca Castelo Branco. Veja-se pois que era filho dos mesmos pais; porém antes de casarem.

Este mesmo é o Manuel da Fonseca, que vivia na paróquia de S. Bartolomeu em 1690, casado com D. Brites Pereira e serviu de escrivão da mesa da Misericórdia no ano de 1703 com o nome de Manuel da Fonseca da Silveira Coutinho, o que revela ser bastardo de Estevão Mendes, terceiro havido de sua mulher antes do casamento ou da cunhada que veio a ser freira.

Tinha uma venda de 40\$ réis no almoxarifado de Portalegre, segundo uma procuração que deu em 1689 para lha cobrarem. Era lavrador das Bispas e da Ramalha em Pardais.

Tem um filho chamando Estevão da Silveira da Fonseca para a qual passou a tença dos 40\$ réis, segundo uma procuração que lhe passou em 1771.

Faleceu a 28 de Julho de 1707.

#### MANUEL DA FONSECA DE PISA

Avaliador e partidor do Concelho em 1631, com Domingos de Barros.

Em 1641 era casado com Beátriz Misurada.

## MANUEL FRANCISCO CANAIS

Procurador do Concelho em 1688 e 1693. Vivia na paróquia de São Bartolomeu, sendo casado com Joana Gonçalves já em 1684.

Alcaide pequeno em 1694 pagando 24\$ réis ao alcaide-mor Fernão Ribeiro do Campo de Sousa, em 1696.

## MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS

Doutor que vivia cá em 1775, casado com Josefa Rosa, que já era viúva, em 1793 (Médico).

## MANUEL FRANCO

Filho de uma tia materna de Simão Antunes (Veja-se). Seguido o dito seu primo para Flandres, obteve ali o posto de Capitão de infantaria, que já tinha em 1618, quando Morais Sardinha escreveu o Parnaso de Vila Viçosa (L. 2, Cap. 4), donde tiro esta notícia.

É provável que subisse muito alto. Ou este ou outro do mesmo nome, com habilidade manifesta para a pintura, foi mandado para Madrid em 1637 pelo Duque a fim de se aperfeiçoar em todo o género de pintura, obrigando-se o Duque a dar-lhe mantimento a ele e a sua mulher, que ficava em Vila Viçosa. Assim consta de uma escritura de 26 de Outubro.

## MANUEL FREIRE DE ANDRADE

Em 1769 era dono das Casas nobres do (...) na rua das Cortes.

Coronel de infantaria no Algarve em 1719, rendeiro do Val da Mora em 1728.

Foi Coronel na Província da Beira; depois (1735) Brigadeiro do exército e Governador da praça de Olivença. Assim o diz a Biblioteca Lusitana.

Era filho de Bernardino Freire de Andrade e de sua mulher D. Joana Vicência de Menezes e foi batizado na Freguesia de S. Bartolomeu a 19 de Março de 1683.

Casado em, 1740 com D. Joana Bernarda de Castro.

Em 1745 estava no Forte, sendo Sargento-mor de Batalha e Governador da Praça de Elvas. Em 1735 Sargento-mor da Batalha e Governador das Armas de Província.

À margem do seu assento debaptismo está uma nota da Letra do Prior Fr. Antônio Xavier do Vale que diz assim:

...

Contava pois naquele ano, 80 Janeiros.

É possível que morresse em Lisboa. Em Vila Viçosa não encontro menção do seu hábito.

#### MANUEL FREIRE DE ANDRADE E CASTRO

Este nasceu em 1696, era primo coirmão do antecedente por dois lados, como filho de Gomes Freire de Andrade 1º e de D. Luísa Clara de Menezes.

Teve, como seu pai, o privilégio das assaboarias de Vila Viçosa, etc. (L. 2 dos Reg. da Cam., fl. 383 V. e 424, V).

Creio que dele descendeu o Gomes Freire de Andrade, justicado em 1817, sendo general.

Casou com D. Luísa Rita de Menezes antes de 1715, ano em que baptizou, um filho com o nome de João.

Em 1717 arrendou assaboarias desta vila em 1706, e era já Fidalgo da Casa Real.

#### MANUEL DO FREIXO

Prioste em 1658. Foi Procurador do Concelho em 1779 e 1685.

Casou na Matriz em 1647 e 1662 com Beatriz Vaz, e em 1667 em São Bartolomeu com Susana de Oliveira.

Faleceu na Matriz em 10 de Setembro de 1695.

## MANUEL FUREIRO

Foi Vereador em 1611 e 1617 - 1627 mais velho (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 111). Escrivão da Mesa da Misericórdia em 1629 - 30.

Este morava na cidadela ou Castelo moderno, sendo almoxarife do mesmo. Casou com Luísa de Vasconcelos, de quem teve a Gonçalo Toscano Fureiro.

## MANUEL GALVÃO DE ANDRADE

Filho de António Galvão de Andrade (Veja-se) e de sua mulher D. Maria de Andrade (Hist. Geneal. Tom. 7, pág. 32).

Julgo-o nascido em Vila Viçosa antes de 1640, e criado em Lisboa para onde seu pai andou o domicílio; aliás não se lembraria a nossa Câmara de o eleger Procurador às Cortes de Lisboa em vereação de 6 de Outubro de 1679, dando-lhe por companheiro a António Pereira de Barreto e Castro.

Morreu em Lisboa e deixou ali descendência, na qual continuou o ofício de Estribeiro da Real Família, como vinha sucedendo há muito na Casa de Bragança. Pode ver-se Francisco Galvão.

## MANUEL DA GAMA BOTELHO

Capitão de Infantaria nº 15, vivia cá em 1806. Tinha um filho chamado Francisco da Gama Lobo Botelho. Ambos fazem aforamento da herdade do Men silhão no termo de Olivença, em suas vidas. Eram de lá.

## MANUEL GARCIA

Vereador mais velho em 1574.

## MANUEL GIL LIGEIRO

Este homem foi o fundador da Quinta do Gil, aos Telheiros. Tentara ele em 1769 aforar à Câmara 102 varas de terra em comprimento com 92 de largo, entrando também no foro a água da coutada, que se deriva ao poente, mas em vão, porque a Câmara com a gente da governação opuseram-se a isso.

Dez anos depois metendo-se neste empenho o Ex-ouvidor Guimarães, é que foi servido o Gil com a condição de fabricar detrás da casa da quinta um chafariz concelheiro.

Em 1755 era casado com Antónia Maria Meané.

Passou-lhe a Câmara escritura de aforamento em 6\$ réis, segundo a Provisão da Casa de Bragança. Ele tinha ali já um pequeno cerrado.

A dita quinta foi notavelmente melhorada neste século corrente por Francisco António dos Santos, que lhe anexou três courelas em 1824 ou 25; ampliou a casa; e substituiu em 1834 o chafariz antigo por outro fabricado na estrada de Juromenha (Veja-se o cap. 61 do Tom 4).

Passando a quinta para o domínio de António Maria Lobo Vidigal Salgado, os seus filhos separaram a quinta das Courelas na ocasião das partilhas, por morte dele ficando aquela a João Augusto Lobo, o mais velho.

Manuel Gil Ligeiro era tendeiro, morava na Freguesia de S. Bartolomeu, onde casou em 1754 com Antónia Maria, e onde faleceu no ano de 1794, sendo casado com Teresa Josefina Cândida Carapita, em 1762, filha de Manuel Álvares Carapiço, de quem houve descendência: Ana Felizarda Ligeira Clarinda que casou com José Caetano Madeira a quem coube a quinta que rendia 130\$ réis. Teve ao Padre António da Boa Morte Gil, Grilo etc.

Era filho de Domingos Gil e Antónia Maria e natural da freguesia de Algalé.

José Caetano Madeira, seu genro, vendeu a quinta por 800\$ réis, em 1812 a Joaquina José dos Santos, sendo foreira ao concelho em 6:100 réis.

#### MANUEL GOMES

Em 1656 era falecido um deste nome, capitão de Ordenança em Pardais; e vivia a sua viúva Catarina Rodrigues. Este em 1658 fez dote de 300\$ réis em fazenda e dinheiro a sua filha Guiomar Roiz para ser freira na Esperança.

Era natural de Pardais e morador na Quinta dos Paços, que fora de Rui de Sousa Pereira, hoje muito melhorada pelo nosso patricio Diogo da Cunha Sottomaior.

Depois de ter sido muitos anos Alferes da Companhia de Ordenanças de Pardais com os seus anexos de Bencatel e São Braz, foi promovido a Capitão da mesma em 8 de Junho de 1675. Faleceu 12 anos depois.

## MANUEL GOMES

Alferes, digo ajudante das Chagas das Ordenanças da Comarca em 1789, casado com Ana Josefa Joaquina Migaens Passanha.

## MANUEL GOMES FALEIRO

Sargento-mor (da Ordenança?). Em 1679 já era viúvo de Beatriz Roiz. Do tou neste ano a sua filha Catarina Gomes para casar com Cristóvão de Araújo, filho do Sargento-mor António Francisco de Araújo e obriga-se a tê-los em sua casa e sustentá-los.

## MANUEL GOMES FERREIRA OU TEIXEIRA

Tabelião em 1723.

## MANUEL GOMES TEIXEIRA

Tabelião em 1723.

## MANUEL GONÇALVES

Natural de Pardais e morador na mesma freguesia. Foi Alferes de Ordenanças da companhia deste distrito rural e passou a Capitão dela em 22 de Junho de 1658.

Durava então a Guerra da Restauração da Monarquia, em que as Ordenanças prestavam muitos serviços. Era lavrador.

## MANUEL GONÇALVES

Natural da nossa vila. Em 1758 morava na rua de António Homem, com oficina de ferrador e sendo casado com Inácia Joaquina; e por haver tido este ofício, toda a vida o conheceram seus patrícios pelo nome de Manuel Gonçalves Ferrador.

Mas era mui esperto e hábil para o negócio; de sorte que, começando

a mercadejar com gados, passou a ser lavrador e proprietário, tornando-se um dos maiores senão o maior dos lavradores da nossa vila. Em 1801 subscreveu com doze contos de réis para o empréstimo nacional, por cuja razão foi agradecido com o Hábito de Cristo, por diligências de seu filho Joaquim Manuel, que estudava em Lisboa.

Em 1782 dotou a seu filho José Joaquim de Oliveira e Silva, minorista, com a herdade do Assento em Terena, para se ordenar de sacras. Isto depois de lhe ter comprado o ofício de escrivão dos órfãos, que lhe vendera João Filipe Miguens.

A esse tempo morava já na casa nobre do largo da Fonte Grande; e chama-vam-lhe nos documentos públicos - Manuel Gonçalves da Fonte Grande homem de negócio.

Era filho de outro Manuel Gonçalves, natural de Vila Fernando, bispado da Guarda. Já senhor das Casas da Fonte Grande em 1770.

Casou duas vezes; e do 1º matrimônio teve um filho, que ele fez embarcar na nau dos quintos por lhe ser desobediente, como então se achava em uso. Do 2º matrimônio (1756) com Maria Joaquina (D.) houve o dito Joaquim Manuel que casou em Lisboa e lá tem descendentes; a Madre Maria Luísa, que foi freira na Esperança; e D. Angélica Bárbara, que casou com António Lourenço de Matos Azambuja (Veja-se). Deste procedem os modernos Azambujas da nossa terra.

Manuel Gonçalves faleceu a 9 de Outubro de 1812, contando cerca de 85 anos de idade; e foi sepultado na Igreja Matriz. Era já viúvo desde 1808.

Teve 3 filhos do 2º matrimônio, a saber; Joaquim Manuel de Oliveira e Silva, que casou em Lisboa e lá tem descendência; Maria Luísa que foi freira na Esperança e Angélica Roia; aos quais deu licença em 1792 para se emanciparem com dispensa de idade.

Maria Luísa entrou para a Esperança em 1796 para professar com dote de 400\$ réis e 200\$ réis para ter uma tença de 10\$ réis anuais. Depois dotou-a aos irmãos pela venda certa de 76\$400 réis anuais.

#### MANUEL GONÇALVES DE MOURA

Foi Procurador do Concelho em 1728, 1731, 1736, 1739, 1742 e 1746; e teve também o posto de Alferes de Ordenanças desde o ano de 1739.

## MAUNUEL DA GUARDA

Filho da Guarda e de Beatriz da Mota (Notas), que já era viúva em 1603. Passou em 1606 ou antes a ter o ofício de moço da guarda-roupa do Duque (Id.). Em 1606 era casado com Isabel Nobre, filha de António Nobre Em, 1617, era Escrivão da Correição, de Vila de Ourém, mas tinha, lá um Serventuário.

Em 1627 vivia em Ourém e veio cá tratar de negócios seus.

Faleceu antes de 1640. Depois a viúva e o filho João da Mota da Guarda tornaram-se, em 1652, para a sua pátria.

## DR. MANUEL DA GUERRA

Nobre Calipolense e de tão elevada estatura, que entre os colegas parecia um gigante, não só de corpo, mas de espírito (diz o Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, Cap. 57, donde resumo esta notícia). Foi Juíz na Índia, Mina e Guiné. E passaria a ter lugar na casa da Suplicação, se a morte se demorasse mais em prostraz. Já era falecido em 1543 e deixou viúva D. Violante.

Foi Sepultado na Igreja dos Capuchos com epitáfio, onde se intitula De sembargador de El - Rei.

A sua viúva D. Violante Godinho ainda vivia em 1608 (Notas) e tinha uma tença de 40\$ réis nas vendas do almoxarifado da Comarca de Ourique.

Tiveram um filho que foi o Licenciado Francisco Godinho da Guerra (V).

## MANUEL HOMEM DA COSTA

Foi Secretário do Duque D. Teodósio II; e Jáz na via central da Igreja de São Paulo numa sepultura com epitáfio, já muito obliterado, por baixo do escudo de suas armas; donde se vê que era Fidalgo da Casa do mesmo Duque.

Achei memória desta família numa procuração que em 27 de Maio de 1643 deu Bernardo Roíz, caldeireiro, a diversos como tutor de Miguel Homem da Costa e de D. Joana Homem da Costa, menores filhos do sobredito e de D. Aura, a viúva, que ainda vivia, mas ausente desta Vila.

Em 1635 era viúvo e morava em Sousel um deste nome , o qual se contratou com o Duque em 1636 para o serviço no foro de escudeiro fidalgo ( Notas).

Em 1600 vivia um Manuel Homem casado com Leonor Gonçalves, sobrinha de Gaspar Fernandes os quais tinham então uma filha freira na Esperança chamada Batista das Montanhas .

Nota: Encontro na história indivíduos da mesma época e com os mesmos apelidos.

Ex: Alberto Homem da Costa, na Índia em 1584 ( Couto ).

Sebastião Homem da Costa é ouvidor em Ceilão no ano de 1597 ( Couto , Dec. 12, L. 1, Cap. 6 ). seriam irmãos.

#### MANUEL HOMEM PESSOA

Sacerdote, Licenciado Reitor do Colégio dos Reis em tempo do Duque D. João II (1630-40) no princípio de 1630 já o era concerteza. Foi o 1º Reitor do dito Colégio depois que este recebeu uma organização completa por morte do seu instituidor o Duque D. Teodósio II, e talvez tivesse tal cargo desde o princípio do mesmo colégio.

Cardornega menciona-o por ocasião de resenhar o dito instituto, e no Livro 1º de Assentos de entradas de Colegiais encontra-se escrituração sua.

Também era Capelão dos Duques.

Era filho do tabelião Aires Gomes e de sua mulher Agostinha Borges. Em 22 de Janeiro de 1610, quando contava os seus 22 anos de idade e era estudante na Universidade de Évora, seus pais o dotavam em 175\$ réis, entrando-lhe estes em legítima , a fim de tomar ordens sacras (Notas).

Entrou nesse dote uma horta à Fonte Santa.

Comprou aos Paulistas para seu jazigo a primeira Capela do Convento do Rocio à mão esquerda, logo à entrada.

Foi tesoureiro-mor da Capela ducal. Vivia em 1642.

Em 1622 contratou meter freira na Santa Cruz sua irmã Leonor Pessoa com dote de 400\$ réis fora as ordinárias.

Faleceu em 1641 ou princípio de 45. Seu testamenteiro Manuel de Oliveira.

## PADRE MANUEL INFANTE D'ACHA

Estudou em Évora no ano de 1687; depois Capelão da Casa Real e presidente dela, por último como decano. Dotou-se em 1689 com 2 prédios de casas do terreiro da Fonte Grande para se ordenar de sacras. Senhor da Quinta dos Infantes em Pardais. Morador na casa nobre da rua de António Homem que comprou em 1721 por 384\$ réis aos herdeiros de Jerónimo Rosado do Carvalhal. Comissário do Santo Ofício e Vigário da Vara em 1728 e daí em diante. Era já Fidalgo da Casa Real e Capelão da Real Capela.

Falecido em 1740.

## MANUEL JOÃO CARDOSO

Este singelo nome revela à primeira vista a pessoa de um camponês; e assim é: mas porque prestou serviços ao município, figura também aqui a par dos outros de apelidos famosos.

Era senhor da Quinta dos Morais que ele vendeu em 1713 a João Rodrigues Lourinho por 2 contos. Tinha anexos duas azenhas (as de baixo) e duas courelas de terra de semear.

As pensões eram: 5\$ réis à Capela de D. Francisca de Noronha (à Misericórdia) e 26\$ réis à Misericórdia e Irmandade do Senhor da Madalena de Oliveira.

Morava em Pardais donde provavelmente era natural, no sítio da Fonte do Soeiro e casas com tapadas, que ainda se chamavam - Tapadas do Capitão Manuel João.

Foi eleito Alferes da Companhia de Ordenanças de Pardais com seus anexos em 8 de Junho de 1675; e passou a capitão da mesma em 22 de Novembro de 1687 sob proposta do Governador da praça Cristóvão de Brito Pereira 30.

Teve um filho do mesmo nome, que foi o seu herdeiro e outro chamado Francisco Jorge, o qual em 1724 vendeu um farregial ao António Martins da Sonda.

Foi o sucessor de Manuel Gomes, como este o fora de Manuel Gonçalves.

Depois disso, como os tempos eram de paz e o serviço das Ordenanças não se fazia já gravoso aos Capitães passou este cargo a ser provido em pessoas da vila, a fim de lograrem as honras dele, e nunca mais houve Ca-

pitões moradores na dita Freguesia.

Sabia fazer a sua assinatura, que se lê numa escritura de 1712.

#### MANUEL JOAQUIM DA ENCARNAÇÃO SISUDO

Era alfaiate no princípio da sua carreira; como porém sabia ler e escrever correctamente, e era dado à leitura de obras clássicas, obteve o lugar de professor de Ensino primário do Colégio dos Reis; o qual escreveu dignamente, segundo me informam discípulos seus: pois além da leitura, escrita e aritmética, já ensinavam resumo da história de Portugal e sistema métrico.

Em 1828 figurou como um dos três promotores da aclamação popular de El-Rei D. Miguel I.

Deu princípio em 1829 à quinta da coutada do Pinhal ou da Cruz do Tojal, que se chama, e com razão, Quinta do Sisudo.

Depois de 1834 teve algumas vezes o cargo de Juiz Ordinário.

Sustentava-se então principalmente com o produto de uma capela, de que lhe fizera mercê El-Rei D. João VI, e que lhe foi tirada pelo Governo em 1857 por lhe faltarem alguns títulos precisos; e por isso padeceu algumas privações no último quartel da vida.

Casou com Maria José da Conceição Franco e deixou esta descendência: o Padre Manuel Joaquim Ferreira Sisudo, que serviu diversos lugares e faleceu em 1877; Joaquim Manuel Sisudo; que casou com D. Maria das Dores Cordeiro e Silva, filha de José Duarte e deixou sucessão; e duas filhas que não tomaram estado.

Faleceu quase octogenário em 25 de Outubro de 1858. Era Calipolense de naturalidade.

#### MANUEL JOAQUIM PEDROSO

Doutor e Capitalista em 1762.

#### MANUEL JORGE

Cavaleiro. Fidalgo do Duque D. Teodósio I em 1553. Foi irmão da Mises-

ricórdia.

#### MANUEL JORGE BARBOSA

Mercador em 1723; tabelião em 1724. Já então servia de testemunha seu filho Inácio de Sousa Barbosa. Item em 1733, sendo casado em segundas núpcias com Josefa Rosa já viúva. O filho Inácio de Sousa era do primeiro matrimônio e vivia agora em Lisboa.

#### MANUEL JOSÉ DA NÓBREGA CAMISÃO

Era adventício em nossa terra. Vindo para cá em 1836, como Tenente de Infantaria nº4, teve a fortuna de captar as simpatias da morgada D. Inês Emília Pereira Sousa da Câmara, administradora do vínculo instituído por José Bernardo de Sousa da Câmara; e casou com ela sob a condição de lagar o serviço do exército.

Logo foi eleito Vereador Presidente em 1837 e 1839; Vereador outra vez em 1841-42; e de novo Presidente da Câmara no biênio de 1848-49.

Em 1846, seguindo o partido Patuleia, teve o cargo de Administrador do Concelho; mas por um ano somente, visto prevalecer a causa da Rainha D. Maria II com o auxílio da Espanha, França e Inglaterra. Andou escondido por algum tempo; depois, em 1849 naturalizou-se cidadão da República Francesa a título de Agente da Casa de Paulo Fleury Jagre, estabelecido em Lisboa (L. dos Reg. da Cam. fl. 169); e por último, em 1850, resolveu mudar para Lisboa o seu domicílio.

Eis o fruto dos Governos Liberais com suas ingênitias revoluções e tranquiernais! Um homem rico feliz e independente, como ele, curte amargos dissabores, por ser Liberal e querer figurar entre os gladiadores da situação.

Era já viúvo desde 1842 e morrera-lhe o filho mais velho - Francisco restaurando-lhe o segundo - António Pereira da Nóbrega Sousa da Câmara; foi com ele, para a Capital; e viveu ali, obscuramente até 1874, perdendo muito com isso a nossa vila, onde aliás gastaria os seus rendimentos. Lembrando-se porém de que devia a sua esposa a independência que lograva, mandou que o seu cadáver fosse trasladado para a capela, que lhe fabrica-

ra no cemitério da Matriz para a dita senhora, no topo da via transversal, encostada à Igreja. Isto se cumpriu em 1875.

#### D. MANUEL DE LACERDA 19

Foi Fidalgo da Casa do Duque D. João I, a cujo filho (D. Teodósio II) a acompanhou na expedição de África de 1578; mas não tomou a esta vila, porque ficou morto na Batalha de Alcácer. Teve a Alcaidaria-mor de Sousel (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 309; e Parnaso de Vila Viçosa. L. 2, cap. 33).

#### D. MANUEL DE LACERDA 29

Este, que devia ser próximo parente do anterior, foi Fidalgo da Casa de El-Rei Filipe III, e tomou parte nas festas de casamento do Duque D. Teodósio II em 1603 (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 428).

Era casado com D. Joana de Ataíde.

#### MANUEL LEITÃO

Procurador do Concelho em 1627 (Notas). Era filho de Francisco Leitão e de Isabel Fernandes, que ainda vivia em 1638.

#### MANUEL LEITE DE PAIVA

Foi Advogado ou Síndico da nossa Câmara; e faleceu em 1707.

...

Já vivia na Matriz em 1691, sendo casado com D. Maria de Andrade de Mesquita, que lhe sobreviveu. Ficaram-lhe estes filhos: D. Catarina Manuel Leite de Paiva, Francisco de Figueiredo e António Coelho.

#### MANUEL DE LEMOS

filho de Rodrigo Rodrigues, secretário do Duque D. Teodósio II e de sua primeira mulher Maria de Valadares foram filhados pelo mesmo duque no foro de moços da sua Câmara em 1602.

...

Casou com D. Catarina da Silva, filha de Lopo Vaz de Almeida e de sua madrastra D. Leonor de Castro, segunda mulher de seu pai, e freguês de São Bartolomeu. Teve a Baltazar Rodrigues de Lemos (Veja-se), a Madre Maria da Anunciação que professou na Santa Cruz em 1627, sendo este já falecido (mas pouco antes), e a Madre Francisca da Apresentação, professa em 1647 no mesmo Convento.

Em 1623 servia de Escrivão da Mesa da Misericórdia, e por isso encontrase escrituração sua nos livros do Colégio dos Meninos Órfãos (Cap. 14 do Tomo 4).

...

Morreu moço; pois era falecido já no ano de 1624 sobrevivendo-lhe sua mulher D. Catarina. Ficou-lhe um filho chamado Rodrigo Rodrigues de Lemos (Veja-se) e uma filha de nome Leonor, que professou nas Chagas com o nome de Apresentação. Recebeu esta do Duque em 1637, o benefício do seu dote um legado de 80\$ réis que a duquesa D. Catarina deixara para dote de uma neta de Rodrigo Rodrigues (Sic).

...

Deixou mais a Francisco Rodrigues de Valadares, que foi Deão da Capela Real desta vila, em 1661. D. Catarina da Silva era viva em 1638.

#### MANUEL LOBATO PINTO

Vivia nesta vila em 1659 um Manuel Lobato.

...

Serviu na Guerra da Restauração da Monarquia e subiu posto até Mestre de Campo do exército pago. Em 1662 foi Governador da praça de Juromenha, e não pode infelizmente evitar que se vendesse por capitulação a D. João de Áustria porque o nosso exército debalde tentou socorrê-la. Teve também por vezes o governo interino da nossa praça de armas em ocasiões de perigo; e durante o cerco de 1665 esteve adjunto a Cristóvão de Brito Pereira, sendo ele todavia o principal director da defesa, como parece. Depois disso foi Governador efectivo até o fim de Dezembro de 1667.

Que ele ao menos era morador em nossa vila, consta da Relação do sítio de Vila Viçosa, em 1665 (ms. da Biblioteca de Évora) onde se lê que uma bateria de morteiros Castelhanos estava ao pé das casas de Manuel Lobato (o dito).

Vivia cá em 1668 sendo comendador. Governador de Olivença em 1671.

Neste mesmo tempo vivia na Matriz um Sebastião Lobato, e em 1678, João Rodrigues Lobato, casado. Em 1665 a 9 de Julho faleceu Francisco de Moraes, soldado seu e, seu sobrinho.

Antes dessa época não conheço Lobatos nesta vila. Em 1666 falece Constança Lobata, mulher de João Luís.

#### MANUEL LOBO DA GAMA

Vereador em 1648, 1652 e 1657.

Era casado e teve a João Lobo da Gama. Parece que eram de Olivença e viera para cá por causa da Guerra da Sucessão. Talvez fosse filho de Fernando Lobo da Gama (?).

Em 1617 era casado com Maria Gomes Mansa.

#### MANUEL LOBO DA PONTE

Foi Vereador em 1750; e tomou assim parte nas exéquias de El-Rei D. João V.

Era filho de Francisco Lobo da Ponte e de D. Catarina Hilária; e sendo morador em Estremoz, sua pátria, no ano de 1711, veio casar em São Bartolomeu com D. Maria Inácia Cabral e Salazar, nossa patricia, filha de João Viegas Correia, que em 1677 fora despachado Meirinho da Correição (L. 2 dos Reg. da Cam. fl. 273), e de sua mulher Maria de Torres Salazar.

...

Francisco Lobo da Ponte alcançou em 1737 o lugar de Correio Assistente da nossa vila.

Este e o precedente Viegas foram pois troncos dos modernos Viegas, ainda não esquecidos por causa do célebre jardim do Carrascal.

De Manuel Lobo, falecido em 30 de Janeiro de 1752, nasceu João Inácio .. Viegas Lobo da Ponte (Veja-se); e deste - Manuel António Viegas (Veja-se).

#### MANUEL LOPES

Em 1645 já era casado com Maria Ferreira, filha de Bento Ferreira, e de Francisca Franca, sendo então simplesmente criado de sua Magestade nesta vila. Em 1648 já era almoxarife da Cavalaria (assentista ou coisa semelhante, pagador de cavalos. etc).

Em 1651 foi Procurador do Concelho Manuel Lopes, almoxarife da Cavalaria.

Este mesmo foi adquirindo riqueza e prestígio: de sorte que dez anos depois (1661) era Vereador; e continuou a sê-lo em 1667, 1671, 1675, 1680 e 1685. Almoxarifado da Casa de Bragança em 1666.

Era já então almoxarifado dos Paços Reais e Cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Foi mesário da Misericórdia em 1663-64. Faleceu na Matriz em 26 de Abril de 1693, maior de 90 anos ou mais.

Manuel Lopes Almoxarife ou Manuel Lopes dos Cavalos era o seu nome vulgar.

Em 1672 comprou aos Agostinhos a Capela de Santa Rita para seu jazigo, e Capela de missa quotidiana, dotada com 9 moios de terçados, sendo 6 na herdade de Cíborro e 3 na dos Machados visinha da mesma. Almoxarife dos Paços em 1679.

Fundou em 1673 a Capela de Santa Rita de Cassia na Igreja de Santo Agostinho, construindo-a de talha envernizada com cores muito variadas para repousarem ali os seus restos mortais e os de sua mulher D. Maria Ferreira; e dotou-a com bens, em que entrava o lagar do Carrascal, a herdade dos Pereiros na freguesia do Rosário, muitos olivais em nossos coutos, etc. A administração desta Capela andou nos Torres Ferreiras, Homem porque João de Torres Ferreira era sobrinho de D. Maria Ferreira, e casou com Maria de Araújo que era sobrinha de Manuel Lopes. (Veja-se José Maria Torres), até que possuiu Caetano José Alves de Araújo em nossos dias; e por morte deste passou à Fazenda Nacional que a vendeu logo. Dava muitos capitais a juro de 6%.

Em 1689 renunciou o ofício de almoxarife Bragança em João de Torres Ferreira, em 9 de Setembro de 1705, outorga em escritura pública a instituição de um morgado com pensão de 12 missas por sua alma ditas na sua Capela de Santo Agostinho, sendo primeiro administrador desse morgado João de Torres Ferreira. Meteu nesse morgado todos os seus bens de raiz. Pôs-lhe mais pensão de 3\$ réis anuais a cada uma de suas 3 irmãs e a mais duas sobrinhas suas, filhas de Manuel Gomes Caldeirão postas freiras nas Chagas. Isto quando o dito o segundo sobrinho casou com D. Francisca Maria Xavier filha de Jerônimo Infante d'Acha pois largou-lhes logo a herança de de Sartainhos e o Olival do Couteiro.

Manuel Lopes formou também um morgado com o remanescente da sua meação na pessoa do sobrinho João de Torres Ferreira com outros 12 missas de pensão sendo seu primeiro administrador o dito sobrinho. Por isso ele em 1706 por morte da tia fez partilhas com o filho que se encontram no Tombo ... da Misericórdia, porque puseram-lhe a cláusula de irem parar à Misericórdia na falta de descendentes nesta linha.

A viúva de Manuel Lopes viveu ainda até 6 de Outubro de 1706, sendo freguesa da Matriz; e teve sepultura na sua capela de Santo Agostinho.

#### MANUEL LOPES CANHÃO

No Livro 29, cap. 63 do Parnaso de Vila Viçosa trás Morais Sardinha o elogio deste nosso patricio, exaltando a sua grande habilidade para o ofício de relojoeiro. Diz que, sem ser serralheiro nem ferreiro, e só por mera curiosidade sua, fizera um relógio para si e para o Duque D. Teodósio II. Vivia na Tapada real (e provavelmente era ali couteiro) em 1618.

Casou em 1614 com Isabel Vaz na Matriz; e faleceu em 1642 a 4 de Julho.

Houve outros do mesmo nome. Um deles faleceu na dita Matriz em 20 de Setembro de 1700.

#### MANUEL LOPES GASTÃO

Tabelião de Notas em 1614. Casado com Margarida Foreira Coelho. Lavrador também. Vereador em 1615; mais velho em 1619.

Em 1622 morava em Borba. Vereador em 1623, 1625 mais velho. Em 1629

comprouas melhores casas da rua do Angerino a Isabel de Sousa Tavares, viúva do Licenciado Bartolomeu de Valadares Vieira por 200\$ réis. Vereador mais velho em 1633.

Teve um filho Antônio Mendes Gastão. Era falecido já em 1637.

#### DR. MANUEL LOPES NETO

Era doutor em medicina e lente na Universidade de Coimbra em tempo de El-Rei D. João III. Teve três irmãos igualmente ilustres pelos cargos que exerceram; a saber: Cosme Lopes Neto, médico; Fernão Lopes Neto; e Nuno Lopes Neto.

...

Destes Calipolenses faz menção o Parnaso de Vila Viçosa, no L. 2, cap. 55.

#### MANUEL LOPES DE OLIVEIRA

Foi este Calipolense - insigne humanista, profundo filósofo, elegante poeta, jurisconsulto egrégio; tanto que mereceu ser Advogado da Casa da Suplicação de Lisboa, onde vivia no ano de 1618.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana, que a bebeu no Parnaso de Vila Viçosa, L. 2 cap. 61.

Mas já em 1595 tinha banca de Advogado, nesta vila como se vê das Notas públicas; e serviu de Procurador da Misericórdia até Abril de 1610, segundo o livro da escrituração deste ano. Depois e quando toma o grau de Doutor em Coimbra e foi acabar em Lisboa no ofício de edvogado da Casa da Suplicação.

Chamavam-lhe por antonomásia o Subtil (Elescano - Demetrio moderno, pág. 149). Era filho de Jorge de Oliveira, e de Isabel Nunes e, irmão do Licenciado Fernão Lopes de Oliveira.

Em 1604 era já viúvo de Isabel de Castro, filha do dr. Antônio André de Castro e passou a segundas núpcias com Margarida Machado Ribeira sua prima (Notas).

Em 1617 já era Doutor e advogado da Casa da Suplicação de Lisboa. Ain-

da lá residia em 1627 e veio a esta vila hospedando-se em casa de seu irmão (cunhado?) Diogo de Castro.

Em 1634 era já falecido e tinha em Lisboa um filho chamado André de Oliveira licenciado em Leis.

#### MANUEL LOPES DA SILVA

Tomou posse do Cargo de Capitão de Ordenanças em 2 de Julho de 1738; e faleceu no ano seguinte.

Talvez sucedesse ao Capitão Manuel João Cardoso, de Pardais.

Era o de Bencatel? Era ourives. Casou com D. Josefa Mónica da Silva de quem teve a D. Josefa Eufémia da Silva, que casou na mesma aldeia com José António das Torres.

Em 1712 era ajudante de Quartel mestre e residente em Estremoz, mas em 17 de Abril tomou de aforamento em Bencatel a Pedro de Mascarenhas em 3:690 réis o pedaço de terra entre a primeira e a segunda azenha.

#### MANUEL LOPES DE TORRES FERREIRA HOMEM

(Este primeiro era só Manuel Lopes de Torres e mercador).

Foi dotado em 28 de Janeiro de 1738 por seu pai João de Torres Ferreira Homem e por seu tio o padre Manuel Infante d'Acha para casar com sua prima D. Leonarda filha órfã de Manuel Gomes Caldeirão e de sua mulher Bernarda Maria Montosa, de Portel. O padre doou 100\$ réis anuais para os seus gastos e vindo morar para Vila Viçosa, (...) do sustento, e por sua morte os seus bens com reserva de 500\$ réis para (...). O pai deu-lhes os bens de que formou a capela que veio a Caetano Alves.

Foi Vereador em 1744 e Capitão de Ordenanças ou Auxiliares.

...

Era dos Torres e filho ou irmão de João de Torres Ferreira Homem.

...

O outro do mesmo homem vivia depois na Matriz, sendo casado com D. Leonarda Xavier Maria Coutinho, sua parenta em 2º e 3º grau de consanguinidade.

Em 21 de Agosto de 1773 amanheceu morto na cama; foi sepultado no seu

jazigo da Capela de Santa Rita em Santo Agostinho (Reg. par. da Matriz).

Não teve filhos legítimos e sim o bastardo João de Torres Ferreira Homem, que ele perfilhou.

Este segundo era filho de João de Torres Ferreira e de D. Francisca Maria Xavier Infante e casou na Matriz em 1738. Em 1744 já a quinta de Pardais era de Francisco Lobo Infante de Lacerda.

Em 1766 tornou a vender por 6\$ cruzados a quinta da Cavala que comprara em 1750 ao Capitão Manuel de Araújo Pereira por igual quantia ao Padre Manuel Tomás Xavier de Torres.

D. Leonarda vivia em 1813, em Portel.

Pode ver-se atrás Manuel Lopes.

#### MANUEL LOURENÇO DE BARROS

Lavrador da Cavaleira em 1763. Casado com Maria Rosa. Institui no dito ano uma capela de missa quotidiana, dotada com um couto e 200\$ réis para ser dita no Convento da Serra de Ossa. Lavrou-se escritura disso no Convento do Amparo de Vila Viçosa tomando logo esse dinheiro a juro de 5% a viúva do Dr. Bento Dias Parnaso.

Era dono das casas do Rocio ao canto por baixo da rua das Vaqueiras (as de Cristóvão da Rosa).

Era falecido em 1755 e a sua viúva morava em Bencatel.

#### MANUEL LOURENÇO FRANCO

Procurador do Concelho em 1604 (Notas) e 1613.

#### MANUEL LUCAS DE MATOS

Vivia em 1658 e esteve preso na Cadeia do meio.

...

Procurador do Concelho em 1660.

## MANUEL DE LUCENA

Licenciado, sacerdote, Capelão do Duque e irmão de Afonso de Lucena (Notas).

Foi mesário nobre da Misericórdia em 1600. Creio que vivia em casa do irmão. Jaz na Igreja da Esperança, onde se vê o seu epitáfio. Foi sepultado em 25 de Junho de 1601, dia do Corpo de Deus.

Em 1601 houve de seu tio Fernão de Matos a mercê da renúncia de uma comarca de Lisboa com reserva de 200\$ réis anuais durante a vida do resignatário (Notas).

Nasceu em 1586. Quando em 1607 contava os seus 21 anos deu uma procuração para requerer S. Santid. a apresentação num canonicato de Lisboa, que tinha seu tio Fernão de Matos, (...) do Estado de Portugal, em Madrid (Notas).

Era falecido já em 1623.

## MANUEL LUÍS BORRALHO

Foi Procurador do Concelho em 1668. Casou com Maria Monteiro; e isto antes de 1647. Teve filhos dela.

...

Em 1653 casou outra vez em São Bartolomeu com Beatriz Rodrigues Mansa que ainda vivia mais ele em 1672. Enviuvou segunda vez neste ano.

## MANUEL MACHADO

(Veja-se o que está sobre o artigo de Luís Machado).

Era Fidalgo do Duque D. Teodósio I em 1554; e já então vivia seu filho Francisco Machado com o mesmo foro (Hist. Geneal. Tom. 6 pág. 59).

A casa desta família era na Corredoura, fazendo esquina para a rua das Cortes, hoje pertencente aos Condes das Galveias, onde se vê um escudo com 7 machados (apeado em 1890 quando foram vendidas e E. da Cruz Figueiredo).

De Francisco Machado; e deste nasceu Luís Machado que teve bastardo a Cristóvão Machado Gralho, pai de Luís Machado da Silveira (veja-se), etc.

A herdade do Machado em Bencatel era deles, assim como Soverina e a De fesa de Cima em Rio de Moinhos.

#### MANUEL DE MAGALHÃES MEXIA MACEDO

Era forasteiro. Veio tomar posse da Vara de Corregedor da nossa comarca em 23 de Maio de 1812; e como fosse reconduzido, conservou a dita vara até os fins de 1820.

Gostava da nossa terra; e assim promoveu que lhe dessem o lugar de Juiz do Tombo da Casa de Bragança, visto achar-se apresentado com a graduação de Desembargador.

Viveu na Freguesia de São Bartolomeu até 24 de Dezembro de 1829, sendo casado com D. Teresa Joaquina Moniz. Não restam descendentes seus.

#### MANUEL MARIA MATRÔCO

Filho de Antônio José Matrôco e de D. Francisca Benedita Lobo da Rosa.

Exercitando seu pai em Juromenha o ofício de cirurgião, ali nasceu Manuel Maria no ano de 1820; mas veio pequeno para Vila Viçosa, pátria de sua mãe, e foi admitido no colégio dos Reis. Ainda não tinha acabado o seu tempo de colegial ou seminarista, quando se fechou a sua casa em Outubro de 1834.

Passou então a viver em companhia de seus tios e tias maternas. Teve primeiramente o cargo de Fiel da Misericórdia, do qual passou depois a Escriturário da mesma casa. Ali por 1857 foi nomeado Escrivão da Administração do Concelho: lugar que deixou em 1860 para servir o de Escrivão da Câmara.

Casou com D. Maria das Dores Veiga, filha de Antônio José da Veiga; e houve dela um filho (Antônio Augusto) e uma filha (D. Maria Francisca), a qual casou com Matias de Castro e Silva etc.

Além de ser um bom serventuário de seus empregos, Manuel Maria Matrôco, tem sido um cidadão mui prestante à nossa vila e sua pátria adoptiva por meio de sua rara habilidade; e esta é a razão por que inscrevo aqui o seu nome. Por exemplo: Quando em 1855 se tratou de dispor os anjos e figuras de virtudes, que deviam abrinhantar a procissão extraordinária da festa

pela Definição Dogmática da Imaculada Conceição da Virgem Maria, foi ele quem talhou os vestidos e dirigiu as costureiras, regulando-se pelas pinturas clássicas das mesmas figuras. Quando em 1861 tiveram lugar as exéquias de El-Rei D. Pedro V, foi ele quem traçou o modelo da essa ou catafalco, dirigiu a decoração do templo de Santo Agostinho, fez os chapéus de luto dos Vereadores, segundo o formato dos Lisbonenses etc. A ele se tem recorrido para um risco de iluminação, etc. sendo nesta parte um continuador de Caetano Alves.

A semelhança de seu tio materno André Lobo da Rosa tem feito obras de ornato com muita delicadeza; e ainda em 1882 ofereceu uns primorosos cestos de cortiça aos basares da Lapa e do Senhor da Piedade, não obstante as suas multiplicadas ocupações, como Escrivão da Câmara e Secretário da Misericórdia.

#### MANUEL MARINHO

Tendeiro, diz a pauta para distintivo do seguinte. Foi Procurador do Concelho em 1704. Era filho de João Marinho e Isabel Gomes, e casou em São Bartolomeu no ano de 1669 com Maria Gonçalves e em 1676 com Maria Lopes. Desta houve descendência.

#### MANUEL MARINHO PEREIRA

Tabelião em 1673 e 1692.

Nasceu em São Bartolomeu, onde foi batizado a 29 de Janeiro de 1647. Serviu o cargo de Vereador em 1696 e 1704. Era filho de António Marinho e de Domingas Lourenço; e casou em 1671 com Brazia Coelha, filha de Domingos Gonçalves e Isabel Fernandes: todos de Vila Viçosa.

Faleceu em 5 de Setembro de 1709, sendo Vereador mais velho.

#### MANUEL MARQUES DE LIMA

Capitão de infantaria em 1646. Morava nesta vila. Creio que era mercador. (Filho de João Marques?)

Capitão de infantaria do troço de Manuel Lobato Pinto em 1666.

Creio que dele nasceu António Marques de Lima.

Faleceu em 3 de Agosto de 1700.

#### MANUEL MARQUES DA SILVA

Alferes de Ordenanças, tendeiro de mercearia em 1769.

Em 1771 era casado com Francisca Luísa. Neste ano compram as casas da Praça por 300\$ réis a João J. Costa e Avelar, sobrinho e herdeiro do Dr. Francisco da Costa e Avelar.

Em 1779, a 19 de Fevereiro estava preso na Cadeia e deu daí procuração ao Padre Dr. Alexandre Gomes de Matos, advogado em Lisboa. Era por não querer casar com a segunda mulher vivia em 1799.

#### MANUEL MARTINS CARAPELO

Foi Procurador do Concelho em 1675, e Vereador quatro anos depois.

Era filho de António Martins Carapelo (Veja-se); o qual casou na Matriz em 1659 com Isabel Gomes, filha de André Mestre e Maria Silveira.

#### MANUEL MARTINS CEPÁ

Era filho de Violante Galvão e de (...) Cepa. Era irmão de Gaspar Galvão e casado com Maria Moura em 1588.

Em 1600 era Vereador mais velho e servia de Juiz pela Ordenação. Instituiu uma capela que chegou até Fernão Vaz Cepa (V.).

A Casa dele no Adro de Santo Agostinho fazendo esquina para a rua do Passadiço com cunhais de mármore.

A sua Capela foi abolida em 1773, sendo administrador dele João Joaquim de Moraes Cepa. Foi Vereador em 1595 e em 1604 (Notas), residente em Lisboa.

Constava do monte dos Galrões. /1 quinhão na Brazia, 1 Farregial nos coutos da vila, 1 olival e foros.

## MANUEL DE MATOS

Foi Vereador em 1611 e parte de 1612 (L. 1 dos Reg. da Cãm. fl. 114).

Parece ser natural de Monsaráz. Veio para esta vila em 1603 quando casou com D. Maria Abreu, filha de Belchior Rodrigues (Veja-se).

Era falecido em 1616, sobrevivendo-lhe sua mulher. (Notas). Teve a Belchior Rodrigues de Matos (V.).

## MANUEL DE MATOS AZAMBUJA

Filho de António Lourenço de Matos Azambuja (Veja-se). Nasceu na Matriz em 1815.

Serviu o cargo de Vereador no biénio de 1856-57 e no quadriénio de 1882-85.

Nunca tomou estado, mas ficou na casa paterna em companhia de sua irmã D. Maria Clara, também solteira; e a estes doistornou a juntar-se António Carlos depois de viúva, podendo assim todos três viver com decência e economia ao mesmo tempo.

Manuel de Matos podia e devia ser Vereador mais vezes; tomo porém para se livrar do encargo de Jurado, tomou a aparência de arrematante de malas do correio isso mesmo o tornava ineligível: mas em 1880 cessou tal inabilidade, porque completando os 65 anos de idade, ficou já excuso de Jurado; e acabando com as ditas arrematações, pôde já ser eleito Vereador.

Faleceu em 9 de Março de 1886.

## MANUEL MENDES HOMEM

Maior Senhorio da herdade dos Furadouros, de S. Romão em 1614 (Notas).

Vereador em 1626.

## MANUEL DE MERGULHÃO

Assistiu em 1578 à infeliz batalha de Alcácer-Quibir, onde acompanhara o Duque D. Teodósio II, como criado que era da Casa de Bragança. Ficou

prisioneiro com o mesmo Duque (Hit. Geneal. Tom. 6, pág. 310).

Tinha casado na Matriz em 1569 (Reg. Paroq.) com Apolónia Penalva a qual vivia ainda em 1602, sendo viúva (Notas).

#### MANUEL DE MONTARROIOS

Filhado pelo Duque em 1634 no foro de moço da sua câmara, com anuência de seu curador Domingos do Rego de Andrade. Era filho de Filipe de Montarroio.

#### PADRE MANUEL MONTEIRO

Com o dote de 400\$000 réis instituiu por testamento uma capela de 100 missas da esmola de 50 réis, cujo 1º administrador será seu irmão Amador Monteiro e na falta da sua descendência passaria à Misericórdia (Tombo 3).

Mandou sepultar-se na Matriz do Castelo e sepultura de seu avô Amador Monteiro; e sua irmã Ângela Monteiro, viúva de Gregório de Souto, que depois da morte do marido, se juntara com ele na sua casa da rua das Vaqueiras.

Era sobrinho de Salvador Monteiro.

Quis ser acompanhado à sepultura pelas confrarias de S. Pedro, Almas e Senhora da Saúde, e determinou que lhe fizessem um ofício ofertado com 1:000 réis. Acabara o costume das ofertas a comestíveis.

#### MANUEL MONTEIRO LEITÃO

Em 1676 era casado com Catarina Lopes, que faleceu em 1724, sendo já viúva.

...

1. Em 15 de Junho de 1682 sendo Alferes de Ordenanças, foi promovido a Capitão; serviu o cargo de Vereador em 1684 e 1690; e faleceu em 1693. Foi pai de Afonso Monteiro Leitão.

...

2. Outro do mesmo nome e filho seu, foi eleito Alferes da Companhia de Ordenanças, de que seu pai era Capitão, em 11 de Outubro de 1693.

#### MANUEL MONTEIRO DA PAZ

Foi Vereador em 1683, 1689, 1693, 1695, 1700, 1704, 1716 e 1717.

Teve em 1691 o cargo de Almojarife da Casa de Bragança; e em 1699, sem ser Vereador actual, foi escolhido pela Câmara para levar o estandarte municipal na recepção da nossa patricia D. Catarina, Rainha de Inglaterra. Faleceu em 1721, a 14 de Abril, sendo viúvo.

Tinha casado no ano de 1669 em São Bartolomeu com Maria Girôa de Sá, também nossa patricia; e houveram, entre outros filhos, a Madre Maria Josefa da Purificação, que professou na Santa Cruz em 1702.

Era vilho de Amador Monteiro; casou segunda vez com Jerónima Girôa e administrava em 1678 uma capela instituída por Ângela Monteiro (sua tia?), que fora casada com Gregório de Souto.

Em 1691 afiançou-se para ser almojarife e juiz dos direitos reais da Casa de Bragança. Em 1700 meteu freira na Santa Cruz a sua filha Maria Josefa de Sá Girôa com dote de 500\$ réis por tudo. Teve ao Padre Manuel Monteiro de Sá.

#### MRNUEL MOREIRA DE CARVALHO

Seguiu a vida militar e foi Ajudante de Engenharia na província do Alentejo.

Nasceu na Matriz onde foi batizado a 31 de Janeiro de 1704, sendo seu padrinho o 29 Conde das Galveias; e teve por pai ao dr. Jerónimo Moreira de Carvalho, casado com Rosa Maria da Silveira.

Traduziu do Castelhana e publicou a História das fortunas de Sempriles e Generodano pelo Dr. João Henriques de Luniga, obra muito curiosa e discreta, impressa em Lisboa no ano de 1735.

Assim se lê no Dic. Bibliog.

A Biblioteca Lusitana diz mais - que estudou Gramática, Aritmética e Geografia, saindo eminente nestas disciplinas. Serviu na Corte com praça de soldado até ser Ajudante de Engenharia, como dito é.

Faleceu em Estremoz no 1º de Outubro de 1741, e foi sepultado na Matriz da mesma vila.

#### MANUEL MORGADO

Síndico da Ordem Terceira, em 1673, casado com Brites Fernandes. Já em 1686, tinha duas filhas freiras nas Chagas; e nesse ano meteu mais duas, Ana Morgado de 13 anos e Francisca de 5, para se criarem lá e professarem depoistambém. Douu então os seus bens ao Convento em Capela com 150 missas de encargo.

Mercador em 1690. Penhor da herdade do Caucau no termo de Elvas, em 1694. Tesoureiro da Confraria dos Escravos em 1706.

Tiveram um filho do mesmo nome Manuel Morgado, também mercador, que em 1714 era casado com Francisco Rodrigues.

#### MANUEL DE OLIVEIRA

Tabelião em 1622 e anos seguintes. Procurador do Concelho em 1615 (Notas).

Faleceu a 18 de Maio de 1649, teve sepultura em São Paulo, sendo acompanhado pela irmandade das Almas, como ordenava em seu testamento (Tombo 3º da Misericórdia). Mandou que lhe fizessem um officio em São Paulo ofertado com 6 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho. Instituiu uma capela de 24 missas e 50 réis, ditas em São Paulo, cujo 1º administrador seria seu filho António de Oliveira. Na falta de herdeiros passaria esta Capela à Misericórdia com o encargo de 35 missas.

Além do filho António de Oliveira que foi tabelião em 1641 e anos seguintes, teve a Francisco de Oliveira que em 1643 era prior da Madalena em Monforte (Notas).

Na dita Capela entrava em 1º lugar um prédio de casas do Adro de São Bartolomeu com quintal e poço (serão as que ficam por cima da rua dos Fidalgos, lado norte?).

Era criado do Paço e ali foi aprovado o seu testamento. Provavelmente, era o primeiro almoxarife ou administrador do mesmo Paço depois de 1640.

Em 1642 era casado com Pascoela Leitôa. Deixou estes filhos: António

de Oliveira (W.); Isabel de Oliveira Solteira; Joana de Oliveira que casou com João Luís Coutador da Fazenda de sua Magestade; e Francisco de Oliveira, prior da Madalena de Monforte. Estes quatro partilhavam os bens do casal, avaliado em 2:262:656 réis em que entravam umas casas da Praça por cima da rua dos Fidalgos, avaliadas em 200\$ réis e 3 herdades na Freguesia do Rosário do Alandroal, que tinham os nomes de Canhoto, Bonilha e Val de Figueira (consta da respectiva escritura).

#### MANUEL PASSANHA DE BRITO

Era segundo filho de Cristóvão de Brito Pereira 1º e de D. Ana de Sousa, e Fidalgo da Casa de Bragança.

Como seguisse a vida eclesiástica, foi Capelão do Duque D. João I e Decano ou Presidente da Colegiada, e nesta qualidade batizou em 1568 ao Duque D. Teodósio II. Quando em 1581 se organizou o Cabido em forma e se criou a dignidade de Deão por autoridade pontífica, foi ele colado 1º Deão; e serviu largos anos este cargo, por falecer já muito a dentro do século XVII. Foi Provedor da Misericórdia em 1584 e em 1598.

Fundou na sua Casa da Corredoura situada entre a de Pedro Moreno (de cima) e Bautista da Costa (de baixo) uma capela ou oratório, dedicado a Santa Marta; e para se poder dizer ali missa exigiu o Arcebispo de Évora que desse hipoteca à conservação do mesmo oratório; e assim a deu ele no mesmo prédio de casas em 27 de Julho de 1611 (Notas).

Em 1609 deu-lhe o Duque o benefício de tesoureiro da Colegiada de Barcelos, mas teve de renunciar os benefícios de arcipreste da mesma Colegiada a um benefício simples em Vilar de Nantes termo de Chaves (Notas).

Faleceu em 1615, pois nesse ano foram vendidas as suas casas de residência na Corredoura (entre Francisco Soares Moreno e Bautista da Costa) ao dr. André António de Castro por Pedro de Sousa de Brito que parece foi seu procurador e testamenteiro (por 500\$ réis). Nota 13 de Outubro.

#### MANUEL PAZES DE GOUVEIA

Foi Vereador em 1734 e 1739.

De Alferes de Ordenanças foi promovido a Capitão em 4 de Novembro de

1739.

Era filho de Francisco Pazes e de Maria Charreia; e casara em São Bartolomeu no ano de 1702 com Brites Pereira Charreia, filha de Rodrigo Mendes e Ana Carvalho - todos de Vila Viçosa.

Faleceu em 1747.

A família dos Pazes era antiga nesta vila; e figurava à muito no cargo de Procurador do Concelho e nos postos inferiores da Ordenança. Assim se foi gradualmente enobrecendo.

#### MANUEL PAZES PEREIRA

Bacharel que vivia em 1740 filho de Manuel Fernandes Pazes, mestre das obras da Casa de Bragança e da sua residência.

#### MANUEL PAZES DA VEIGA

Capelão da Capela Real e Mestre de Cerimónias. Faleceu em 1721 ou pouco antes.

Dava dinheiros a juro. Deixou a Irmandade do Santíssimo de São Bartolomeu umas casas na Corredoura por baixo da Travessa de Valderrama, que ele aforou no dito ano em 4:800 réis.

Deixou por herdeiro a Manuel Fernandes Pazes, mestre de obras do Paço (alvenéu) talvez seu primo.

#### MANUEL PEGAS DE VASCONCELOS

Foi Vereador em 1670; e sendo outra vez pautado para 1699, pediu excusa; e foi-lhe dada, não sei com que alegação. Faleceu a 7 de Julho de 1715.

Era filho duma Catarina; vivia com a mãe e umas irmãs (D. Maria e D. Guiomar) na casa nobre da rua dos Fidalgos perto das Chagas. Era da sua família a quinta do Viçoso em Borba. Parece-me ter sido sempre solteiro.

Segundo uma escritura também se chamava Manuel Pegas Fariseu. Parece ser de Borba. Senhor da herdade de trancoso em 1668. Já cá vivia em 1656 e era Senhor da quinta do Viçoso em Borba. Fidalgo da Casa Real em 1704.

## MANUEL PEIXOTO DA ROCHA

É assim que se lê nas Notas.

Este é o neto do 1º Manuel Peixoto, sendo filho de Diogo Lopes de Carvalho. Escrivão da Confraria de Nossa Senhora da Conceição em 1687.

É o mesmo que Manuel da Rocha Peixoto (Veja-se). Casado com D. Maria da Silveira.

Sendo nomeado Vereador para 1678, não aceitou este cargo, alegando que era militar; mas serviu-o no ano de 1681. Este era solteiro em 1680.

Em 1637 tinha estas duas filhas: D. Guiomar da Silveira e D. Leonor Pereira. Ou não seguiu a corte para Lisboa ou tornou de lá, pois em 1645 estava residente nesta vila. Nesse ano recolheu no Convento da Esperança as suas duas filhas, consignando-lhes para sustento uma tença de 40\$ réis, que ele tinha de sua Magestade, no almoxarifado desta vila e entregando os mais bens que possuía a seu filho Bernardo Pereira de Carvalho, com obrigação de velar pelas irmãs.

A casa da sua residência era a melhor da rua da Freira à esquina da travessa, que dele se chamou de Manuel Peixoto, que é continuação da Travessa da Palmeira.

O filho Bernardo meteu freiras na Esperança as duas irmãs em 1648 consignando para seus dotes uma tença de 40\$ réis, somente em vidas delas: tença que seria cobrada pelo Convento. Era o juro de dois mil cruzados, em que deviam somar os dotes.

Era criado de D. Teodósio e seu moço das chaves em 1602. Já era casado com D. Maria da Silveira. morava em Lisboa no ano de 1630. Moço de Guarda-roupa (ou empregado semelhante) do Duque D. João II; por cuja razão figurou em 1633 nas festas do seu casamento segundo Cadornega, levando consigo dois filhos, dos quais um se chamava Bernardo Carvalho (nascido em 1609). Tem outro chamado Digo Lopes de Carvalho.

Creio que era natural de Guimarães, por quanto sua mãe vivia lá em 1602 (Notas). A mãe era Ana de Carvalho Peixota.

Sua mulher Maria Silveira era filha de Ana Pires, que ainda vivia em 1614 sendo viúva de Rui Martins da Silveira, como consta de uma transacção feita com a sogra em 14 de Abril.

Faleceu em 16 de Janeiro de 1653 e foi sepultado na Matriz em cova.

Em 1636 deu quitação ao Duque de 30\$ réis dos serviços que lhe fizera a ele e a seu pai. Donde infiro que largara o serviço da Casa de Bragança.

#### MANUEL PEREIRA

Procurador do Concelho em 1654. (Será o mesmo que o seguinte?).

#### MANUEL PEREIRA BOTELHO

Comprou a estes as minhas casas de baixo a Antônio Correia de Abreu.

Foi Procurador do Concelho em 1667 e 1671. Em harmonia com o disposto na Ordenação do Reino, à terceira pauta elegeram-no já Vereador para 1675; e sendo outra vez nomeado para 1679, não pode servir por ser falecido.

Era casado com Isabel Rodrigues em 1668 e comprou uma horta na Fonte do Sueiro.

Escrivão da Correição em 1669.

#### MANUEL PEREIRA LOBO

Escreveu o cargo de Vereador em 1686, 1689, 1694, 1700, 1737, e 1720.

Era filho do Licenciado Mateus Pereira, já falecido em 1672 e de Ana Rodrigues Loba, que ainda vivia, e tinha então estas irmãs: Antónia Pereira e Isabel Loba.

Em 1690 era escrivão da Correição e dotou em 160\$ réis para venderem 12\$ a cada um dos seus filhos Mateus Pereira Lobo e José Pereira Lobo para se ordenarem de ascras. Vivia também sua mulher.

Casou na Freguesia de São Bartolomeu em 1664 com Violante da Costa Ferreira, e sendo viúvo em 1706, passou a segundas núpcias com D. Brites Pereira, viúva de Manuel da Fonseca Teixeira.

Faleceu em 30 de Janeiro de 1730, sendo viúvo e morador na mesma Freguesia.

Houve outro do mesmo nome filho de Domingos Pereira Lobo, que faleceu em 31 de Agosto de 1707, sendo solteiro e freguêz da Matriz. Teve outro chamado Inácio Pereira Lobo, que casou com D. Antónia de Sousa Masc-

renhas, e vivia em S. Bartolomeu com descendência em 1701 e depois.

#### MANUEL PEREIRA PESTANA

Houve dois o primeiro era filho de Lucas Pereira Pestana e de D. Jerônima Valejo de Mâris; foi Vereador em 1687, e faleceu no ano de 1720 sendo viúvo.

Vivia em Olivença no ano de 1694 casado com D. Antônia de Brito, era C. de São tiago. Vivia em Olivença em 1714.

O segundo era sobrinho paterno do precedente e filho de Jerônimo Valejo de Mâris 2º. Tinha nascido em S. Bartolomeu no ano de 1686. Faleceu em 1734 sem tomar estado.

#### MANUEL PINTO

Procurador do Concelho em 1711.

Duma escritura de 18 de Julho de 1723 consta que fora casado com Catarina Curva, ficando-lhes estes filhos: Cecília Maria da Silva; Joana da Silva; e o Licenciado Francisco Xavier Pinto da Silva.

#### MANUEL PIRES

Ferrador Tesoureiro da obra da Cadeia em 1747, vivia cá em 1708 e meteu freiras na Esperança as suas irmãs: Luísa Rodrigues; e Francisca Rodrigues. Eram todos 3 filhos de João Pires Branco e de Maria Rodrigues de Rio, com dotes de 450\$ réis. Foi Procurador do Concelho em 1670.

#### MANUEL PIRES DE FARIA

Procurador do Concelho em 1604 e 1609, segundo o L. 1 dos Reg. da Cãm. fl. 79.

#### MANUEL REIMONDO

NOTA: Parece ter havido várias personagens com este nome, num espaço

de tempo que vai de 1602 a 1660 sensivelmente, todos casados, cujas biografias e entre linhadados se apresentam de tal forma misturadas que não conseguimos individualizar cada um.

#### MANUEL RIBEIRO

Procurador do Concelho em 1607 (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 94 V.).

Em 1614 era também avaliador e partidor do Concelho. Ainda vivia em 1617 e em 1623, sendo mestre de obras do Duque.

Foi ele quem fiscalizou o acrescentamento do Paço da parte Sul e quem deliniava todas as obras municipais, como o chafariz do Adro de Santo Agostinho em 1588 e o lavadouro da Fonte Grande um ano depois.

Teve 3 filhos sacerdotes chamados: Padre Manuel Ribeiro, dotado em 1609, quando já dois eram clérigos de missa; tinha mais duas filhas casadas e outro solteiro. Total seis.

Padre Fabião Ribeiro, Capelão da Capela do Duque era filho.

Junto deste nome era Escrivão das Sisas e faleceu na Matriz em 24 de Setembro de 1641.

Foi casado com Beatriz Vicente Franca de quem teve entre outros a Afonso Ribeiro.

Em 1624 era feitor ou administrador do morgado de Francisco de Lucena, já então Secretário de Estado em Madrid (Notas). (O feitor dos Lucenas era outro indivíduo, mas ainda vivia o antecedente).

Este obrigou-se em 1636 a servir o Duque no foro de seu cavaleiro (Notas).

Já era falecido em 1624, quando a sua viúva mandou para Lisboa uma procuração para se juntarem as contas dos serviços de seu marido (Notas).

#### MANUEL DO RIO

Tenente da Companhia de Cavalos do Capitão Estevão Mendes da Silveira em 1665; e nesse ano casou nesta vila com Maria Cordeira. Capitão em 1671.

Era Escrivão das Sisas em 1672 por carta de mercê do mesmo ano (L. 2 dos Reg. da Cam.).

Três anos depois tinha o posto de Capitão de infantaria da guarnição da nossa praça; e vindo pautado Vereador, pediu excusa e obteve-a.

#### MANUEL DA ROCHA DE CARVALHO

Foi Vereador em 1676.

#### MANUEL RODRIGUES CARREIRA

Escrivão das Sisas em 1707.

#### MANUEL RODRIGUES DE CARVALHO

Casado com Maria André, proprietário (1602).

#### MANUEL RODRIGUES LOURINHO

Em 1755 possuía a herdade dos Saboeiros no termo do Alandroal.

Era Advogado e Deputado da Junta das Décimas nesta cabeça de Comarca. Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1757.

Faleceu em 1776 a 14 de Maio. Tinha nascido nesta vila, sendo filho de João Rodrigues Lourinho e de Maria de S. Francisco. Não mudou de estado. Também tinha lavoura.

Era seu parente e herdeiro Lourenço Rodrigues Lourinho, couteiro da porta, de quem dura ainda a descendência.

#### MANUEL ROGADO DA SILVA

Era de fora, talvez de Terena. Já falecido em 1655.

Licenciado, veio para cá cerca de 1640 para casar com D. Maria Loba do Carvalhal e desse casamento nasceu Jerónima Rogado do Carvalhal.

Juíz de Fora de Monsaráz em 1645. Teve mais a Clemente Rogado da Silva e a D. Maria da Silva Loba.

## MANUEL ROSADO

Médico. Morava cá em 1689, casado com Maria Lopes Parva, em 1698.

Em 1701 dotam o seu filho José Rosado para ser clérigo, em 405\$ réis.

## MANUEL DE SANDE DE VASCONCELOS

Filho de Rui Sande de Vasconcelos, solteiro, maior de 25 anos. Em 1622 faz uma venda.

Em 1631 afiançou a Afonso Correia d' Abreu para ir solto cumprir 2 anos de degredo em África, dando de hipoteca a sua herdade do Monte Branco em São Romão (Notas).

Casou com Margarida d' Almeida, que era já viúva em 1638. Logo faleceu moço.

Em 1655 a sua viúva D. Margarida d'Almeida Reimonda vende no dito ano um moio de trigo na herdade do Monte Branco de S. Romão a André Mendes Lobo.

## MANUEL DOS SANTOS ROSA

Deste homem fiz menção no anual de 1828 por ocasião de dar notícia do seu testamento, em que dotou quarenta orfãs e viúvas e beneficiou largamente a Misericórdia por morte de suas sobrinhas Freiras nas Chagas (Isabel Joaquina e Aquileia Maria) cuja última faleceu em 1867 no Convento das Servas, de Borba. Portanto escreverei aqui somente o que mais convem saber.

Manuel dos Santos era natural da Beira, donde veio para Vila Viçosa descalço, trazendo os sapatos pendurados num pau, às costas.

Em 1762 era entre nós mercador de pano de linho; e a pedido seu foi nomeado cobrador dos Quatro e veio por cento ou Maneio. Morava então na Corredoura de frente da loja de João Alves de Araújo, onde se juntavam os magnates da vila, e se ria muito da loginha do Galego, mormente quando ela aparecia aumentada com mais alguma estantezinha. Daí lhe veio uma aversão implacável aos Alves que lhe durou toda a vida.

Entretanto, ele ia vivendo celibatário e economisando o mais possível.

Dizem até que adquirira um escorbuto crônico de comer muito tempo só pão com azeitonas.

Em 1766 já lhe chamam tendeiros os documentos do município, que o dizem morador no Adro de São Bartolomeu. Em 1772 merceeiro.

Em 1772 comprou um farregial à Biquinhã.

Daí por diante contou amigos e lisonjeiros, porque mutuava capitais a juro de 5 por cento e também fazia empréstimos gratuitos; e os Camaristas deram-lhe o posto de Alferes de Ordenanças. Em 1795 já mutuava em larga escala.

Como os Capitães avultavam já muito, começou a comprar prédios de raiz, sem todavia deixar o negócio de capitalista e mercador. É fama que ultimamente, só os capitais mutuados para Borba, lhe rendiam 6\$400 réis diários.

Em 1822-23 foi já Vereador Substituto por eleição popular, porque os mesmos nobres da terra buscavam grangear a sua amizade.

Sucedeu neste meio tempo denunciar Caetano Alves a capela, que ilegalmente possuía José Maria Torres, e como ele tinha aversão aos Alves, bateu um dia no ombro a este último, dizendo: Um Alves o fez pobre e um pobre o fará rico: Assim aconteceu. Quando se abriu o seu testamento, viu-se que José Maria Torres era o seu herdeiro universal.

Falecendo a 8 de Março de 1828, deu-lhe a Irmandade dos Passos sepultura na sua sacristia em lugar distinto, por gratidão à esmola de 400\$000 réis, que lhe dera para se reformar a sua capela no estado magnífico em que hoje se admira.

Manuel dos Santos era bom cristão; e por isso mesmo observou o preceito evangélico do fazer amigos da riqueza da iniquidade (Luc XVI, 9). Com efeito: além de ser sócio de muitas irmandades, fez a estas grandes benefícios; e citarei ainda uma lâmpada de prata, dada à Irmandade do Santíssimo de João Bartolomeu, a qual foi furtada em 1636.

Deu dotes a muitas donzelas pobres, que pretendiam ser freiras; e entre estas nomearei a Madre Maria José Pereira de Macedo e a Maria da Piedade, ambas professoras no Convento das Chagas.

Nunca mutuou a mais de 5 por cento; emprestava também gratuitamente a pessoas de quem gostava; mas era severo em exigir a entrega das quantias no tempo convencionado. Nesse dia haviam de comparecer os devedores com

o dinheiro na mão; e se ponderavam as dificuldades, que tinham em não continuar o empréstimo por mais tempo, prorrogava-o com facilidade.

Por último dotou em testamento a 300\$000 réis 18 orfãs e contemplou viúvas a 100\$000 réis; e deixou à Misericórdia, por morte de suas duas sobrinhas freiras bens de raiz, que vendidos em praça no ano de 1868, produziram mais de sete contos de réis. Estes bens foram na Quinta da Mercandela no termo de Borba; a Quinta da Provença; a horta de Munesnas, Cilandas; a horta dos Pelames; o Monte do Borges; um farregial dos Pereiros; cinco mil réis de foro numas alcaçarias; e, quinze numas casas da rua de Três. Esta herança foi o salvatério da Santa Casa naquele ano, em que se achava muito empenhada; assim como o foi para prevenir os funestos efeitos da desamortização dos seus bens (leia-se antes roubo, cometido pelo Governo Central e seus comparsas); de quem tem resultado já um desfalque na sua receita, superior a 400\$000 réis anuais.

Uma coisa não foi cumprida conforme a mente do testador; e era - capitalizar-se o produto dos seus prédios em metálico e dado a juro pela Misericórdia em diversas quantias, asseguradas com hipotecas e fianças: foi convertido em inscrição da dívida pública; está nas mãos do Governo Central... Ora... Deus o sabe.

#### MANUEL DE SARDINHA MORAIS

Era filho do Dr. Álvaro de Moraes e irmão de outros dos mesmos apelidos, já nomeados atrás.

Estudou em Coimbra Jurisprudência Cesárea, e nela se formou Bacharel.

Foi excelente poeta, como publicam os versos, que seu irmão Francisco transcreveu no Parnaso de Vila Viçosa, e são 13 sonetos, 4 oitavas, 2 motes, 2 romances tercetos e uma décima.

Mas... (oh vantagem da imprensa!) o seu nome ficaria no olvido, se a Biblioteca Lusitana, consultando o referido Parnaso, não nos dera estas notícias indicando ainda o paradeiro de suas composições!

Manuel Sardinha faleceu na Matriz em 3 de Janeiro de 1622, contando 66 anos de idade.

Era fidalgo Cavaleiro do Duque e solteiro em 1602. Creio que não quis casar.

## MANUEL SERRÃO

Fundou o lagar de azeite na rua de Fora. Já era falecido em 1628 (Notas).

Por sua morte ficou o dito lagar a Isábel Serrão, sua filha, que casou com Luís Gomes Castanho.

Parece ser irmão de Diogo Serrão, organista (Notas).

## MANUEL DA SILVEIRA

Filho de Estevão Mendes da Silveira 1º (Veja-se).

Viveu na segunda metade do século XVI e era cavaleiro fidalgo da casa do Duque.

Em 1584 (ou cerca) impugnou a validade de uma eleição municipal, feita por fava<sup>as</sup> e panelas, como se usavam no Estado de Bragança, mas não conforme o prescrito na Ordenança do Reino; e opor-se o Duque D. Teodósio II, recorrendo para casa da Suplicação de Lisboa. Venceu este último, apoiando-se no costume antigo; e alcançou sentença em seu favor com data de 8 de Janeiro de 1585, a qual está registada no L. 1 a fl. 41.

Casou na Matriz em 1568 com Maria Gomes, e teve descendência.

Acho menção no Tombo 1º da Misericórdia de ter ele e sua mulher entregado à mesma umas casas na rua das Damas, foreiras em 2 cruzados. Isto em 1594.

Era lavrador, como seus pais e irmãos; e serviu cargos municipais.

Encontro no Dec. 7, L. 6, de Couto, que o Vice-Rei D. Constantino de Bragança, enquanto se preparava para tomar posse de Damão, mandava de socorro a Cananor em 1558 a Manuel da Silveira uma galeota latina e outros. Ora é provável que seja este mesmo visto o dito de Constantino levar consigo para a Índia muita gente de Vila Viçosa. Em 1560 assiste à empresa de Jafanapatão.

## MANUEL DA SILVEIRA DA FONSECA

Escrivão da Ouvidoria da Comarca em 1647.

Foi Vereador em 1646.

Parece-me ser este mesmo o mesário nobre da Misericórdia que serviu em 1634-35 com o nome de Manuel da Silveira de Sande.

#### MANUEL DA SILVEIRA DE SANDE

Vereador em 1625, 1633 e 1639 (mais velho) (Notas).

Creio ser um que então vivia casado com Inês de Matos e era criado do Duque. Seria filho de Rui de Sande 19.

Seguiu a corte para Lisboa e já lá estava em 1642. Vinte anos depois era estribeiro da rainha. El-Rei fez-lhe então mercê da Capela de João Vaz Molina, que fugira para Castela.

#### MANUEL SILVEIRO MARTINS

Procurador do Concelho em 1740.

#### MANUEL DE SOUSA

Foi Vereador em 1697-99 (três anos).

Faleceu em 24 de Julho de 1730, já viúvo de Margarida Correia; e foi sepultado na Matriz em cova própria.

#### MANUEL DE SOUSA ABREU

Foi Capitão-mor de Ordenanças e Governador interino da nossa praça, por nomeação do Governador das Armas do Alentejo o Conde de São Lourenço; e tomou posse a 16 de Fevereiro de 1649 (Passou então a viver cá, deixando Veiros).

Nesse mesmo ano foi substituído por António Pereira de Lacerda (Cartor municipal).

Era filho de António de Sousa d' Abreu e de D. Brites da Silva (Veja-se) e Fidalgo do Duque D. Teodósio II, a quem acompanhou a Elvas em 1619 com seu pai, pois ainda era muito moço.

Assistiu ao funeral do mesmo Duque e foi quem fechou o caixão mortuário (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 463 e 526).

Em 1617 tinha uma tença de 40\$ no almoxarifado de Setúbal (Notas).

Em 1621 militava em Flandres e no 1º de Fevereiro renunciava seu pai nele o morgado na Capela instituída por sua tia D. Francisca de Sousa, para poder servir melhor a Sua Magestade, entrando por isso logo no gozo dele, como se o pai tivera falecido.

Serviu em Flandres, donde veio fujido com uma mulher furtada; e depois, homiziando-se em Castela, casou com D. Francisca Unsuetta, sobrinha do Cura de Almendral, de quem teve a António de Sousa, que casou com D. Helena de Castro; - João de Sousa, que foi para a Índia; - D. Luísa de Sousa, que casou com Luís Machado da Silveira, filho de Cristóvão Machado Gralho, o qual era filho bastardo de Luís Machado, Moço da Guarda-Roupa do Duque D. Teodósio II. Estas últimas notícias são do livro de família dos Souseas da rua de Santa Luzia.

Em 1629 ficou culpado na (...) do Dr. Gaspar Pereira de Sampaio; e foram-lhe postas à venda várias herdades do seu morgado para pagamento de custas.

Já era casado com D. Francisca em 1637 ano em que as casas das Lousas d' Abreu (e dele) já tinham passado por venda a André Mendes Lobo.

Manuel de Sousa e sua mulher moravam nesse tempo em Veiros e que consta da mesma escritura de 30 de Junho de 1637, lá continuava em 1646.

Em 1650 achava-se em Morcilla (?), Espanha e ali passou procuração ao Licenciado Afonso Nobre para lhe arrendar a Horta Nova com rendas adiutadas (por 4 anos); e assinou seu filho António de Sousa d' Abreu, imediato sucessor.

Em 1654 residia em Lisboa e em 1660, quando sua filha D. Luísa da Silva casou com Luís Machado da Silveira dotada com a herdade do Pinheiro e seus anexos e a Horta Nova do caminho de Borba.

#### MANUEL DE SOUSA DE BRITO

Filho de Pedro de Sousa Brito 1º (veja-se) e herdeiro da casa da rua de Santa Luzia.

Era Fidalgo do Duque D. Teodósio II em 1609; e acompanhou-o a Elvas

dez anos depois, quando ele foi esperar ali o Rei Filipe II, que vinha a Portugal (Hist. Geneal. Tom. 6, pag. 242 e 462).

Teve na casa do mesmo Duque os ofícios de Pagem da mala, Trinchante, Vereador (1623), e Estribeiro-mor. Ultimamente esteve nomeado Vereador da Duquesa D. Luísa Francisca.

Foi Alcaide-mor de Evoramonte e Comendador de Santa Marinha de Rio Frio e de Carregosa, na Ordem de Cristo.

Em 1631 arrendou a Alcaidaria-mor de Arraiolos por 55\$ réis, 1 porco, 2 arrobas de cebo, 1 dúzia de cântaros, 1 de panelas, 1 de tigelas, 1 de barris, 2 dúzias de coelhos ou perdizes, como consta de uma escritura de 15 de Janeiro.

Casou com D. Brites de Ataíde, filha de António de Ataíde Pinto e Dama da Duquesa D. Catarina; e teve os seguintes filhos: Pedro de Sousa de Brito 2º, que lhe sucedeu na casa; e António de Sousa de Brito, que foi Alcaide-mor de Évora-Monte, Beneficiado de São Tiago de Monsaráz, e Mestre-Escola da Colegiada de Barcelos. Deixando estes benefícios para casar na mesma Barcelos com D. Estácia de Mendanha, não teve filhos dela; mas houve um bastardo, chamado Manuel de Sousa de Brito, que depois de seguir os estudos, casou em Lisboa, muito mal, diz o Livro de Família dos Sousas.

Suponho que este último é o inscrito atrás com o nome de Manuel de Sousa simplesmente.

Manuel de Sousa de Brito foi Vereador em 1631 (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 124); e feleceu muito antes de 1634.

A sua viúva D. Brites viveu largos anos. Em 1645 passou a residir em Lisboa com o filho herdeiro e por fim tornou a esta vila.

Pedro de Sousa, que ainda não tinha 25 anos. Mas com isso parece-me que nada lucrou; pois acho notícias de viverem com empenhos no seu regresso em 1658 (ou cerca), ano que tomaram a juro de 614.960\$ réis de André Mendes Lobo.

#### MANUEL DE SOUSA GIRÃO

Foi Vereador com este nome em 1702; não sei porém se era o mesmo so-

bredito Manuel de Sousa (sem outro apelido); o qual me parece provável.

Casou com Margarida Correia e teve o Padre Vigário.

Foi seu filho o Vigário da Vara Pedro de Sousa Girão, felecido com 80 anos em 1763.

#### MANUEL SUEIRO

Casado com Maria Simão, eram hortelões da Horta de Fernão de Sousa em 1702.

#### MANUEL SUEIRO DE CARVALHO

Depois de ter sido sangrador, aprovado em 1725 (L.3 dos Reg. da Cam. fl. 83 v.), elegeram-no em 1752 Capitão de Ordenanças, de que tomou posse em 10 de Fevereiro do ano seguinte.

Era Calipolense, filho de Manuel Sueiro e Maria Simão Carvalha. Faleceu na Matriz em 1784 a 12 de Julho, e foi sepultado em Santo Agostinho.

Deste homem veio o apelido aos Sueiros da actualidade, que dele não eram parentes. O progenitor dos modernos foi servo do antecedente, segundo ouço contar e natural de Bencatel.

#### D. MANUEL DE TÁVORA

Fidalgo ilustre, neto de Rui de Sousa, senhor de Bringel e Guarda-mor do Príncipe D. João (que foi Rei com o nome de D. João II). Teve o ofício de Vereador na Casa do Duque D. Jaime, que lhe deu a Alcaidaria-mor d'Alter do Chão.

Nesta mesma alcaidaria sucedeu seu filho D. Martinho de Távora, que também serviu a Casa de Bragança, e é provável que nascesse em Vila Viçosa (Hist. Geneal. Tom. 6 pag. 653).

#### MANUEL TELES DE MENEZES 19

Nasceu nesta vila, sendo filho do Dr. André Jorge d' Abreu e de sua

mulher D. Ana da Silva Menezes e irmão de Jorge da Silva Menezes, que casou com D. Guiomar da Silva.

Como filho mais velho, além da herança dos bens livres de seu pai, teve o morgado de Maria Afonso de Moraes, em Monsaráz, e parte do fidei-commisso de Leonor de Moraes, sua tia paterna (Veja-se André Jorge d'Albrey e Jorge Vaz Bandeira).

Casou com D. Maria de Melo, filha de Jorge de Melo e de D. Violante da Silva, da qual teve a Gabriel de Brito, etc.

Foi Capitão de Ordenanças da Companhia do Alandroal com Terena, como vou dizer.

Quando em 1589 uma armada inglesa bloqueou Lisboa, Manuel Teles ofereceu os seus serviços a D. Francisco de Sousa, Coronel da comarca, por meio de Manuel Mendes de Vasconcelos, Comissário d' Elvas. Sendo pois no meado capitão da gente que se havia de levantar no Alandroal e em Terena, ele desenvolveu uma grande actividade, fazendo alistar uma companhia de 66 voluntários, dos quais - 2 iam a seu soldo, sem que o Estado lhe pagasse a ele coisa alguma; pôs-se a caminho de Lisboa; e chegando a Aldeia Galega, recebeu ordem de tornar para o Alandroal, visto haver-se já retirado a armada inglesa, tendo contudo prestes a dita companhia para outra ocasião, em que se fizesse precisa. Ora essa, ocasião appareceu em 1597, dando-se iguais circunstâncias; ele marchou de novo para Lisboa com a sua companhia, dispendendo nas diligências 1:500 cruzados de sua agenda.

Tendo isto consta de uma justificação documentada, que existe no cartório dos Silveiras Menezes da nossa terra, que hoje o representam. Em 1614 estava residindo em Vila Viçosa.

Manuel Teles de Menezes faleceu em Vila Viçosa a 25 de Fevereiro de 1617 e foi sepultado na Matriz em cova de sua família.

Deixou quatro filhos, a saber: Gabriel de Brito e Menezes, que lhe succedeu no morgado; Francisco Teles de Menezes, já casado em 1615 com D. Brites Soares; Afonso Teles de Menezes, que morreu solteiro e moço; e D. Ana de Menezes, então de 14 anos e recolhida no convento das Chagas.

Manuel Teles, por parte de sua mãe, era neto de D. Margarida de Menezes, filha de Afonso Teles de Menezes, Alcaide-mor de Campo Maior e ir-

mão de D. Rodrigo Silva, 1º Conde de Portalegre.

Morou por algum tempo no Alandroal; mas a sua casa principal foi sempre em Vila Viçosa.

#### MANUEL TELES DE MENEZES 2º

Filho de Gabriel de Brito de Menezes, foi para Castela com seu pai em 1640 ou 1641.

Por isso perdeu o morgado. Casou em Espanha com D. Isabel Guerreiro Chamiro. Teve D. Nicolau de Menezes e Moscovo, que não quis tornar a Portugal, e a D. Isabel Maria de Menezes e Moscovo, que em 1681 (?) casou com Diogo da Silveira Coutinho Castelo Branco e veio a suceder no Morgado; mas fez de sistência de bens que lhe podiam tocar em Espanha em 1699.

#### MANUEL TELES DE MENEZES 3º

Foi Vereador em 1744.

Era filho de Digo da Silveira da Fonseca Castelo Branco e de sua mulher D. Isabel Maria de Menezes e Moscovo, do precedente Manuel Teles 1º por seu filho de Manuel Teles de Menezes e Moscovo e neta de Gabriel de Brito e Menezes.

Manuel Teles de Menezes 2º pois era Silveira por varonia; e por isso meso teve filhamento de Fidalgo Cavaleiro por Alvará de 16, de Setembro de 1695.

Foi batizado em S. Bartolomeu a 3 de Junho de 1684.

Creio que não tomou estado.

#### MANUEL TOSCANO

Casado com Catarina Rodrigues da qual era viúvo quando faleceu no hospital em 1616. Morava na rua do chafariz e casas contíguas aos paços de António de Figueiredo.

Sua mulher instituira nele uma capela de 5 missas com poderes de nomear administrador por sua morte; e ele nomeou a Misericórdia em testamento fei-

to a 4 de Fevereiro do sobredito ano.

Não tem descendência. Deixou mais à Misericórdia 200\$00 réis que a Duquesa D. Catarina por seus feitores cobrava da Misericórdia de Goa; o que prova ter ele, ou algum parente seu, estado na Índia, (tombo 29 da Misericórdia).

Com este dinheiro comprou-se um foro de 30 alqueires na herdade da Carreira, em Monforte.

#### MANUEL VAZ DAS ARCAS

Era Vereador mais velho e juiz pela ordenação em 1580 durante a peste, da qual segundo parece não tinha medo publicar e cumpriu o testamento daquela época nefasta, segundo vejo no Cartório da Misericórdia.

#### MANUEL VAZ DO CARVALHAL

Vereador nos finais do Século XVI e princípios do seguinte: exemplo - em 1607 (L.1 dos Reg. fl. 105) e 1613 (Notas).

Em 15 de Março de 1615 doou uma porção de vinhas e olivais a suas netas Joana Monteiro, Isabel Monteiro e Catarina Monteiro, que fora ouvidor em Chaves e Barcelos e pessoas que viviam em sua companhia (Notas), sendo ele já viúvo e velho.

#### MANUEL VAZ DE GUIMARÃES

Filho de Antônio José Vaz de Guimarães (Veja-se).

Assentando praça no Regimento de Cavalaria nº2, tinha já subido ao posto de Tenente de Cavalaria nº8 do exército de D. Miguel I quando este convencionou depôr as armas em 1834.

Depois disso voltou para o pátrio lar; e como se descuidasse em sair de noite para casa de pessoas da sua amizade, foi surpreendido em 24 de Agosto de 1836 por uma ronda de Infantaria nº4 que o assassinou cobarde e traiçoeiramente, o que deixou esmiuçado no cap. 109 da primeira parte (Tomo 3).

## INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NESTE TRIGESIMO QUARTO FASCICULO

\*\*\*\*

FR. JOSE MARQUES DE SANTA RITA E SILVA .....	7
D. JOSE MARTINHO DE LUCENA NORONHA ALMEIDA E FARO .....	10
JOSE MARTINS COIMBRA .....	10
JOSE MASCARENHAS PEREIRA .....	10
JOSE DE MATOS .....	10
JOSE MIGUEL DE TORRES PENALVO .....	11
JOSE MONTEIRO .....	11
JOSE MONTEIRO DE SA CORDEIRO .....	11
D. JOSE NICOLAU DE AZEVEDO COUTINHO GENTIL .....	11
JOSE DE OLIVEIRA DA COSTA .....	12
JOSE PAULO CORDEIRO E SILVA .....	12
JOSE PEDRO DE FIGUEIREDO .....	12
JOSE PESTANA VALEJO DE MARIS .....	13
JOSE RAMALHO DA SILVA .....	13
JOSE DA ROSA .....	13
JOSE DO ROSARIO .....	14
FR. JOSE DE SAN' BOAVENTURA PITEIRA .....	14
FR. JOSE DA SILVA .....	15
JOSE DA SILVA ESCOBAR .....	15
JOSE DA SILVEIRA E TORRES .....	15
JOSE DE SOUSA E FIGUEIREDO .....	15
JOSE DE SOUSA E MENEZES .....	17
JOSE DE SOUSA PAIS .....	18

JOSE DE TORRES FERREIRA HOMEM .....	18
JOSE DE TORRES VAZ FRADE BICHOVERDE .....	18
FR. JOSE DE VARGE .....	19
FR. JOSE VAZ TOURO .....	24
JOSE VICENTE DE OLIVEIRA .....	25
D. JOSE XAVIER DA SILVA LOBO .....	25
D. JOSEFA VICENCIA DE TORRES PENALVO .....	26
JULIO DE MELO E CASTRO .....	26
LAZARO RIBEIRO .....	26
LAZARO RIBEIRO DE CASTRO .....	27
LEONOR DE ABREU .....	27
LEONARDO MENDES DE ALMEIDA .....	27
LEONOR DA CRUZ .....	28
LEONOR DE DEUS .....	29
LEONOR DO ESPIRITO SANTO .....	29
LEONOR PIRES .....	29
LINO JOSE PITEIRA .....	30
D. LOPO DE ALMEIDA .....	30
LOPO DE ARAUJO .....	30
PADRE LOPO GARCIA .....	31
LOPO GARCIA DE ARCA 1º .....	31
LOPO GARCIA DE ARCA 2º .....	31
LOPO FERNANDES DE VILALOBOS .....	32
LOPO GARCIA FERNANDES DE VILALOBOS	
ou	
LOPO GARCIA DE VILALOBOS .....	32
LOPO DE SOUSA .....	32
LOPO VAZ DE ALMEIDA 1º .....	33

LOPO VAZ DE ALMEIDA 2º .....	33
LOPO VAZ DE ALMEIDA 3º .....	34
LOURENÇO AFONSO .....	34
LOURENÇO CALDEIRA .....	35
LOURENÇO DE CAMPOS TORRES PENALVO .....	35
LOURENÇO CONTRERAS DE SEIXAS .....	35
LOURENÇO CORREIA DA FRANCA .....	36
LOURENÇO FERNANDES .....	36
LOURENÇO PENALVO TORRES .....	36
DR. LOURENÇO RODRIGUES .....	36
LOURENÇO RODRIGUES LOURINHO .....	37
LOURENÇO RODRIGUES TORRES .....	37
LOURENÇO RODRIGUES TORRES ou	
LOURENÇO DE SOUSA .....	37
LOURENÇO DE TORRES PENALVO .....	38
LUCAS PEREIRA PESTANA 1º .....	38
LUCAS PEREIRA PESTANA 2º .....	38
LUIS DE ABREU DE MELO .....	39
D. LUIS DE ALMEIDA .....	40
LUIS ALVARES PERICOTO .....	40
LUIS ANTONIO DE MELO LOBO 1º .....	41
LUIS ANTONIO DE MELO LOBO 2º .....	42
LUIS ANTONIO MORCADO .....	42
LUIS ANTONIO TARANA .....	42
LUIS ANTUNES .....	43
LUIS ANTUNES MOREIRA .....	43
LUIS DE BRITO MASCARENHAS .....	44

LUIS DE BRITO PEREIRA .....	44
LUIS CANDIDO DO PRADO .....	44
LUIS DA COSTA CALADO .....	45
D. LUIS DE LACUEVA E MENDONÇA .....	46
LUIS FERREIRA DA COSTA AVELAR .....	46
LUIS DA FONSECA .....	47
LUIS GODINHO BENAVENTE .....	47
LUIS GONÇALVES DE MENEZES .....	47
LUIS JORGE DA COSTA AMADO .....	48
LUIS JOSE SAMEIRO .....	50
LUIS MACHADO CONTADO .....	50
LUIS MACHADO DA FONSECA .....	51
LUIS MACHADO DA SILVEIRA .....	51
LUIS DE MADUREIRA .....	52
LUIS DE MATOS .....	52
LUIS DE MELO FRFIRE .....	53
LUIS MENDES DE VASCONCELOS .....	53
LUIS DE MIRANDA HENRIQUES .....	53
LUIS DE MORAIS SARDINHA .....	54
LUIS DAS NEVES VELHO .....	54
D. LUIS DE NORONHA 1º .....	54
D. LUIS DE NORONHA 2º .....	55
LUIS PEREIRA PESTANA .....	56
LUIS PEREIRA DE SA .....	56
JOSE DA SILVEIRA VILALOBOS .....	56
LUIS DE SANTA MARIA .....	57
LUIS VIEIRA .....	57

LUIS DE VILALOBOS .....	57
LUISA DA CONCEIÇÃO .....	57
LUISA CORREIA .....	57
D. LUISA LEDESMA E DE SEGURA .....	58
LUISA ROSA SUEIRO .....	58
LUISA TAVARES ROSA .....	58
MAMEDE PEREIRA DE LACERDA .....	59
MANCIO JOSE DAS NEVES .....	59
MANUEL DE ABREU .....	59
MANUEL DE ABREU DE VASCONCELOS .....	59
MANUEL DE ABREU DE SOUSA .....	59
MANUEL AFONSO .....	60
MANUEL DE AGUIAR .....	60
MANUEL ALVARES .....	60
MANUEL ALVARES .....	60
MANUEL ALVES DE ARAOJO .....	61
MANUEL DE ANDRADE DE BRITO .....	61
MANUEL DE ANDRADE 2º .....	62
MANUEL ANTONIO DE MACEDO .....	62
MANUEL ANTONIO DE MAGALHÃES .....	62
MANUEL ANTONIO DE OLIVEIRA .....	63
MANUEL ANTONIO DE SOUSA .....	63
MANUEL ANTONIO DE SOUSA E MENEZES .....	64
MANUEL ANTONIO DE SA BOAMORTE .....	64
MANUEL ANTONIO VIEGAS CORREIA LOBO DA PONTE .....	65
MANUEL ANTUNES FERREIRA .....	65
MANUEL DE ARAOJO .....	67

MANUEL DE ARAÚJO .....	67
MANUEL DE ARAÚJO .....	68
MANUEL DE ARAÚJO PEREIRA .....	68
MANUEL ARAÚJO DE SA .....	69
MANUEL BERNARDO DE BASTOS SOUSA PADRE .....	69
MANUEL BERNARDO DE BRITO PERACHA .....	69
MANUEL BERNARDO DE MELO E CASTRO .....	71
MANUEL BISPO .....	71
PADRE MANUEL DA BOAMORTE E SA .....	72
FR. MANUEL CALADO .....	72
MANUEL CALDEIRA 1º .....	74
MANUEL CALDEIRA 2º .....	74
MANUEL CALDEIRA DE CASTRO .....	75
MANUEL DE CAMPOS .....	75
MANUEL DE CAMPOS Mergulhão .....	75
MANUEL CARRASCO DE AZEVEDO .....	75
MANUEL CARRASCO .....	75
MANUEL DE CARVALHO DA CUNHA .....	76
MANUEL DE CARVALHO MERCANDELA .....	76
DR. MANUEL DE CASTRO .....	76
PADRE MANUEL CAVALEIRO .....	76
MANUEL CAVALEIRO .....	77
MANUEL CHARNEIRA .....	77
MANUEL CLEMENTE DE SOUSA FERRO .....	77
FR. MANUEL DA CONCEIÇÃO .....	77
MANUEL CORDEIRO VINAGRE .....	80
MANUEL CORREIA DE BRITO .....	80

MANUEL CORREIA SAIAL .....	80
MANUEL CORREIA DA SILVEIRA .....	81
MANUEL DA COSTA DE AZEVEDO .....	81
DR. MANUEL DA COSTA .....	81
MANUEL DA COSTA .....	82
MANUEL DA COSTA FEIO .....	82
MANUEL DA CUNHA DO CARVALHAL .....	83
MANUEL DIAS CABEÇA .....	84
MANUEL DIAS GUTERRES .....	84
MANUEL DIOGO DA SILVEIRA MENEZES 1º .....	84
MANUEL DIOGO DA SILVEIRA MENEZES 2º .....	85
MANUEL DURÃO MEXIA .....	87
D. MANUEL D'EÇA .....	87
D. FR. MANUEL DA ENCARNAÇÃO SOBRINHO .....	87
MANUEL FAGUNDES .....	88
MANUEL DE FARIA RIBEIRO .....	88
MANUEL FERNANDES .....	89
MANUEL FERNANDES .....	89
MANUEL FERNANDES DE ASCENÇÃO .....	90
MANUEL FERNANDES CAMPOS .....	90
MANUEL FERNANDES GALHARDO .....	90
MANUEL FERNANDES LUCENA .....	90
MANUEL FERNANDES MOLINA .....	91
MANUEL FERNANDES PACHECO .....	91
MANUEL FERNANDES PORTUGUES .....	91
MANUEL FERNANDES RECHONCHO .....	91
MANUEL FERNANDES DA SILVA .....	91
MANUEL FERNANDES TORRES .....	92

MANUEL FERNANDES TORRES .....	92
PADRE MANUEL FERREIRA .....	92
MANUEL FERREIRA DE CAMPOS .....	92
MANUEL FERREIRA PENALVA .....	93
MANUEL FIGUEIROA CASTELO BRANCO .....	93
MANUEL FIGUEIROA CASTELO BRANCO .....	93
MANUEL DA FONSECA .....	94
FREI MANUEL DA FONSECA .....	94
MANUEL DA FONSECA COUTINHO CASTELO BRANCO .....	95
MANUEL DA FONSECA DE PISA .....	95
MANUEL FRANCISCO CANAIS .....	96
MANUEL FRANCISCO DOS SANTOS .....	96
MANUEL FRANCO .....	96
MANUEL FREIRE DE ANDRADE .....	96
MANUEL FREIRE DE ANDRADE E CASTRO .....	97
MANUEL DO FREIXO .....	97
MANUEL FUREIRO .....	98
MANUEL GALVÃO DE ANDRADE .....	98
MANUEL DA GAMA BOTELHO .....	98
MANUEL GARCIA .....	98
MANUEL GIL LIGEIRO .....	98
MANUEL GOMES .....	99
MANUEL GOMES .....	100
MANUEL GOMES FALEIRO .....	100
MANUEL GOMES FERREIRA OU TEIXEIRA .....	100
MANUEL GOMES TEIXEIRA .....	100
MANUEL GONÇALVES .....	100

MANUEL GONÇALVES DE MOURA .....	101
MANUEL DA GUARDA .....	102
DR. MANUEL DA GUERRA .....	102
MANUEL HOMEM DA COSTA .....	102
MANUEL HOMEM PESSOA .....	103
PADRE MANUEL INFANTE D'ACHA .....	104
MANUEL JOÃO CARDOSO .....	104
MANUEL JOAQUIM DA ENCARNAÇÃO SISUDO .....	105
MANUEL JOAQUIM PEDROSO .....	105
MANUEL JORGE .....	105
MANUEL JORGE BARBOSA .....	106
MANUEL JOSÉ DA NÓBREGA CAMISÃO .....	106
D. MANUEL DE LACERDA 1º .....	107
D. MANUEL DE LACERDA 2º .....	107
MANUEL LEITÃO .....	107
MANUEL LEITE DE PAIVA .....	107
MANUEL DE LEMOS .....	107
MANUEL LOBATO PINTO .....	108
MANUEL LOBO DA GAMA .....	109
MANUEL LOBO DA PONTE .....	109
MANUEL LOPES .....	110
MANUEL LOPES CANHÃO .....	111
MANUEL LOPES GASTÃO .....	111
DR. MANUEL LOPES NETO .....	112
MANUEL LOPES DE OLIVEIRA .....	112
MANUEL LOPES DA SILVA .....	113
MANUEL LOPES DE TORRES FERREIRA HOMEM .....	113

MANUEL LOURENÇO DE BARROS .....	114
MANUEL LOURENÇO FRANCO .....	114
MANUEL LUCAS DE MATOS .....	114
MANUEL DE LUCENA .....	115
MANUEL LUIS BORRACHO .....	115
MANUEL MACHADO .....	115
MANUEL DE MAGALHÃES MEXIA MACEDO .....	116
MANUEL MARIA MATROCO .....	116
MANUEL MARINHO .....	117
MANUEL MARINHO PEREIRA .....	117
MANUEL MARQUES DE LIMA .....	117
MANUEL MARQUES DA SILVA .....	118
MANUEL MARTINS CARAPELO .....	118
MANUEL MARTINS CEPA .....	118
MANUEL DE MATOS .....	119
MANUEL DE MATOS AZAMBUJA .....	119
MANUEL MENDES HOMEM .....	119
MANUEL DE MERGULHÃO .....	119
MANUEL DE MONTARROIOS .....	120
PADRE MANUEL MONTEIRO .....	120
MANUEL MONTEIRO LEITÃO .....	120
MANUEL MONTEIRO DA PAZ .....	121
MANUEL MOREIRA DE CARVALHO .....	121
MANUEL MORGADO .....	122
MANUEL DE OLIVEIRA .....	122
MANUEL PASSANHA DE BRITO .....	123
MANUEL PAZES DE GOUVEIA .....	123

MANUEL PAZES PEREIRA .....	124
MANUEL PAZES DA VEIGA .....	124
MANUEL PEGAS DE VASCONCELOS .....	124
MANUEL PEIXOTO DA ROCHA .....	125
MANUEL PEREIRA .....	126
MANUEL PEREIRA BOTELHO .....	126
MANUEL PEREIRA LOBO .....	126
MANUEL PEREIRA PESTANA .....	127
MANUEL PINTO .....	127
MANUEL PIRES .....	127
MANUEL PIRES DE FARIA .....	127
MANUEL REIMONDO .....	127
MANUEL RIBEIRO .....	128
MANUEL DO RIO .....	128
MANUEL DA ROCHA DE CARVALHO .....	129
MANUEL RODRIGUES CARREIRA .....	129
MANUEL RODRIGUES DE CARVALHO .....	129
MANUEL RODRIGUES LOURINHO .....	129
MANUEL ROGADO DA SILVA .....	129
MANUEL ROSADO .....	130
MANUEL DE SANDE DE VASCONCELOS .....	130
MANUEL DOS SANTOS ROSA .....	130
MANUEL DE SARDINHA MORAIS .....	132
MANUEL SERRÃO .....	133
MANUEL DA SILVEIRA .....	133
MANUEL DA SILVEIRA DA FONSECA .....	133
MANUEL DA SILVEIRA DE SANDE .....	134

MANUEL SILVEIRO MARTINS .....	134
MANUEL DE SOUSA .....	134
MANUEL DE SOUSA ABREU .....	134
MANUEL DE SOUSA DE BRITO .....	135
MANUEL DE SOUSA GIRÃO .....	136
MANUEL SUEIRO .....	137
MANUEL SUEIRO DE CARVALHO .....	137
D. MANUEL DE TAVORA .....	137
MANUEL TELES DE MENEZES 1º .....	137
MANUEL TELES DE MENEZES 2º .....	139
MANUEL TELES DE MENEZES 3º .....	139
MANUEL TOSCANO .....	139
MANUEL VAZ DAS ARCAS .....	140
MANUEL VAZ DO CARVALHAL .....	140
MANUEL VAZ DE GUIMARÃES .....	140

IMPRESSO POR GRAFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM DE 1500 EXEMPLARES

MARÇO 1989

# MEMÓRIAS

de

## VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

